

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO**

DISSERTAÇÃO



"Tudo que você toca, você Muda": a reprodução do cenário distópico do Capitaloceno e a construção de estratégias utópico-religiosas em *A Parábola do Semeador* e *A Parábola dos Talentos*, de Octavia Butler

LUIZA DA SILVA SOUZA

PELOTAS, 2022

Luiza da Silva Souza

"Tudo que você toca, você Muda": a reprodução do cenário distópico do Capitaloceno e a construção de estratégias utópico-religiosas em *A Parábola do Semeador* e *A Parábola dos Talentos*, de Octavia Butler

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profº Eduardo Marks de Marques

Pelotas, 2023

LUIZA DA SILVA SOUZA

Tudo que você toca, você muda': a reprodução do cenário apocalíptico do Capitaloceno e estratégias de reversão das crises ecológicas em A Parábola do Semeador e A Parábola dos Talentos, de Octavia Butler.

Data da Defesa: 10/03/2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques (Orientador)

Doutor em: Australian Literature and Cultural History pela The University of Queensland, Austrália

Profª Dra. Marina Pereira Penteado

Doutora em: ESTUDOS DE LITERATURA pela Universidade Federal Fluminense, Brasil

Profª Dra. Rosani Úrsula Ketzer Umbach

Doutora em: Deutsche Literatur pelo Freie Universität Berlin, Alemanha

Prof. Luiz Espinelly

Colégio Sesi Pelotas

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S719t Souza, Luiza da Silva

"Tudo que você toca, você muda" : a reprodução do cenário distópico do capitaloceno e a construção de estratégias utópico-religiosas em A Parábola do Semeador e A Parábola dos Talentos, de Octavia Butler / Luiza da Silva Souza ; Eduardo Marks de Marques, orientadora. — Pelotas, 2023.

102 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Antropoceno. 2. Capitaloceno. 3. Parábola do semeador. 4. Octavia Butler. 5. Ecologia social. I. Marques, Eduardo Marks de, orient. II. Título.

CDD : 469.5

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Agradecimentos

“Tudo o que você toca,
Você Muda.
Tudo o que você Muda
Muda você.
A única verdade perene
É a Mudança
Deus é Mudança.”

Octavia Butler, 2018

Início meus agradecimentos através de duas mulheres que me Mudaram, que me fizeram ter um outro olhar para o mundo e experienciar um novo ciclo que me transformou enquanto alma. Octavia Butler e Lauren Olamina que foram minhas amigas confidentes, companheiras e que insistiram em mim durante essa minha jornada acadêmica.

Agradeço ao meu ciclo de apoio composto pelos meus familiares e amigos. À minha mãe, nem todas as palavras do mundo e unindo todos os dicionários existentes seriam capazes de expressar o que eu sinto por ela. Meu porto seguro, meu apoio, minha base e mulher que mais acredita em mim. Ela esteve comigo nos momentos de choro, desespero, alegria e apertos.

Agradeço ao meu pai que sempre me instiga ao conhecimento, com certeza um dos homens mais inteligentes que eu conheço e o qual sempre que eu tenho uma dúvida ingênua, responde-me com calma e sem julgamentos. O jeito tranquilo e paciente de transbordar conhecimento de meu pai me inspira a estar todos os dias exercendo minha profissão. Obrigada pela paciência, pai, muito do que eu sou enquanto “sora”, eu carrego de ti e da tua paciência.

Ainda no âmbito familiar, gostaria de agradecer meu irmão pelo tanto de apoio e carinho durante todos esses anos. És parte da minha alma, do que sou e do que vivo e para ele devo todo o meu amor por mil motivos que acho desnecessário citar aqui, mas destaco o fato de sempre estar ao meu lado nos momentos mais marcantes da minha vida. E por último, mas não menos importante, ao meu sobrinho Lorenzo, meu pedacinho de gente, presente que eu ganhei do meu irmão para trazer sorrisos e me lembrar *sempre* que eu devo permanecer com a “resposta inocente das crianças.” Amo vocês com toda a força do meu corpo e toda a água do meu corpo, vocês são minha luz, meu norte e meu sal.

Aos meus amigos, que são meu chão e minha inspiração, agradeço vocês com os olhos cheios de água no momento em que estou escrevendo isso. Meus confidentes, meus puxões de orelha e momentos de lazer e paz. Agradeço imensamente pelos ouvidos atentos às minhas tentativas de explicar sobre o que a minha dissertação se tratava e quais os objetivos a serem alcançados. Espero que tenham entendido. Amo vocês. Não ousei citar nomes para não deixar ninguém de fora, mas “os de verdade eu sei quem são”.

Não poderia deixar de citar os meus 7 *belos*, amigos, colegas e correntes nesse mar aberto da pós graduação. Estamos conseguindo, alguns de nós já são mestres e outros estão à caminho e juntos partilhamos essa caminhada e estamos chegando ao nosso objetivo. É sempre um prazer caminhar ao lado de vocês e, com toda certeza, se não fosse a paixão e motivação que vocês renovam em mim todos os dias, eu não teria o mesmo foco e força que obtive ao conviver com vocês.

Ainda gostaria de agradecer imensamente ao meu orientador. Paciente, empático e receptivo. Quando ainda estava na graduação, alcançando os últimos semestres, me desmotivada com o andamento do curso e cheguei a pensar até em desistir. Foi quando o Profº Eduardo me convidou para participar de seu projeto de Iniciação Científica que eu conheci os mundos distópicos e as diversas teorias contemporâneas, e essa união de um professor acolhedor com uma nova base teórica pela qual eu me interessava, não só me ajudaram a concluir o curso, como também dar sequência nos estudos da pós graduação. A orientação e a paciência dele me ajudaram a estar aqui, então eu dedico um agradecimento grande junto de um “finalmente Eduardo”, porque trilhamos um caminho longo para alcançar esse ponto aqui. Mas está tudo dando certo.

Adentramos no Mestrado em um momento crítico para a saúde pública mundial e uma época desafiadora para todos os setores sociais onde muitas vidas foram perdidas . Partindo de uma perspectiva social, o mundo se tornou um espaço carente nos diversos âmbitos devido à COVID-19. Foi um período complexo no qual muitas pessoas perderam suas vidas, algumas suas perspectivas e o mundo precisou se transformar para sobreviver.

Em meio a isso, gostaria de agradecer a Universidade Federal de Pelotas e o Programa de Pós Graduação em Letras pela resiliência de permanecer oferecendo formação aos estudantes e pela adaptação, criação de plataforma e pela garra dos professores em continuar.

Por fim, gostaria de agradecer a CAPES que forneceu a bolsa para promover a melhor qualidade no estudo e que me ajudou a custear as despesas acadêmicas.

Tia Eva e Tia Mari. Dói saber que não estão aqui para ver esse acontecimento na minha vida, mas sinto-vos aqui comigo.

Resumo:

SOUZA, Luiza Souza. **"Tudo que você toca, você Muda": a reprodução do cenário distópico do Capitaloceno e a construção de estratégias utópico-religiosas em *A Parábola do Semeador* e *A Parábola dos Talentos*, de Octavia Butler**. Orientador: Eduardo Marks de Marques, 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

As obras de Octavia Butler nos convidam a transcender os medos e anseios contemporâneos que são projetados na obra para um futuro distópico e representam através do espaço psicológico, físico e social, como se reproduz a era do Capital. Os romances são apresentados em um futuro pessimista no qual os personagens precisam lutar para sobreviver criando estratégias para dar conta de uma era de instabilidade, escassez e devastação, onde o cenário é uma Califórnia de desigualdades sociais, um aquecimento global descontrolado e um Estado impotente liberal (ou religioso no caso de *Talentos*) tudo como resultado da exploração irresponsável de recursos naturais. As obras de Butler nos convidam a transcender os medos e anseios contemporâneos que são projetados na obra para um futuro distópico. O foco da dissertação é tornar explícita a materialização do caos ecológico e social presentes nos romances de Butler. Partindo desse pressuposto, ao analisar a conjuntura capitalocênica apresentada no romance, que repensa a dinâmica de relações entre o ser humano e a natureza construindo uma prática de exploração ilimitada, é correto aferir que as distopias melhor apresentam sinais das consequências dos atos presentes e representam o futuro, porque estão conectadas diretamente com as ansiedades presentes das sociedades. Ao entendermos uma distopia como retrato de uma sociedade em ruínas, o Capitaloceno é distópico no sentido de que esses impactos ecológicos crescentes são causados pelo modo de produção capitalista que, atinge grupos sociais de maneira desigual. Temos por objetivo apresentar as análises que buscam observar como o conceito Capitaloceno se materializa nos espaços distópicos e analisar como a personagem do romance tenta criar estratégias para dar conta das explorações do sistema.

Palavras chave: Antropoceno. Capitaloceno. Ecologia Social. Distopia Ecológica. Octavia Butler. *Parábola do Semeador*. *A Parábola dos Talentos*.

Summary

SOUZA, Luiza Souza. **"All you touch, You Change" the reproduction of the dystopian scenario of the Capitalocene and the construction of utopian-religious strategies in *Parable of the Sower* and *Parable of the Talents*.** Advisor: Eduardo Marks de Marques, 2023. Dissertation (Masters in Languages) - Postgraduate Program in Languages, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

The works of Octavia Butler invite us to transcend the contemporary fears and anxieties that are projected in the work towards a dystopian future and represent, through the psychological, physical and social space, how the era of Capital is reproduced. The novels are presented in a pessimistic future in which the characters need to fight to survive, creating strategies to deal with an era of instability, scarcity and devastation, where the scenario is a California of social inequalities, uncontrolled global warming and an impotent liberal State. (or religious in the case of *Talents*) all as a result of the irresponsible exploitation of natural resources. Butler's works invite us to transcend the contemporary fears and anxieties that are projected in the work towards a dystopian future. The focus of the dissertation is to make explicit the materialization of the ecological and social chaos present in Butler's novels. Based on this assumption, when analyzing the Capitalocene conjuncture presented in the novel, which rethinks the dynamics of relations between human beings and nature, building a practice of unlimited exploration, it is correct to infer that dystopias best present signs of the consequences of present acts and represent the future, because they are directly connected with the present anxieties of societies. By understanding a dystopia as a portrait of a society in ruins, the Capitalocene is dystopian in the sense that these increasing ecological impacts are caused by the capitalist mode of production, which affects social groups unevenly. We aim to present the analyzes that seek to observe how the Capitalocene concept materializes in dystopian spaces and analyze how the character of the novel tries to create strategies to deal with the system's explorations.

Key Works: Anthropocene. Capitalocene. Social Ecology. Ecological Dystopia. Octavia Butler. *Parable of the Sower*. *Parable of the Talents*.

Sumário

Introdução.....	10
1. Revisão Literária	14
1.1 Antropoceno e/ou Capitaloceno: surgimento de uma nova era.....	14
1.2 Utopia e Distopia: um projeto político de resistência.....	29
1.3 Capitaloceno: uma era distópica.....	34
2. “Tudo o que você toca, você muda”: a representação do cenário distópico Capitalocênico e os resultados da injustiça social.....	39
2.1 As atividades humanas, as consequências naturais e o resultante da crise social.....	40
2.2 As instituições.....	46
2.3. Diáspora.....	56
3. “Tudo o que você muda, muda você”: cultivando sementes em terras inférteis.....	63
3.1 Entre dores e desprazeres: a hiperempatia enquanto uma perspectiva renovadora.....	63
3.2 “Vislumbres de esperança”: O ponto de encontro entre utopia e religião.....	68
3.3 Consumo de Bolota e a Utopia da Utopia.....	77
4. Considerações Finais.....	93

Introdução

Os debates ambientais vêm ganhando força ao longo dos anos e com eles a reflexão sobre quais são as consequências a serem enfrentadas devido às interferências e modificações na organização natural. As distopias eco críticas da duologia *Semente da Terra* de Octavia Butler materializam, em cenários apocalípticos, as consequências das dominações que o capitalismo realiza com a natureza para se perpetuar e reinventar.

Em *A Parábola do Semeador* (1993), o espaço distópico descreve as condições de vida dos norte-americanos após a crise ecológica. O romance se passa em um mundo onde as crises ambientais e econômicas desencadearam desestabilidades sociais, além de não haver estruturas sociais e políticas que possam auxiliar a população. O que resta aos seus habitantes, é a tentativa de sobrevivência e estabilidade cercando seus bairros com muros com o objetivo manter o ambiente apocalíptico do lado de fora. Através desse romance, Octavia Butler retrata as potencialidades destrutivas do capitalismo que geram crises de recursos naturais até seu esgotamento, degradação ecológica e social. É através da literatura distópica que a autora salienta e provoca reflexões sobre o como os problemas ecológicos preconizam também problemas sociais.

No segundo romance, *A Parábola dos Talentos* (1998) é descrito como a violência, pobreza e o caos ainda prevalecem para a grande maioria da população, mas agora sob um governo fundamentalista religioso. Após as eleições de 2032, Andrew Jarret Lee é eleito sob a premissa de renovar a América através da religião cristã. Como resultado de seu fanatismo, novas faces da escravidão e experiências militares se espalham pelo país e dizem à população que não respeite ou siga as novas leis estabelecidas. Além de enfrentar as crises sociais correntes, ainda persiste e se agrava a situação ambiental.

A complexidade do colapso ecológico postula diferentes teorias para dar conta de explicitar os motivos dos desequilíbrios ambientais. Para essa dissertação iniciamos pelo Antropoceno, que ganha força no início do século XXI e que auxilia

na popularização das discussões ambientais. Nos anos 2000, com a publicação do artigo de Paul Crutzen e Eugene Stoermer, emergem os estudos sobre uma nova era geológica, esses que argumentam sobre os efeitos antrópicos como sendo grandes forças capazes de interferir na evolução terrestre (CRUTZEN; STOERMER, 2000, p. 17). É uma nova era chamada de Antropoceno (*antropos* - homem, *ceno* - era) que postula a humanidade como agente geológico modificador das camadas rochosas. As alterações atmosféricas são tão significativas que se fez necessário uma nova periodização (CARVALHO, 2015, p. 03).

A noção de Antropoceno proposta pelos autores auxilia essencialmente a determinar e examinar os efeitos das transformações humanas sobre os ecossistemas. Entretanto, por ser uma teoria geológica - cujo objetivo é abordar elementos físicos, biológicos e naturais - não dialogava sobre a magnitude dos impactos das desigualdades de espécies, não alcançava debates históricos e políticos e classifica a espécie humana como um agente impreciso e generalizado. Assim sendo, para essa dissertação buscou-se a interpretações críticas do Antropoceno que abarcassem uma abordagem social.

Utilizamos a teoria proposta por Jason Moore (2016, p. 2), o Capitaloceno (era do Capital) que estabelece uma relação teórica e dialética para análise dos romances. Moore argumenta que o sistema econômico capitalista é o articulador de uma nova organização da natureza (2016, p. 06) e pelo capitalismo ter como objetivo principal a produção de valores através da interação entre homem e natureza, desenvolve um sistema que se auto sustenta, pois ele cria um ciclo infinito de geração e acúmulo de riquezas e nele tanto a natureza quanto o trabalho tornam-se produtos de exploração (MARX, 1970, p. 12-13). A relação homem e natureza se ressignifica produzindo novas estruturas sociais que são representadas nos romances.

No campo literário, a crise das práticas de capitalistas de exploração de recursos naturais até seu esgotamento, desigualdade social e degradação ecológica se materializam nos mundos distópicos de Butler. Ao fazer isso através da literatura, ela salienta e provoca reflexões sobre problemas das sociedades humanas.

A palavra distopia vem do grego “dis” de “dor” “sofrimento” e “topos” significa lugar. Logo, distopia exprime um lugar de dor e dificuldade. Na literatura distópica se manifestam os impactos das crises existentes do presente em que se vive. É crucial para uma visão distópica registrar o impacto dos sistema sociais aparentemente

invisíveis na vida cotidiana de pessoas ordinárias (SARGENT, 2010, p. xii). Posto isso, o conceito de Capitaloceno auxilia na compreensão de como as práticas capitalistas de exploração de recursos naturais até seu esgotamento, desigualdade social e degradação ecológica se materializam no caos eco social.

O romance explicita quais são os recursos de sobrevivência criados pela protagonista para driblar as estruturas de dominação capitalista em uma jornada de resistência e transformação sistêmica. Nesse romance, a crise das práticas de exploração de recursos naturais até seu esgotamento se materializa no mundo de Lauren, onde muitas pessoas na Terra não têm dinheiro para água, comida, um teto e a solução para tudo tornou-se a violência (BUTLER, 2018, p. 28).

Esse romance mostra como a degradação ambiental causa danos nos sistemas sociais e políticos, principalmente com os grupos marginalizados. Há uma grande lacuna na condição de vida entre ricos e pobres. Enquanto tem um grupo pequeno de pessoas ricas, há muitas "pessoas pobres, analfabetas, desempregadas, desabrigadas, sem saneamento básico decente ou água limpa" (BUTLER, 2018, p. 70), em sua maioria negras e latinas. Também, a impotência governamental, gerada pela ganância capitalista dos líderes, aumenta ainda mais essa lacuna. Enquanto ricos têm condições de manter serviços básicos de saúde, segurança e alimentação, pessoas pobres vivem em condições de miséria. Sem contar que ainda enfrentam falta de recursos, pois não há água em lugar algum; falta de oportunidades e acessos.

O objetivo das reflexões trazidas nesta dissertação é tornar explícito a materialização do caos ecológico e social presentes nos romances de Butler. Para isso, no primeiro capítulo, *Revisões Literárias*, início com a problemática teórica sobre o porquê de o conceito de Capitaloceno, para essa discussão, alcança mais pontos de articulação com os romances do que o conceito de Antropoceno. Paul Crutzen e Eugene Stoermer (2000) e Jason Moore (2013) são os autores mais utilizados, dado que os dois primeiros autores são os precursores nas discussões sobre a nova era geológica do homem, enquanto o segundo autor destaca-se pela sua interpretação crítica sobre a nova era. Na segunda seção são discutidas as teorias contemporâneas utópicas e distópicas para pensar como o capitaloceno se instaura em um cenário apocalíptico futuro desenvolvendo uma injustiça ambiental.

No segundo capítulo, busca-se pensar como o capitaloceno se instaura em um cenário apocalíptico futuro, desenvolvendo uma injustiça ambiental nas Parábolas.

Nesta parte que se busca versar sobre como as violências ecológicas proporcionam uma vida desumana para pessoas pobres e marginalizadas. Assim como a nova era do Capital propõe que não são todos os seres humanos os responsáveis pelas transformações ecológicas, através dos romances busca-se mostrar que alguns são mais afetados pelas crises do que outros.

Por fim, no terceiro capítulo, discutiu-se quais os recursos de sobrevivência desenvolvidos pelos personagens com o objetivo de reverter o sistema vigente e sobreviver. A partir de uma síndrome que modifica toda sua experiência com o mundo, Lauren ressignifica o olhar sobre as pessoas, a Terra e os animais. É durante seus sentimentos conflitantes e questionamentos constantes que Olamina encontra e aceita um conjunto de ideias e percepções sobre a vida - a religião Semente da Terra. E a partir dela, nasce Bolota, uma comunidade estabelecida pela aceitação da constante renovação e capacidade de adaptação. Nosso objetivo neste capítulo é analisar como a religião e a comunidade buscam proporcionar um conjunto de estratégias para dar conta de sobreviver sob essa nova era.

1. Revisão Literária

1.1 Antropoceno e/ou Capitaloceno: surgimento de uma nova era

O ser humano deixa marcas notáveis no ambiente em que reside e isso ocorre por ser a espécie que mais adapta o lugar que habita a si, causando impactos que afetam o seu meio. A prova dessa afirmação reside na composição de nossa casa comum, a Terra, que sofreu e ainda sofre mudanças estruturais como resultado das intervenções no funcionamento natural ecológico. Busca-se então entender como essas modificações acontecem, quais os responsáveis e quais são as pessoas mais afetadas.

Essas discussões ganharam mais força no meio acadêmico a partir dos anos 2000, com a publicação do artigo *The Anthropocene* (2000) que fora escrito juntamente com o ganhador do Prêmio Nobel de Química de 1995, Paul Crutzen. O conceito de Antropoceno surge para teorizar e discutir o impacto que as atividades humanas causaram ao ponto de tornarem-se uma força geológica. O termo foi utilizado pela primeira vez pelo biólogo Eugene Stoermer no início dos anos 1980, mas ganhou força após o artigo.

A palavra Antropoceno provém do grego *antropos* significando “homem”, e *cenus* sendo “nova era”, nomeando uma nova era geológica proposta pelos autores para teorizar sobre as interferências humanas significativas globalmente, argumentando que os efeitos antrópicos documentados são grandes forças capazes de refletirem modificações nas camadas rochosas. Conforme vemos na citação abaixo, os autores afirmam que:

[...] aprendemos que 30-50% da superfície da terra foi transformada pela ação humana; mais nitrogênio é agora fixado sinteticamente e aplicado como fertilizantes na agricultura do que naturalmente fixado em todos os ecossistemas terrestres; a fuga para a atmosfera de NO proveniente da combustão de combustíveis fósseis e biomassa também é maior do que os insumos naturais, dando origem à formação de ozônio fotoquímico (“poluição”) em extensas regiões do mundo; mais da metade de toda a água doce acessível é usada pela humanidade; a atividade humana

aumentou a taxa de extinção de espécies em mil a dez mil vezes nas florestas tropicais (CRUTZEN, STOERMER, 2000, p. 17, minha tradução¹)

Crutzen e Stoermer (2000, p. 17) propõem que o domínio da espécie humana sobre a Terra é tão influente que está alterando o funcionamento atmosférico básico. O *anthropos*² desenvolve-se de forma a tornar-se uma força geológica comparada com as forças naturais, apesar da sua presença e importância já ser registrada no período holocênico - que se iniciou por volta de 11,6 mil anos, caracterizado pela última glaciação, mudanças climáticas e a globalização e desenvolvimento da espécie humana. As atividades humanas ao longo dos séculos ganham tanto destaque nas modificações atmosféricas que, como cita Luhuna Carvalho (2015, p. 3), se faz necessária uma nova periodização.

Com o desenvolvimento da teoria de uma nova era geológica surge a necessidade de uma delimitação temporal de início desse novo período. Contudo, por ser uma noção recente e ainda em desenvolvimento, não há um consenso entre os pesquisadores de uma data de estopim. Crutzen e Stoermer (2000, p. 17) escolhem o final do século 18, mais especificamente, com o início da Revolução Industrial (1760-1840), como uma data aproximada para o início da era do homem. Essa escolha acontece porque eles acreditam que é quando se destacam as atividades humanas sobre a atmosfera:

É o período em que os dados recuperados dos núcleos de gelo glacial mostram o início de um crescimento nas concentrações atmosféricas de diversos “gases de efeito estufa”, em especial o CO₂ e o CH₄ [...]. Essa data de início também coincide com a invenção da máquina a vapor por James Watt em 1784. Por volta dessa época, as assembleias bióticas na maioria dos lagos começaram a apresentar grandes mudanças. (CRUTZEN; STOERMER, 2000, p. 17-18, minha tradução³)

¹ Citação original: “[...] we learn that 30-50% of the land surface has been transformed by human action; more nitrogen is now fixed synthetically and applied as fertilizers in agriculture than fixed naturally in all terrestrial ecosystems; the escape into the atmosphere of NO from fossil fuel and biomass combustion likewise is larger than the natural inputs, giving rise to photochemical ozone (“smog”) formation in extensive regions of the world; more than half of all accessible fresh water is [...] used by mankind; human activity has increased the species extinction rate by thousand to ten thousand fold in the tropical rain forests.” (CRUTZEN, STOERMER, 2000, p. 17)

² Nessa dissertação, opta-se pelo termo *anthropos* como sinônimo de espécie humana. Essa escolha acontece visto que a palavra “humanidade” reporta dois sentidos, tanto a generalização da espécie humana, como também os atos de bondade e compaixão. De forma a evitar a ambivalência semântica, escolhe-se o termo grego.

³ Citação original: “This is the period when data retrieved from glacial ice cores show the beginning of a growth in the atmospheric concentrations of several “greenhouse gases”, in particular CO₂ and CH₄ (7). Such a starting date also coincides with James Watt’s invention of the steam engine in 1784.

A invenção das máquinas a vapor tornou possível o desenvolvimento de um sistema industrial complexo que propõe uma mudança radical nos meios de produção, que saem da dominância agrícola para uma dominação industrial (MOREIRA, 2016, 12) passando a utilizar combustíveis fósseis como energia. Pesquisadores como Ruy Moreira (2016, p.12) Carvalho (2015, p.5); Crutzen (2002, p.23) afirmam que os fósseis não danificam ou emitem nada para a atmosfera quando permanecidos nas profundidades, mas retirá-los e colocá-los em uso como forma de produção de energia acarreta transformações e impactos irreversíveis na natureza tais como o aquecimento global, que traz consigo o aumento das temperaturas dos oceanos e a diminuição da biodiversidade (Zalasiewicz et al., 2008, p. 4).

Enquanto os autores Simon Lewis⁴ e Mark Maslin⁵ (2015, p. 176) embora não neguem os grandes impactos geológicos da Revolução Industrial para o Antropoceno, defendem a data de 1610, que marca a chegada dos europeus às Américas, como estopim da era. Segundo eles, esse seria o "momento áureo"⁶, pois marca uma nova organização repentina do ser humano e da natureza. Além de apresentarem argumentos em termos estratigráficos, destacam também os impactos sociais.

Ao propor uma nova data para o Antropoceno, os autores reorientam essa noção. Para eles (2015) a preocupação é demonstrar que não somente as camadas rochosas terrestres sofreram modificações drásticas, mas também diversas espécies, incluindo a humana:

Além de alterar permanente e dramaticamente a dieta de quase toda a humanidade, a chegada dos europeus às Américas também levou a um grande declínio no número de humanos. As estimativas populacionais regionais somam um total de 54 milhões de pessoas nas Américas em 1492, com estimativas recentes de modelagem populacional de 61 milhões

About at that time, biotic assemblages in most lakes began to show large changes." (CRUTZEN; STOERMER, 2000, p. 17-18)

⁴ Simon Lewis é atualmente professor de Ciência da Mudança Global. O autor é formado em Ecologia das Plantas e possui diversos artigos e livros sobre a temática do Antropoceno. Em 2018, publicou o *The Human Planet: How We Created the Anthropocene*.

⁵ Profesor de Ciência do Sistema Terrestre, cientista formado em mudanças climáticas globais e regionais e membro de comitês e conselhos ambientais, além de já ter publicado mais de 175 artigos sobre as transformações terrestres.

⁶ Na língua original, a expressão utilizada é "golden spike" (LEWIS; MASLIN, 2015, p. 176). A tradução mais utilizada pelo autor Nicholas Mirzoeff (2016, p. 14) é "momento áureo", mas em alguns artigos podem ser encontradas outras traduções como "ponto de bifurcação" (BARCELOS, 2019, p. 04).

de pessoas. Os números diminuíram rapidamente para um mínimo de cerca de 6 milhões de pessoas em 1650 por meio da exposição a doenças transmitidas por europeus, além da guerra, escravidão e fome (LEWIS; MASLIN; 2015, p. 175, minha tradução⁷)

Ao incluir os seres humanos também como vítimas das consequências das modificações ambientais, os autores instauram preocupações sociais nas discussões antropocênicas. A escolha da data de 1610 é defendida porque afeta a percepção das atividades antrópicas no meio ambiente; altera a maneira como se faz a história e como se constrói o desenvolvimento das sociedades destacando as desigualdades de poder entre diferentes grupos (LEWIS; MASLIN, 2015, p. 177-178).

A partir de uma proposta que exhibe o ser humano como também afetado pelas transformações, institui-se o debate de que não se pode generalizar a espécie humana, ou seja, não pode existir uma homogeneização. Nesse sentido, afunilar o *anthropos* como agente geológico se faz necessário na medida em que o homem se torna exterminador de sua própria espécie. O Antropoceno não dá conta de explicitar essas discussões socioecológicas, pois concentra-se em estudar mais especificamente o período de modificações estratosféricas.

Apesar da noção do Antropoceno não abordar profundamente o aspecto social pelos motivos citados acima, iniciar por ele a discussão sobre o momento atual que vivemos é basilar, porque é a partir dele que as discussões ambientais se popularizam. É ele que primeiro localiza a espécie humana como responsável pelas mudanças ecológicas. O debate ambiental é reaquecido (BARCELOS, 2019, p. 01) pela noção do Antropoceno no final do século XX, analisando a evolução terrestre pelo viés das intervenções humanas, pois as modificações não são meramente naturais.

⁷ Citação original: “Besides permanently and dramatically altering the diet of almost all of humanity, the arrival of Europeans in the Americas also led to a large decline in human numbers. Regional population estimates sum to a total of 54 million people in the Americas in 1492, with recent population modelling estimates of 61 million people⁵⁸. Numbers rapidly declined to a minimum of about 6 million people by 1650 via exposure to diseases carried by Europeans, plus war, enslavement and famine” (LEWIS; MASLIN; 2015, p. 175)

Ainda sobre a relevância de iniciar o debate pelo Antropoceno, o autor Jason Moore (2016, p. 02) encoraja as argumentações acerca do conceito por ser uma potente base quanto às questões ambientais, mas ainda mais influente pois oferece uma gama de variações e críticas:

O Antropoceno é um ponto de partida que vale a pena não só por sua popularidade, mas, mais importante, porque coloca questões que são fundamentais para nossos tempos: como os humanos se encaixam na teia da vida? Como várias organizações e processos humanos - estados e impérios, mercados mundiais, urbanização e muito mais - remodelaram a vida planetária? A perspectiva do Antropoceno é justamente poderosa e influente para trazer essas questões para a corrente acadêmica - e até (mas de forma desigual) para a consciência popular. (MOORE, 2016, p. 2, minha tradução⁸)

Também é importante ressaltar que o Antropoceno, sobretudo, auxilia essencialmente a determinar e examinar os efeitos das transformações humanas sobre os ecossistemas. Entretanto, ao omitir a magnitude dos impactos das desigualdades de espécies, não alcançar debates históricos e políticos e tornar a espécie humana como um agente impreciso e generalizado, torna-o uma teoria essencialmente geológica e para essa dissertação não permite uma análise mais centralizada. Jason Moore (2017, p. 02) afirma que os questionamentos do Antropoceno são fáceis, porque não provocam questões de violência, alienação ou questionam as estratégias de poderes que se instauram na reorganização da natureza.

Para essa dissertação, somente a noção de Antropoceno não se faz suficiente. Primeiramente, porque a Terra é composta por várias espécies e,

⁸ Citação original: The Anthropocene is a worthy point of departure not only for its popularity but, more importantly, because it poses questions that are fundamental to our times: How do humans fit within the web of life? How have various human organizations and processes—states and empires, world markets, urbanization, and much beyond—reshaped planetary life? The Anthropocene perspective is rightly powerful and influential for bringing these questions into the academic mainstream—and even (but unevenly) into popular awareness. (MOORE, 2016, p. 02)

inclusive, dentro das próprias espécies não há homogeneidade, e quando se fala da espécie humana, a generalização é perigosa. Humanos não vivem nas mesmas condições, não possuem as mesmas oportunidades e cada grupo de pessoas se relaciona com a natureza de maneira diferente. Ainda assim, o Antropoceno unifica todos os seres humanos como um só e culpa-os de todas as atrocidades ambientais.

Em segundo lugar, pela noção do Antropoceno “[...] o crescimento da população e o consumo de recursos naturais ficam dispostos em eventos lineares e foge a qualquer menção dos conflitos históricos, as discontinuidades, os câmbios e as desigualdades estruturais resultantes das transformações globais.” (BARCELOS, 2019, p. 08). Logo, como o objetivo aqui é analisar as situações de desigualdade geradas pelas transformações globais, uma noção que não alça os debates históricos e sociais é insuficiente.

Para melhor elucidar a motivação de não utilizar somente o Antropoceno como única teoria que reflete sobre as crises ambientais nesse texto, utiliza-se as cinco problemáticas discutidas por Daniel Hartley (2016, p. 155-158), as quais questionam quanto à filosofia da história implícita do Antropoceno. Para o autor, a noção é profundamente problemática já que suas propostas são apolíticas e se fazem ignorantes em relação aos processos histórico, econômico e cultural. O cerne de sua crítica concentra-se nas intervenções ecológicas que o Antropoceno propõe, pois elas utilizam discursos voltados aos argumentos meramente materialistas e abstratos. Os cinco problemas surgem da necessidade de explicitar o porquê a maneira de pensar do Antropoceno é fraca e não é própria para explicações completas das mudanças geológicas.

A primeira questão é O Determinismo Tecnológico (“Technological Determinism”⁹) que critica o início do Antropoceno em 1800. O autor argumenta que, na verdade, a data marco do Antropoceno não reside na invenção das máquinas a vapor, mas sim com a ascensão da sociedade capitalista:

⁹ Origem da citação (HARTLEY, 2016, p. 156)

Inerente ao discurso do Antropoceno está uma concepção de causalidade histórica que é puramente mecânica: um modelo de bola de bilhar individual de invenção tecnológica e efeito histórico. Mas isso é simplesmente inadequado para os modos sociais e relacionais reais de causação histórica. O fato de que a própria tecnologia está ligada às relações sociais, e muitas vezes tem sido usada como uma arma na guerra de classes, não desempenha nenhum papel no discurso do Antropoceno. (HARTLEY, 2016, p. 156, minha tradução¹⁰)

Ao compreender que as transformações eco-sociais aumentam com o princípio de uma sociedade exploratória capitalista, permite aos estudiosos um olhar aguçado para as relações de exploração do trabalho e da natureza. O sistema capitalista tem como objetivo principal o lucro (MOORE, 2016, p.102) e desenvolve um sistema circular que se auto sustenta, pois ele cria um ciclo infinito de geração e acúmulo de riquezas. Dentro desse sistema, tanto a natureza quanto o trabalho tornam-se produtos de exploração. A relação homem e natureza se ressignifica, pois

No princípio da humanidade, havia uma unicidade orgânica entre o homem e a natureza, onde o ritmo de trabalho e da vida dos homens associava-se ao ritmo da natureza. No contexto do modo de produção capitalista, este vínculo é rompido, pois a natureza, antes um meio de subsistência do homem, passa a integrar o conjunto dos meios de produção do qual o capital se beneficia. (OLIVEIRA, 2002, P. 05)

A segunda problemática argumenta que o Antropoceno costuma narrar o passado através de uma projeção do presente. Por isso, A Aniquilação do Tempo de Práxis (“Annihilation of the Time of Praxis”¹¹) é defendida pelo autor, pois argumenta que o Antropoceno pensa o passado de maneira controversa. Para essa noção, o aspecto histórico é somente uma tradução de um tempo vazio e homogêneo. A terceira problemática está localizada em Uma Visão Liberal da

¹⁰ “Inherent to the Anthropocene discourse is a conception of historical causality which is purely mechanical: a one-on-one billiard ball model of technological invention and historical effect. But that is simply inadequate to actual social and relational modes of historical causation. The fact that technology itself is bound up with social relations, and has often been used as a weapon in class war, plays no role in Anthropocene discourse whatsoever.” (HARTLEY, 2016, p. 156)

¹¹ Origem da citação: (HARTLEY, 2016, p. 156)

História (“Whig View of History”¹²). Ela acusa o Antropoceno de ter uma visão histórica interminável de progressão humana, sendo assim nega propositalmente a pobreza, desigualdade e violência.

O discurso do Antropoceno é essencialmente tecnológico (HARTLEY, 2016, p 157) e, por isso, a quarta problemática argumenta que o Antropoceno oferece soluções técnicas e gerenciais apolíticas (“Apolitical Technical and Managerial Solutions”¹³). O autor argumenta que as soluções propostas pelos cientistas são demasiadamente técnicas:

Os cientistas chegam a essas soluções apolíticas precisamente porque nunca colocam o Antropoceno como um problema político, em primeiro lugar. [...] Assim como os cientistas do Antropoceno não podem ver a tecnologia como uma força política, também não podem ver a política como uma força material. Na verdade, eles têm uma concepção problemática da materialidade como tal. (HARTLEY, 2016, p. 157, minha tradução¹⁴)

A quinta problemática é propositalmente deixada para o final, pois ela aborda a questão central do porquê a noção de Antropoceno não dá conta de cobrir os questionamentos trazidos nesta dissertação. Hartley (2016, p. 155) argumenta que no cerne das discussões da era *Antros* está o homem, mas o quê ou quem seria esse homem ainda se mantém na dúvida. Por ser uma noção generalizada da humanidade, para explicar os fenômenos ecológicos, ele opta por uma concepção histórica que “veria os humanos como internamente diferenciados e em constante desenvolvimento por meio de contradições de poder e re /produção (HARTLEY, 2016, p. 155, minha tradução¹⁵).

Enquanto a era do *Anthropos* deixa de lado ou sequer alcança aspectos sociais, há outras interpretações que permitem um debate socioeconômico. Como resultado do crescente debate sobre a crise ambiental surgem novas versões que buscam explicar como, quando e o porquê das transformações que reorganizam a

¹² Origem da citação: (HARTLEY, 2016, p. 156)

¹³ Origem da citação: (HARTLEY, 2016, p. 156)

¹⁴ “The scientists arrive at such apolitical solutions precisely because they never pose the Anthropocene as a political problem in the first place.[...] Just as Anthropocene scientists cannot see technology as a political force, so they cannot see politics as a material force. Indeed, they have a problematic conception of materiality as such. (HARTLEY, 2016, p. 157)

¹⁵ Citação original: “A historical conception of humanity, in contrast, would see humans as internally differentiated and constantly developing through contradictions of power and re/production.” (HARTLEY, 2016, p. 155)

natureza. Algumas das novas interpretações que surgem do Antropoceno são o Capitaloceno (MOORE, 2016, p. 1), Chthuluceno (HARAWAY, 2016, p. 34), Necroceno (MCBRIEN, 2016, p. 116).

Haraway usa de uma mitologia do povo Goshute para fazer alusão a proporção e ao impacto causados pelo Antropoceno. Pimora Cthulhu é uma espécie de aracnídeo que vive sob tocos em florestas e recebe esse nome devido a sua aparência similar à Cthulhu - entidade cósmica presente em um terror chamado H.P. Lovecraft. Durante os rituais de evocação de Cthulhu, o monstro com seus tentáculos se apropria de tudo em sua volta, inclusive as mentes dos seres humanos que o evocaram. Então, o Chthuluceno é analogia sobre o sistema capitalista e como ele age se apossa da natureza, se apropriando e modifica-a de tal modo até que alcance suas ruínas. Assim como Moore, Haraway defende que é necessário problematizar a percepção equivocada de endereçar a responsabilidade das mudanças ecológicas à espécie humana:

Mas pelo menos uma coisa é cristalina. Não importa o quanto o ser humano possa ser pego no universal masculino genérico e o quanto ele apenas procure, o Anthropos não fez essa coisa de extração e, por isso, não deveria receber o nome dessa nova era. Afinal, o Anthropos não é o fundador. [...] A espécie humana não moldou as condições para a Terceira Idade do Carbono. A história do Homem Espécie como o agente do Antropoceno é uma reprise quase risível da grande aventura fálica humanizadora e modernizadora, onde o homem, feito à imagem de um Deus desaparecido, assume superpoderes em sua ascensão secular-sagrada, apenas para terminar em trágica interrupção, mais uma vez. (HARAWAY, 2016, p. 51)

Já o Necroceno parte da premissa de que a nova era é um momento geológico e sociológico marcado pela destruição e extinção o que o Capitalismo proporciona (MCBRIEN, 2016, p. 17). Para o autor, a nova era é marcada por um tipo de catástrofe que gera mortes sejam físicas, orgânicas ou culturais. Devido ao resultado do rápido avanço das crises globais. O autor argumenta que o Necroceno destrói não somente o ambiente, mas também os seres humanos, suas culturas e afeta diretamente a organização da fauna.

A acumulação de capital é a extinção do potencial de acumulação – um potencial cada vez mais ativado nas últimas décadas. Esse tornar-se extinção e não é simplesmente o processo biológico de extinção de espécies. É também a extinção de culturas e línguas, seja pela força ou pela assimilação; é o extermínio de povos, seja por meio da EXTINÇÃO ACUMULADORA de trabalho [...] ou assassinato deliberado; é a extinção da terra no esgotamento de combustíveis fósseis, minerais de terras raras, até mesmo o elemento químico hélio; é a acidificação e eutrofização dos oceanos, o desmatamento e a desertificação, o derretimento das camadas de gelo e o aumento do nível do mar; (MCBRIEN, 2016, p. 116-117, grifos do autor, minha tradução¹⁶)

Apesar de elas se aproximarem quanto às críticas ao Antropoceno, as interpretações são diferentes quanto aos marcos temporais, origem, concepções ecológicas, históricas e sociais. Devido ao objetivo da dissertação, o Capitaloceno será a teoria que auxiliará no diálogo com os romances.

Para tornar presente no debate a questão de sistemas de poderes, desigualdade e privilégios, que são tópicos necessários para dar seguimento nessa discussão, é substancial acionar a noção de Capitaloceno de Jason Moore. O autor propõe, primeiramente, reverter a lógica simplista de considerar o *Antropos* como uma única espécie, um ator coletivo, pois o ser humano não age conjuntamente. Em vez disso, ele argumenta que o sistema econômico capitalista é o articulador de uma nova forma de organização da natureza e estabelecedor das novas relações entre homem-trabalho e natureza (2015, p. 174-175). Para Moore (2016, p. 81) não há só uma troca de vocabulários, ir da era *Antropos* para a era do Capital, mas sim a adoção de uma nova perspectiva:

¹⁶ Citação original: The accumulation of capital is the accumulation potential extinction—a potential increasingly activated in recent decades. This becoming extinction is not simply the biological process of species extinction. It is also the extinguishing of cultures and languages, either through force or assimilation; it is the extermination of peoples, either through labor ACCUMULATING EXTINCTION [...] or deliberate murder; it is the extinction of the earth in the depletion fossil fuels, rare earth minerals, even the chemical element helium; it is ocean acidification and eutrophication, deforestation and desertification, melting ice sheets and rising sea levels; (MCBRIEN, 2016, p. 116-117)

O argumento do Capitaloceno diz três coisas que a perspectiva do Antropoceno não diz - e não pode. Primeiro, ele insiste que a história do capitalismo é uma relação de capital, poder e natureza como um todo orgânico. É ecológico mundial (Moore 2015a). É um caso multiespécies. O capitalismo não é um sistema puramente econômico nem social [...] Em segundo lugar, a história do capitalismo não pode ser reduzida à queima de combustíveis fósseis, na Inglaterra ou em qualquer outro lugar. É uma história das relações de poder e reprodução com base no nexo do dinheiro. Essas relações envolvem carvão e outras fontes de energia do século XVI; eles permitiram ondas sucessivas de conquista global e as apropriações mundiais da Natureza Barata. Terceiro, o argumento do Capitaloceno desafia a visão eurocêntrica - e francamente falsa - do capitalismo emergente na Inglaterra durante o século XVIII. (MOORE, 2016, p. 81, minha tradução¹⁷)

Antes de aprofundarmos a noção de Capitaloceno, precisamos iniciar pelo entendimento de Moore por *Capital*. A nova era proposta pelo autor é pensada primeiramente através do viés destrutivo/criativo e exploratório do capitalismo, sistema econômico e social que tem como objetivo a acumulação excessiva, descontrolada e infindável de capital. Ele opera pela exploração da natureza como um recurso barato, de fácil acesso e pela perpetuação da desigualdade e exploração do trabalho (COLTRO; BORINELLI, 2020, pág. 164). Ao analisar esses fenômenos do capitalismo, Moore (2016, p. 84-85) argumenta que esse sistema se forma pela natureza humana e não-humana que produzem modificações ecológicas. Ele defende que o sistema não pode ser chamado de uma economia mundial, mas uma ecologia mundial, porque a história do capital é pautada pela "movimentação da terra" (BARCELOS, 2019, p. 11), ou seja, extração de recursos para produção de matéria prima.

¹⁷ The Capitalocene argument says three things that the Anthropocene perspective does not—and cannot. First, it insists that the history of capitalism is a relation of capital, power, and nature as an organic whole. It is world-ecological (Moore 2015a). It is a multispecies affair. Capitalism is neither a purely economic nor social system[...] Second, the history of capitalism cannot be reduced to the burning of fossil fuels, in England or anywhere else. It is a history of the relations of power and re/production premised on the cash nexus. Those relations enfolded coal and other energy sources from the sixteenth century; they allowed for successive waves of global conquest and the worldwide appropriations of Cheap Nature. Third, the Capitalocene argument challenges the Eurocentric—and frankly false— view of capitalism as emerging in England during the eighteenth century (MOORE, 2016, p. 81)

Barcelos (2019, p.11) argumenta que a história do capital acontece pelo "conjunto de relações interdependentes com a ampla rede da vida que governam a interpenetração da humanidade com (e dentro da) natureza no curso da história". Indo por esse caminho, entende-se que o funcionamento do capitalismo não é uma dicotomia entre a natureza e a sociedade (CARVALHO, 2015, p. 25), mas uma relação conjunta, porque torna a exploração da natureza algo necessário para sua subsistência. Moore ao contrário de Carvalho não pensa que o Capitalismo produz a natureza, mas que seu caráter destrutivo e criativo é uma como uma nova forma de organizá-la (MOORE, 2016, P. 85).

Com isso, o Capitaloceno postula a destruição harmônica do que Moore chama de ecologia *oikeios*¹⁸(2013a, p. 02). Ele utiliza essa conceituação para afirmar que toda e qualquer atuação humana está interligada com a natureza e as atuações dela estão organicamente produzindo interação com as espécies (MOORE, 2013b, p. 02). Essa é uma relação histórica e através do *oikeios* formam e reformam-se relações e condições da vida humana: "[...] a natureza se move de substantivo ("o ambiente") para verbo (criação de ambiente). As organizações humanas são processos e projetos criadores do ambiente; por sua vez, a teia da vida molda a organização humana." (MOORE, 2016, p. 76, minha tradução¹⁹). Partindo dessa perspectiva, a natureza está dentro da humanidade e a humanidade está dentro da natureza. Se o capitalismo é uma nova maneira de organizar a natureza, então, adotando a ecologia *oikeios*, ele também molda a organização da vida humana.

O argumento do Capitaloceno diz que a responsabilidade pela mudança climática e outras alterações geológicas está localizada na mão dos capitalistas, ou seja, os donos do capital. Dentro da tese de Moore (2016), as transformações mundiais se concentram num círculo imperialista e colonial e acontecem porque "o capitalismo não se desenvolve sobre a natureza global, mas emerge por meio das relações confusas e contingentes dos humanos com o resto da natureza" (MOORE, 2015, p. 53, minha tradução²⁰). O processo complexo que se instaura é de "arrastar

¹⁸ O termo é derivado do grego Oikeios, ele significa "casa", "lar", "pertencente à família".

¹⁹ Citação Original: "[...] nature moves from noun ("the environment") to verb (environment-making). Human organizations are environment-making processes and projects; in turn the web of life shapes human organization." (MOORE, 2016, p. 76)

²⁰ Citação original: "capitalism does not develop upon global nature so much as it emerges through the messy and contingent relations of humans with the rest of nature." (MOORE, 2015, p. 53)

a complexa trama da vida para o processo de reprodução e acumulação"(BARCELOS, 2019, p. 13).

A era do capital surge a partir do século XVI datada pela ascensão global do capitalismo. Assim como Lewis e Maslin (2015), Moore (2013a, 2015, 2016) argumenta que o estopim das transformações geológicas não iniciam com a combustão de fósseis em um lugar específico da Europa. Ao invés disso, o autor propõe uma formulação histórica do ponto de partida da era do capital. Para ele (MOORE, 2016, p. 176), a era não inicia com uma visão eurocêntrica ou uma noção de recursos bem utilizados como o Antropoceno propõe, mas centralização do poder na mão de poucos e na acumulação incessante de dinheiro. Essa nova maneira de pensar propõe uma reflexão do capitalismo como algo mais profundo já que ele é

[...] Uma nova forma de organizar as relações entre trabalho, reprodução e as condições de vida. Mercados, preços e dinheiro ainda são importantes nesse quadro. Mas a alternativa nos permite começar a olhar como cada mercado, cada preço e cada movimento e acumulação de dinheiro foi agregado à natureza extra-humana - e ao trabalho humano também, grande parte dele não pago. (MOORE, 2016, p. 85, minha tradução²¹)

A relação entre natureza e sociedade humana acaba fragmentada. A harmonia da ecologia *oikeios* é perturbada, porque se estabelece uma nova relação de desigualdade, poder, riqueza e exploração das naturezas humana e extra humana (Moore, 2016, p. 85). Mais significativamente, modifica o ciclo harmonioso para uma transição de controle da Terra. Isso tudo só é possível através do trabalho, pois com ele há transformações de matéria prima em mercadorias. Moore (2016, p. 93) aponta que se o capitalismo é a busca pela acumulação sem fim, e ela acontece pela exploração de recursos humanos e extra-humanos, o ponto de partida da discussão deve ser o trabalho.

Ao situar o trabalho como sua fonte de valorização e manutenção, o capital explora e mercantiliza as atividades humanas. Mais ainda "o capitalismo tem sua origem na captura e na exploração de trabalho não pago, quer na forma da

²¹ Citação original: "[...]a new way of organizing the relations between work, reproduction, and the conditions of life. Markets, prices, and money are still important in this frame. But the alternative allows us to start looking at how every market, every price, and every movement and accumulation of money was bundled with extra-human nature—and human work too, much of it unpaid" (MOORE, 2016, p. 85)

exploração, quer na forma de apropriação de bens" (CARVALHO, 2015, p. 25). Nesse jogo de exploração da mão-de-obra humana surge paradigma onde se estabelece uma quantificação do valor da vida: "começamos a fazer novas perguntas sobre a relação entre mudança ambiental e cujo trabalho é valorizado e quais vida são importantes" (MOORE, 2016, p. 78).

Há um deslocamento na compreensão do que antes era humano e não humano para o entendimento de produtivo e não um produtivo (CARVALHO, 2015, p. 29). O que ocorre é um movimento de apropriação do trabalho assalariado e como argumenta Moore (2015, p. 76)) a apropriação do trabalho remunerado é tão importante que a taxa crescente de exploração depende dos frutos da apropriação²². Essas transformações sugerem que o capital estabelece medidas de valores nos produtos humanos e não humanos. Ou seja, é uma quantificação para sustentar o discurso de produtividade laboral para controle e extração de recursos naturais.

Ao colocar certo tipo de trabalho como assalariado sugere-se que certo tipo de mão-de-obra é menos valorizado do que outra e a partir disso, surgem as desigualdades. Na verdade, a história do capitalismo tem a mácula da exploração, pois ele se sustenta através dessa realidade:

[...] a história da Humanidade e da Natureza esconde um segredo sujo da história do mundo moderno. Esse segredo é como o capitalismo foi construído excluindo a maioria dos humanos da Humanidade - povos indígenas, africanos escravizados, quase todas as mulheres e até mesmo muitos homens de pele branca (eslavos, judeus, irlandeses). Do ponto de vista dos administradores imperiais, mercadores, fazendeiros e conquistadores, esses humanos não eram humanos de forma alguma. Eles eram considerados parte da Natureza, junto com as árvores, solos e rios - e tratados de acordo. (Moore, 2016, p. 8., minha tradução²³)

O capitalismo é fruto da exploração e da escravidão. A extorsão do trabalho é uma peça crucial para a formação do sistema capitalista europeu, pois é a partir das produções plantadas por escravos que aumentaram os comércios e negociações globais (WILLIAMS, 1975, p. 3-10). Conforme Mirzoeff (2016, p. 04) "a história universal é a história de como o capitalismo produziu a globalização, essa história é,

²² O autor nomeia esses frutos de apropriação como "Four Cheaps" ou "Os quatro baratos"(tradução literal) que seriam o trabalho, alimento, energia e matérias primas (MOORE, 2015, p. 27)

²³ Citação original: For the story of Humanity and Nature conceals a dirty secret of modern world history. That secret is how capitalism was built on excluding most humans from Humanity—indigenous peoples, enslaved Africans, nearly all women, and even many white-skinned men (Slavs, Jews, the Irish). From the perspective of imperial administrators, merchants, planters, and conquistadores, these humans were not Human at all. They were regarded as part of Nature, along with trees and soils and rivers—and treated accordingly. (MOORE, 2016, p...)

por sua vez, também a história da escravidão, que, juntamente com a troca transatlântica de plantas, bens, pessoas, animais e vírus - todos causados pelo comércio triangular”. O crescimento econômico provém de mãos negras, indígenas, latinas, mas a esses corpos restam a miséria, condição de vida precária.

Resta pensar então qual o papel das eras do Antropo e Capitaloceno no cenário da exploração e escravidão. Mirzoeff questiona para o discurso do Antropoceno a mesma problemática levantada pelos estudiosos do Capitaloceno citados até agora, sobre qual tipo de “homem” é entendido ao falar de “Antropoceno”; respondendo a sua própria pergunta, ele conclui que o “*anthropos* no Antropoceno acaba por ser reconhecido como o nosso velho amigo (imperialista) homem branco, então, o meu mantra se tornou: não se trata do Antropoceno, mas sim da cena da supremacia branca” (MIRZOEFF, 2016, p. 1, grifos do autor). A pergunta e resposta de Mirzoeff é contemplada pela noção do Capitaloceno, pois o homem branco, imperialista é o conhecido capitalista. Não há como tentar resolver os questionamentos de classe e relações de poder utilizando as teorias Antropocênicas, porque a noção não fornece aporte suficiente sobre o tópico social. Entretanto, ao optar pelo viés Capitalocênico, as argumentações fornecem um suporte social, histórico e econômico.

O Capitaloceno busca na história do capitalismo recursos para compreender como ele estabelece suas raízes na exploração:

A proposta de Moore requer uma reconsideração do espaço do geológico para pensá-lo historicamente com base no mundo atlântico do século XVI, nos processos de expansão colonial e invasão, genocídio e dominação da África, da Ásia e das Américas os quais fazem parte de um projeto de formação social capitalista que privilegia a sempre interminável acumulação do capital. (COLTRO; BORINELLI, 2020, p. 164)

Ao utilizar os argumentos da era geológica do capital, facilita o entendimento da interseccionalidade entre o poder, a raça e o capitalismo. Não é qualquer corpo que está sujeito ao espaço caótico da exploração, porque esse sistema define e distingue qual vida é importante ou não. O corpo explorado torna-se um objeto não humano pronto para compra e venda como uma matéria prima (MIRZOEFF, 2016, p. 03-04). Essa relação de exploração do trabalho é causadora de desigualdades, preconceitos, exclusões, segregações, e ainda engendrou um sistema reprodutivo de crenças que criaram uma hierarquia entre

povos e raças. Como bem argumenta Williams , a escravidão não nasce por causa racismo: ao invés disso, racismo é consequência da escravidão (1975, p. 07). O capitalismo necessita com tamanha intensidade da exploração, que projeta estudos e discursos para manutenção de seu status quo:

[...] Institui a afirmação central da sujeição racial: enquanto as ferramentas da razão universal (as "leis da natureza") produzem e regulam as condições humanas, em cada região global ela estabelece mentalmente (moral e intelectualmente) tipos distintos de seres humanos, a saber, o sujeito autodeterminado e seus outros externos determinados, aqueles cujas mentes estão sujeitas às suas condições naturais (no sentido científico). (DA SILVA, 2007, p. 13, minha tradução²⁴)

A autora Denise Ferreira da Silva (2007, p. 13) denominou esse sistema de Afirmação Central da Sujeição Racial. Esse conceito advém do pensamento iluminista o qual defende que certos seres humanos são produzidos pela própria natureza para serem escravizados e colonizados. Por muito tempo, esse discurso fora legitimado e utilizado para justificar a relação violenta da exploração e escravização de povos.

A partir dessa discussão, levanta-se outro questionamento: onde se localizam as vidas que foram escravizadas dentro do Capitaloceno? Para responder essa pergunta, primeiramente volta-se ao fenômeno de espaço caótico que fora destinado a essas vidas. Além da violência psicológica, física, simbólica, ainda enfrentam falta de recursos, falta de oportunidades e acessos e estão mais expostos a desastres naturais, pois até os dias atuais não houve uma reparação econômica a esses grupos e ainda se localizam em espaços marginalizados e expostos.

1.2 Utopia e Distopia: um projeto político de resistência

Uma das capacidades do ser humano é a tentativa de prever o futuro, imaginar ou sonhar com as possibilidades do que há de vir. É algo inerente que acompanha o pensamento antrópico desde a criação de histórias e mitos

²⁴ Citação original: "This solution institutes the core statement of racial subjection: while the tools of universal reason (the "laws of nature") produce and regulate human conditions, in each global region it establishes mentally (morally and intellectually) distinct kinds of human beings, namely, the self-determined subject and its outer -determined others, the ones whose minds are subjected to their natural (in the scientific sense) conditions." (DA SILVA, 2007, p. 13)

relacionados à espiritualidade. Esse fenômeno não acontece de maneira aleatória, pois a maneira como vislumbra-se o futuro é resultado das lições sobre o presente. Franco Beraldi (2019, 18-19) defende que a partir da modernidade se estabelece uma conexão direta entre o presente e o futuro, pois só se imagina este como uma continuação do que acontece naquele.

Partindo desse pressuposto, ao analisar a conjuntura atual capitalocênica, essa que repensa a dinâmica de relações entre o ser humano e a natureza construindo uma prática de exploração ilimitada, é correto afirmar o que ambos Gregory Claeys (2017, p. 498) e Beraldi (2019, p. 105) defendem: que as distopias melhor definem espírito de nossos tempos e as representações do futuro, porque estão conectadas diretamente com as ansiedades presentes das sociedades.

Antes de desenvolver o conceito de distopia, inicia-se pelo conceito-chave de Utopia já que são conceitos que caminham juntos. Primeiramente, porque o primeiro termo surge interligado com a ideia do segundo. John Stuart Mill durante sua fala ao parlamento sobre os prejuízos da lei inglesa, ele utiliza o termo “distópicos” como oposto de “utópicos”:

Talvez seja muito lisonjeiro chamá-los de utópicos; eles deveriam ser chamados de distópicos ou cacotópicos. O que é comumente chamado de utópico é algo bom demais para ser praticável; mas o que eles parecem favorecer é muito ruim para ser praticável. (MILL, 1988, np, minha tradução²⁵)

Segundamente, porque a distopia e a utopia são como irmãs gêmeas (CLAEYS, 2017, p. 07), pois tendem a dividir um espaço muito próximo, além de que ambas expressam as ansiedades do presente em lugares não existentes (SARGENT, 1994, p. 09). A própria palavra utopia vem do grego para “não lugar” e também pode significar “bom lugar”. O prefixo “u” possui esse duplo significado: tanto “não” como “bom”, enquanto “topos” significa “lugar”. A partir da etimologia da palavra pode-se subentender que um bom lugar também é um lugar inexistente.

O termo é utilizado pela primeira vez por Thomas More em sua obra *Utopia* (1516) referindo-se a uma ilha imaginária caracterizada pela harmonia entre todos os cidadãos moradores do local, esses que vivem e gozam dos benefícios fornecidos pelo governo, além de que não se importam com acumulação de bens e

²⁵ Citação original: “It is, perhaps, too complimentary to call them Utopians, they ought rather to be called dys-topians, or cacotopians. What is commonly called Utopian is something too good to be practicable; but what they appear to favour is too bad to be practicable” (MILL, 1868, np)

estão satisfeitos com o que possuem. Os moradores de utopia vivem em total pacificidade já que foram erradicadas as situações de conflito, guerras ou pobreza permitindo com que todos vivam em um bom lugar. Por descrever uma sociedade em que todos vivem bem em seu romance, a palavra utopia adquiriu o significado de local onde a maneira de se viver é ideal, priorizando uma boa qualidade de vida de seus cidadãos, uma sociedade justa em que seus membros vivem em estado de felicidade.

A utopia enquanto gênero literário instaura-se com a publicação desse romance. More, ao materializar em sua obra um bom lugar/não lugar, projeta para o plano ficcional uma crítica a sociedade britânica do século XVI que estava sob o comando de Henrique VIII. Desde seu início, a utopia mantém uma grande articulação com a situação atual do momento em que os romances são escritos. Geraldo Witeze (2012, p. 03) argumenta que os problemas ingleses do século XVI são introduzidos na obra de maneira satírica, já que More representa-os de maneira oposta, o autor de Utopia cria um universo em um espaço-tempo imaginários mas que estão diretamente ligados com o presente em que fora escrita a obra, como consequência “já na obra originária aparece a tensão entre a História e a Literatura, e essa tensão permanece como constitutiva do gênero, ficando mais intensa no século XIX [...] Assim, ao discutirmos o sentido das utopias podemos compreender melhor a fronteira entre a história e a literatura” (p. 01).

As utopias, como argumenta Phillip Wegner (2002, p. 02), estão articuladas com a conjuntura do status quo, funcionando como uma isca com desejos profundos de mudança e esse mecanismo ajuda a perceber o mundo de uma nova maneira. O pensamento utópico desenvolve-se com teor social para exprimir as ansiedades correntes na sociedade. Sargent (2010, p. 20) também defende a conexão inexorável das utopias com a história já que ela é declarada ou como uma esperança ou como um alarme social. Se entendida como esperança, pode-se dizer que é uma visão utópica, mas se vista como alarme, o resultado é, normalmente, distopia.

Muito parecida com a utopia, a distopia também manifesta os impactos das crises cotidianas, mas enquanto pelo lado da utopia tenta-se alcançar o ideal, pelo outro lado da distopia encontram-se as fragilidades e rupturas. Para Sargent (1994) o gênero distopia, ou ainda utopia negativa, seria:

Uma sociedade inexistente, descrita em detalhes e normalmente localizada no tempo e espaço que o autor pretendia que um leitor contemporâneo considerasse como significativamente pior do que a sociedade em que esse leitor vivia (p. 09, minha tradução²⁶)

Para André C. Cardoso, ainda sobre a definição de Sargent, vale ressaltar o caráter social da distopia cujo objetivo "seria oferecer uma a imagem abrangente da estrutura e das dinâmicas de uma determinada sociedade, ainda que estas sejam ancoradas no percurso narrativo de personagens específicos" (2021, p. 108). Novamente, retoma-se o aspecto histórico-social do qual Witeze (2012) argumenta, pois a distopia faz uma forte ancoragem na história deslocada para fora dessa dentro de um universo fantástico (p. 05). O que se conclui é que a distopia representa os problemas sociais só que projetados para um lugar inexistente abordando os aspectos negativos, ou ainda nas palavras de Sargent (1994, p. 09), um lugar "significativamente pior" para servir de alerta para o leitor.

Já Claeys (2017, p. 280-282) questiona a definição de Sargent no sentido de que não acredita que as distopias são lugares ruins de maneira generalizada. Ao analisar o gênero, é preciso levar em consideração que cada leitor terá uma interpretação diferente, pois possui um estado social que o fará ter uma leitura diferenciada. Não é possível caracterizar a perspectiva do leitor, porque nem todos compartilham dos mesmos valores, então um lugar "significativamente pior" para alguns, pode ser um lugar significativamente tranquilo para outros. Só se poderia afirmar que as distopias são lugares ruins se todos dividissem as mesmas questões "relativas ao tempo, lugar e posição social, bem como às expectativas sobre valores como liberdade, igualdade e ordem [...]" (CLAEYS, 2017, p. 181).

Com isso, Claeys propõe uma conceituação que inclua esse questionamento evitando generalização textual estreita, eliminando a intenção autoral e interpretação do leitor (CARSO, 2021, p. 110). Para isso, o autor busca fornecer uma definição orientada à análise das relações sociais representadas ficcionalmente. É necessário ressaltar que o foco de Claeys são as distopias do final

²⁶ Citação original: "society in which that reader lived. Dystopia or negative Utopia? a non-existent society described in considerable detail and normally located in time and space that the author intended a contemporaneous reader to view as considerably worse than the society in which that reader lived." (SARGENT, 1994, p. 09)

do século XIX até meados do século XX que "em geral giram em torno de um Estado forte cujos métodos de controle e sujeição são bastante nítidos" (CARDOSO, 2021, p.110). Segue a definição:

[...] as distopias literárias são entendidas principalmente como preocupadas em retratar sociedades em que uma grande maioria sofre escravidão e / ou opressão como resultado da ação humana. Os grupos privilegiados podem se beneficiar com isso. Outros podem escapar, seja para uma condição de normalidade anterior (preferível) ou para algo melhor. (CLAEYS, 2017, p. 290, minha tradução²⁷)

Claeys argumenta que muitos dos projetos utópicos dão origem a uma tradição distópica. Quando ele categoriza a literatura distópica em duas viradas, a primeira virada ele conceitua como uma sátira aos projetos utópicos iluministas, enquanto a segunda virada seria uma resposta dos ideais socialistas e eugenistas com seus norte sul tópicos de aprimoramento social e individual (CLAEYS, 2010, p. 109-112).

Tom Moylan defende que de alguma maneira a utopia aparece dentro do distopia nem que seja como um horizonte (2000, XIII) ou como um projeto ou sonho (1986, P.10), em outros termos, a utopia e a distopia se articulam. Ao identificar o conceito de "Distopias Críticas" (MOYLAN, 2000, P. 190), o autor defende que elas:

inscrevem um espaço para uma nova forma de oposição política, baseada fundamentalmente na diferença e na multiplicidade, mas agora sabiamente e habilmente organizada em uma política de aliança totalmente democrática que pode responder em uma voz coletiva mais ampla, embora diversa, e não apenas criticar o sistema atual mas também começar a encontrar novas formas de transformação que vão além das limitações de ambas as micropolíticas radicais. (MOYLAN, 2000, 190, minha tradução²⁸)

Assim como Moylan, Dunja M. Mohr defende que o ideal utópico aparece anexado à distopia, mais especificamente em romances distópicos feministas contemporâneos. Ela desenvolve o conceito de Distopias Transgressivas Utópicas²⁹ o qual ela argumenta que não há um binarismo entre utopia/distopia, mas sim que

²⁷ Citação original: "[...] literary dystopias are understood as primarily concerned to portray societies where a substantial majority suffer slavery and/or oppression as a result of human action. Privileged groups may benefit from this. Others may escape it, either to a condition of previous (preferable) normality or to something better" (CLAEYS, 2017, p. 190)

²⁸ Citação original: "They consequently inscribe a space for a new form of political opposition, one fundamentally based in difference and multiplicity but now wisely and cannily organized in a fully democratic alliance politics that can talk back in a larger though diverse collective voice and not only critique the present system but also begin to find ways to transform it that go beyond the limitations of both the radical micropolitics and the compromised centrist" (MOYLAN, 2000, p. 190)

²⁹ "Transgressive Utopian Dystopias" (MOHR, 2007)

nos romances são apresentadas estratégias utópicas integradas nas narrativas distópicas (MOHR, 2007, p. 05).

Através de um olhar para a imaginação utópica pós-moderna, o entendimento do conceito se modifica ao ponto de detectarmos outro tipo de utopia. Ela está "aninhada", como denomina Mohr, em sua irmã distopia (2007, p. 5). Não se pode denominar a utopia era antes considerado o gênero tradicional, pois agora ela se reformula e adentra na distopia como um projeto de futuro potencialmente melhor.

Para a autora, as novas distopias que se configuram “apresentam inicialmente um mundo distópico e, em seguida, avançam para um ponto de transição em que vislumbramos os processos históricos que conduzem da distopia à utopia. No entanto, em contraste com uma narrativa utópica clássica e como as "utopias críticas", eles resistem ao fechamento narrativo (perfeição). Sem nunca narrar ou definir exatamente a utopia, essas novas distopias feministas mapeiam não um único caminho, “mas vários movimentos e mudanças” (MORH, 2007, p. 10)

Nessa dissertação, trabalhamos com a suposição de Mohr (2007) em que a autora afirma que a utopia se apresenta dentro da narrativa distópica através de um disfarce onde serve de base para resistência e criar maneiras de desvio do cenário caótico. Aqui, o ambiente distópico é uma realidade que necessita de impulsos utópicos, esses que fomentam uma busca de alternativas políticas para garantir uma vida minimamente digna.

1.3 Capitaloceno: uma era distópica

Em agosto de 2021, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) publicou o sexto relatório de avaliação do sistema climático, o qual explora as situações ambientais regionais e globais. O relatório reúne o resultado de cerca de dois anos de pesquisa sobre o aquecimento do planeta e as projeções de seus impactos no sistema climático global. O Grupo de Trabalho I mostra que o aquecimento da temperatura terrestre é causado pelas atividades humanas e que ao longo dos próximos anos e décadas a situação tende a se agravar. O ritmo acelerado das emissões gasosas aumentou a temperatura em 1.5°C a 2°C e se não

houver uma mudança radical em direção à uma redução nas emissões, as temperaturas aumentarão nos próximos anos³⁰.

Com isso, confirma-se que as atividades humanas estão concretizando mudanças significativas no sistema climático planetário. Além das emissões de gases, a constante exploração desenfreada vem devastando constantemente os recursos naturais prejudicando os ecossistemas, esses que possuem capacidade limitada e já passam por uma modificação irreversível em escala de tempo. A relação estabelecida com o mundo natural é de que, como cita Helton Ouriques:

a natureza é um mero recurso, ou, na linguagem corrente da economia neoclássica, um dos fatores da produção. Portanto, deve ser manipulada para que se obtenha o melhor resultado possível, dada sua combinação com o capital e o trabalho. Ou seja, trata-se de uma visão utilitarista, que se baseia numa lógica racional: a busca da maximização dos benefícios (o lucro). (OURIQUES, 2004, p. 21)

A complexidade da situação ecológica tem um colapso quando torna-se fruto de exploração capitalista. A crise, que hoje cresce de maneira desmedida, é resultado da materialização distópica dos projetos capitalistas pela busca incessante da obtenção de lucros que garanta a estabilidade do status quo. Um dos papéis importantes da natureza para o sistema vigente é a produção de recursos para extração, pois é através da articulação que se estabelece entre as dimensões naturais e sociais é o que permite o modo de produção capitalista. O resultado disso se faz presente nas diversas esferas socioambientais sendo elas desigualdades, extinções, diminuição da biodiversidade, etc.

Pensar o Capitaloceno nesse sentido é analisar o espaço distópico que se instaura no cenário apocalíptico futuro em que opera a injustiça ambiental. Não afirmando que o objetivo central do capitalismo é atingir a degradação ambiental, até porque, como argumenta Lucas Murari (2021,p. 81) “o objetivo almejado era a conquista e domesticação da natureza” que hoje torna-se uma intervenção na composição natural que transformou a abundância em precariedade. O que acontece é que nem toda a boa intenção tem como resultado uma boa consequência, e se antes o objetivo era criação de métodos para produção, hoje enfrenta-se “a preocupação está ligada a impasses de sobrevivência em um futuro

³⁰AR6: CLIMATE CHANGE. *The Physical Science Basis*. 06 ago. 2021 Disponível em <<https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-i/>> Acesso em: 19 de dezembro de 2021.

incerto” (MURARI, 2021, p. 81). Ouriques (2004, p. 37) destaca que se vive dessa maneira na contemporaneidade porque as relações socioecológicas são baseadas em dominação:

Porque não basta controlar os usos de energia, controlar o crescimento populacional, controlar o uso das águas, controlar os usos da terra para uma sociedade ‘ambientalmente sã’ como defende parte considerável do pensamento ecológico. Mesmo porque o controle, na sociedade capitalista [...] é absolutamente impossível, porque o movimento do capital não conhece limites. (OURIQUES, 2004, p. 37)

Ao entendermos uma distopia como retrato de uma sociedade em que uma grande maioria sofre por resultado da ação humana (CLAEYS, 2017, P. 290), o Capitaloceno é distópico no sentido de que esses impactos ecológicos crescentes são causados pelo modo de produção capitalista que, atinge grupos sociais de maneira desigual. A “era do capital” é iníqua, pois ela não se instaura da mesma maneira para todos. O Capitaloceno é de fato maléfico para todos, mas para alguns ele é significativamente pior do que para outros, na medida em que não são todos os *anthropos* que têm a maior responsabilidade pelas crises, mas ainda assim há uma grande maioria que sofrem demasiadamente pelas mudanças ecológicas irreversíveis. Ian Angus³¹ denomina esse sistema como “apartheid ambiental” visto que causa um paradigma para o Antropoceno, mas argumento que mais do que um modelo para a era do homem, o apartheid é uma norma para o Capitaloceno:

As pessoas e os países que têm a menor responsabilidade pelo aquecimento global são as suas principais vítimas. É um clichê ambiental o lema de que todos nós estamos no mesmo barco no globo terrestre, ao contrário, na realidade, alguns viajam na primeira classe, com assentos reservados nos melhores botes salva-vidas, enquanto a maioria vai para o convés, em bancos de madeira, expostas a intempéries e sem acesso a botes salva-vidas. (ANGUS, 2020)

O Apartheid Ambiental é um termo utilizado para denominar a desigualdade ambiental em que grupos sociais privados de abundância financeira não possuem recurso para contornar as mudanças climáticas. Mirzoeff (2017) afunila a questão de classe, pobreza e crise ecológica trabalhando com conceitos de extinção (biologia) e exploração (sociologia e história) para explicar qual o lugar da vida negra, colonizada, humana e não humana no cenário de desastre ecológico em

³¹ Filósofo, ativista ecossocialista e membro-fundador da Rede Internacional Ecossocialista.

decorrência do capitalismo. Seu argumento principal é de que "pessoas escravizadas estão fora de qualquer universal" (MIRZOEFF, p. 02) devido ao fato de que esses corpos têm um histórico de serem apenas artigos de propriedade, como um objeto, inumano, animalizado.

George Cuvier, cunhador do conceito de extinção, elabora um estudo sobre as condições de existência onde divide os seres humanos em três variedades as quais destacam-se os escritos sobre a variedade negra.

A raça negra está confinada ao sul do Monte Atlas. É caracterizada por uma tez preta, cabelo crespo ou lanoso, crânio comprimido, e nariz achatado. A proeminência das partes inferiores da face e os lábios grossos, aproximam-no evidentemente da tribo dos macacos; as hordas das que ele provém sempre permaneceram no mais completo estado de extrema barbárie (apud mirzoeff, 2017, p. 6)

Devido a essa publicação, discursos que animalizam e objetificam pessoas negras se instauram como maneira de justificar os discursos racistas e perpetuação de desigualdades. A lógica propagada por Cuvier é de que pessoas negras eram uma "variedade da vida animal" (MIRZOEFF, 2017, p. 07) e que sua situação de inferioridade era algo natural devido à sua organização bárbara. O corpo negro foi mercantilizado, explorado e transportado globalmente como uma mercadoria, bem como as naturezas não humanas. Esse fenômeno é uma história de como o capitalismo produziu a globalização que, por sua vez, é também foi e ainda é história de escravidão e exploração (MIRZOEFF, 2017, p. 04).

Quando Mirzoeff questiona o responsável pelo Antropoceno, através de uma análise histórico-biológica e faz um apontamento crítico para os brancos capitalistas, é uma tentativa de demonstrar que nem todos são responsáveis igualmente pelos problemas naturais, mas aqueles que foram e ainda são explorados pelo sistema econômico vigente são os que mais sofrem com os impactos dos aquecimentos, extinções, escassez, etc.. Apesar de ser uma catástrofe em escala global, é preciso reverter a lógica do viés universal que oculta "a disparidade na participação das mudanças climáticas e enfatiza as formas de injustiça ambiental, que recaem de maneira desigual sobre etnias vulnerabilizadas." (MURARI, 2021, p. 89, adaptado pela autora). Isso porque se entendemos a noção de injustiça ambiental e que esses impactos se dão de maneiras diferentes para grupos sociais e ecológicos

diferentes, pensar o Capitaloceno para esses seres, é quase aceitar um presságio de destruição e catástrofe.

Kathryn Yusoff (2018, p. 12) argumenta que o caos do Antropoceno parece apresentar um futuro distópico pessimista apocalíptico de fim do mundo, enquanto o imperialismo e colonialismo já fazem isso desde que se perpetuaram. Em vista disso, se analisarmos o Antropoceno como Yusoff, entende-se que a nova era é e será uma nova expressão do capitalismo, como uma nova consequência do sistema que já se instaurou e se renova de maneiras a continuar sua manutenção. Seguindo essa lógica, é um sistema que não tem como reverter ou escapar, mas para essa dissertação o foco é relacionado à ideia de Sonia Torres, de que "a questão parece ser não tanto o que virá [...], mas se sobreviveremos a seu estágio mais perverso" (TORRES, 2021, p. 586) e, principalmente, como adaptar-se e manter-se nesse cenário nada utópico.

Na literatura distópica, onde se reproduzem os espaços caóticos de destruição ecológica e de desigualdade social, há uma construção de um ambiente apocalíptico reproduzido em um mundo carente de recursos naturais básicos provocados pelos desajustes climáticos que geram a extinção de espécies, também as tragédias naturais estão presentes enquanto a população é assombrada por doenças e em paralelo a essa realidade, há um aumento nas injustiças essencialmente com grupos minoritários. A situação ambiental exige novos recursos para contornar as crises não só sobrevivendo, mas criando condições de vida suficientemente sustentáveis para si e para sua comunidade como maneira de resistir às dificuldades.

2. “Tudo o que você toca, você muda”: a representação do cenário distópico Capitalocênico e os resultados da injustiça social

Como já discutido nos capítulos anteriores, as consequências da interferência humana sobre o clima e a biodiversidade terrestre têm causado danos irreversíveis e seus efeitos atingem âmbitos não só ecológicos, mas também sociais, econômicos e culturais. É o que a duologia *Semente da Terra* de Octavia E. Butler alerta em suas duas distopias: *A Parábola do Semeador* e *A Parábola dos Talentos*. Em um futuro não muito distante, os moradores dos Estados Unidos encontram-se em meio a um espaço apocalíptico que se desenvolveu como resultado das constantes explorações dos recursos naturais induzidos pelo sistema exploratório capitalista. Nas obras são mostradas descrições de uma sociedade estadunidense onde predomina a escassez dos recursos naturais que teve como resultado o caos socioeconômico.

As obras de Butler nos convidam a transcender os medos e anseios contemporâneos que são projetados na obra para um futuro distópico. Os romances apresentam um futuro pessimista no qual os personagens precisam lutar para sobreviver criando estratégias para dar conta de uma era de instabilidade, escassez e devastação, onde o cenário é uma Califórnia de desigualdades sociais, um aquecimento global descontrolado e um Estado impotente liberal (ou religioso no caso dos *Talentos*), tudo como resultado da exploração irresponsável de recursos naturais.

No primeiro romance, o desperdício excessivo de recursos naturais desenvolveu um espaço distópico onde todos estão contra todos, e a única maneira de manter-se minimamente seguro é murando os bairros e, se necessário sair de dentro das proteções; carregar armas é questão de sobrevivência, porque pessoas armadas morrem, mas desarmadas morrem mais (BUTLER, 2018, p. 52). Já o segundo romance, mostra como as forças conjuntas da religião, fanatismo, hierarquia e exploração, além de cooperar para a destruição do meio ambiente, ameaçam a vida da maior parte da população, torturando, escravizando e/ou matando todos aqueles que vão contra o Estado.

Sem medidas políticas públicas e um estado inoperante, as disparidades entre ricos e pobres aumentaram. Uma parcela de pessoas consegue viver com segurança e abundância, enquanto uma pequena parte da população vive em

comunidades isoladas, quando possuem um pouco mais de condição, mas a grande maioria das pessoas vivem sem teto, vulneráveis a todos os tipos de violência.

Particularmente, mulheres, negros, latinos, asiáticos sofrem mais pelas injustiças sociais. Esses grupos, ficam mais suscetíveis ao uso de drogas, são mais negligenciados e escravizados, seja por dívida - em *Semeador*, ou por não aceitação da religião vigente - em *Talentos*.

As obras *Semente da Terra* contribuem significativamente para debates sobre ecologia e capitalismo. Posto isso, neste capítulo fala-se sobre a decadência do sistema ecológico e climático que se encontra com o colapso sanitário, gerando uma forma de vida alterada. Para analisar o espaço dentro de um viés capitalista, utilizaremos a contribuição de Henri Lefebvre (1991) de que o espaço é uma construção humana. O autor defende que

Quando evocamos 'espaço', deve-se indicar imediatamente o que ocupa ele e como ele o faz: a implantação de energia em relação a 'pontos' e dentro de um período de tempo. Quando evocamos 'tempo', deve-se dizer imediatamente o que é que se move ou muda nele. O espaço considerado isoladamente é uma abstração vazia. (LEFEBVRE, 1991, p. 12, minha tradução³²)

Ferreira (2021, p. 19) explica que a contribuição de Lefebvre surge a partir das postulações de Marx e Engels sobre o conceito de produção, ou seja, todas as criações são humanas, logo, o espaço também se produz e reproduz por essa lógica (LEFEBVRE, 1991, p. 77). Sendo o espaço uma produção humana, fazemos o link aqui com a produção do espaço capitalocênico que se instaura nos romances como resultado das atividades capitalistas.

2.1 As atividades humanas, as consequências naturais e o resultante da crise social.

Nos últimos anos, nas mídias, aparecem cada vez mais notícias sobre desastres naturais e as consequências desses para a vida humana. Como exemplo, temos a pandemia de COVID-19 que se alastrou rapidamente pelo globo afetando

³² Citação original: "When we evoke 'space', we must immediately indicate what occupies that space and how it does so: the deployment of energy in relation to 'points' and within a time frame. When we evoke 'time', we must immediately say what is that moves or changes therein. Space considered in isolation is an empty abstraction." (LEFEBVRE, 1991, p. 12)

mais de 630 milhões de pessoas³³, as fortes queimadas nos EUA e na EUROPA que aumentaram com as ondas de calor no Hemisfério Norte, e sem precisar ir longe, localizamo-nos no Brasil com os desmoronamentos de terra, e mais especificamente, as épocas de estiagem em grande parte do Rio Grande do Sul com a chegada do verão. Todos esses acontecimentos conversam diretamente com as eventualidades representadas nas *Parábolas*, que mesmo sendo escritas no final do Século XX, parecem intuir as tragédias causadas pela interferência do Capital no recurso natural da vida.

Apesar de esta dissertação não ter como foco os eventos citados acima, eles conversam diretamente com as distopias de Butler na qual o sistema econômico vigente é o principal responsável pelos danos colaterais ecológicos, sociais e econômicos estabelecidos no Século XXI. No mundo Capitalocênico, a crise ecológica não é um efeito colateral inexplicável e aleatório, mas uma consequência orgânica lógica da natureza aos princípios e valores burgueses que emergem da necessidade histórica de exploração constante dos recursos naturais. O primeiro resultado aparente descrito por Bankole aparece ainda no século XX por uma crise sócio ecológica:

Li que o período de turbulência que os jornalistas começaram a se referir como "o Apocalipse" ou, mais comumente, mais amargamente, "a varíola" durou de 2015 a 2030 - uma década e meia de caos. Isso não é verdade. A varíola tem sido um tormento muito mais longo. Começou bem antes de 2015, talvez até antes da virada do milênio. Não acabou. *Também li que a varíola foi causada por crises climáticas, econômicas e sociológicas acidentalmente coincidentes. Seria mais honesto dizer que a varíola foi causada por nossa própria recusa em lidar com problemas óbvios nessas áreas.* Nós causamos os problemas: então nos sentamos e assistimos enquanto eles se transformavam em crises. Já ouvi pessoas negarem isso, mas nasci em 1970. Já vi o suficiente para saber que é verdade. (BUTLER, 2019, p. 7, nossos grifos)

A Nova Califórnia de 2024 é um estado falido e não necessariamente no sentido econômico, mas no quesito de estar vulnerável nas escalas estruturais e sócio políticas. Como o governo é ineficaz e não busca interferir politicamente nas atribuições básicas para a sociedade, a população enfrenta a falta de infraestrutura para sobrevivência, não há sistema de saúde e segurança e a violência generalizada se espalhou por todos os cantos. Escolas, por exemplo, não

³³ Dados retirados de <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419/>. Acessado por último em 04 de novembro de 2022.

são de acesso à todos, as esferas públicas deixaram de se responsabilizar pela educação da população:

Eu vi a educação se tornar mais um privilégio dos ricos do que a necessidade básica que deve ser para a sociedade civilizada sobreviver. Observei como a conveniência, o lucro e a inércia desculparam uma degradação ambiental maior e mais perigosa. Tenho visto a pobreza, a fome e as doenças tornarem-se inevitáveis para mais e mais pessoas. (BUTLER, 2019, P. 7)

Como melhor forma de se organizarem e manterem proteção para si e para seus, os líderes familiares unem-se em comunidades e colocam muros em torno dos bairros. Assim surgiram locais como Robledo que reúnem grupos de pessoas que na medida do possível tentam conviver em harmonia:

"[...] estamos em Robledo - a 32 quilômetros de Los Angeles e, de acordo com meu pai, uma cidadezinha que já foi rica, verde e sem muros, da qual ele queria sair desesperadamente quando era jovem. Assim como Keith, queria escapar da chatice de Robledo em busca da agitação da cidade grande. Los Angeles era melhor na época - menos letal. Ele morou lá por 21 anos. [...] Não havia muro de bairros na época. Que loucura viver sem um muro como proteção." (BUTLER, 2018, p, 20)

Ainda assim, dentro dos muros de Robledo, existe violência e medo. As famílias que lá habitam não são de pessoas ricas, mas conseguiram se organizar de maneira a ter hortas, armas para proteção interna e uma igreja para desenvolverem melhor suas espiritualidades. Essas famílias, comparadas às pessoas que vivem nas ruas do bairro, vivem bem. Uma grande parte da população vive na rua enfrentando a fome, sede e falta de segurança. Lauren os descreve

Mesmo em Robledo, a maioria da população da rua - vagabundos, bebuns, drogados, pessoas desabrigadas de modo geral - é perigosa. São desesperados, malucos, ou as duas coisas. É o suficiente para tornar as pessoas perigosas. Para mim, o pior é que eles costumam ter problemas. Cortam as orelhas uns dos outros, os braços, as pernas... São portadores de doenças não tratadas e ferimentos infeccionados. Não tem dinheiro para gastar com água para banho, por isso até os que não estão com feridas abertas têm problemas de pele. Não têm o que comer, por isso são mal nutridos - ou ingerem alimentos estragados e se envenenam. (BUTLER, 2018, p. 20)

Como todos são inimigos de todos, aqueles que criam recursos para se salvar são os que sobrevivem. Acontece que, como argumenta Cláudia Costa

(2021, p. 107), viver nessa nova era denota que “as mudanças ecológicas são tão drásticas e aceleradas que até os refúgios para plantas, animais e humanos são destruídos, comprometendo a vida em geral”. O ambiental das explorações em excesso engendrou um espaço dominado de reduções e reestruturações fazendo com que a matriz ecológica fosse completamente destruída. A água da chuva, um elemento vital para o solo, plantas e para o próprio ser humano:

Está chovendo.

Ouvimos ontem à noite no rádio que havia uma tempestade vindo do Pacífico, mas a maioria das pessoas não acreditou.

- Teremos vento - Cory disse. - Vento e talvez algumas gotas de chuva, ou talvez apenas um pouco de tempo frio. Isso seria bem-vindo. É tudo o que conseguiremos.

Isso é tudo que existe há seis anos. Lembro-me da chuva seis anos atrás, a água girando na varanda dos fundos, não alta o suficiente para entrar na casa, mas alta o suficiente para atrair meus irmãos que queriam brincar nela. (BUTLER, 2018, p. 62)

A água da chuva, um elemento vital para o solo, plantas e para o próprio ser humano deixou de ser algo corriqueiro devido ao aumento intenso das temperaturas. Além disso, a interação humana e não humana acontece de acordo com a lógica e configuração que o ambiente solicita. Com as secas dos solos, os animais também ficaram sem recursos e precisam invadir os terrenos para conseguir sobreviver, então estabeleceu-se um espaço onde todos são predadores e todos podem ser a presa:

Minha mira é boa, mas não gosto de praticar com animais. Foi meu pai quem insistiu que eu aprendesse a atirar neles [...] tinham que ser mortos. Ou eles comiam nossa comida, ou a estragavam. As árvores frutíferas eram suas vítimas especiais: pêssegos, ameixas, figos, caquis, castanhas... E plantações, como morangos, amoras, uvas... Independentemente, do que plantássemos, se eles conseguissem alcançar, atacariam. As aves são as piores porque podem voar” (BUTLER, 2018, p.50 -51)

O espaço escasso e nocivo faz com que os animais selvagens se aproximem de espaços urbanos em busca de alimento. Cães selvagens e lobos que antes viviam pelas florestas, agora precisam invadir os bairros em busca de comida e precisam dividir o espaço com as pessoas que lá habitam. Como resultado da incapacidade de coexistência do ser humano com outras espécies, instaura-se um conflito no qual o sobrevivente é aquele que detém mais recursos. A tentativa de

fuga para um ambiente que lhes possibilitasse a sobrevivência, compromete a vida em geral dos animais.

Com a elevação das temperaturas devido ao excesso de fábricas e maquinaria, as queimadas aumentaram e facilmente se alastraram pelas florestas. Como consequência, muitos lugares ficaram inabitáveis e inférteis e os resultados foram a ausência de solos férteis para plantações de alimentos e necessidade de migração para outros lugares que pudessem suprir as necessidades de moradia e alimentação. Além disso, como já mencionado, o aumento das temperaturas causou uma alteração no regime de chuvas, afetando diretamente as reservas naturais de água e aumentando a desertificação:

O Clima ainda está mudando, se aquecendo. Deve se afirmar em um novo ponto estável algum dia. Até lá continuaremos encontrando um clima intenso e muito inconstante pelo mundo. O nível do mar ainda está subindo e encontrando áreas costeiras baixas, como as dunas que antes protegiam a baía de Humboldt [...] Metade das plantações no centro-oeste e no Sul estão secando com o calor, afogando-se em enchentes ou sendo destruídas pelos ventos, por isso o preço dos alimentos estão altos. (BUTLER, 2019, p. 114)

O recurso mais básico para todas as funções vitais, seja humana ou não, tornou-se completamente escasso. Sem reservatórios suficientes para abastecer o país, a água se tornou um produto comercializável caro e de difícil acesso: “O preço da água subiu de novo. Meu pai disse que, agora, a água custa muito mais do que a gasolina.” (BUTLER, 2018, p. 29). Por ter se tornado uma mercadoria, o recurso hídrico é obtido em abundância somente para aqueles que têm condições de comprá-lo em excesso. A utilização da água por pessoas pobres é estrita para alimentação.

Lauren diz que é difícil abrir mão da água por diversos motivos, mas que, por ser cara, é utilizada somente para consumo e auxiliar nas hortas familiares. Nos bairros, não é utilizada nem para banho:

Agora, o legal é andar sujo. Se você estiver limpo, torna-se um alvo. As pessoas acham que você está se exibindo, tentando ser melhor do que elas. Entre as crianças, estar limpo é uma ótima maneira de se meter em brigas. Cory não nos deixa ficar sujos aqui no bairro, mas todos temos roupas imundas para vestir fora dos muros. Mesmo do lado de dentro, meu irmãos jogam terra em si mesmos assim que se afastaram da casa. É melhor do que apanhar o tempo todo. (BUTLER, 2018, p. 29)

Esse espaço descrito por Lauren expõe a realidade de um espaço distópico. Como Moylan defende, "a distopia se mostra adequada à tarefa de captar [...] a extensão da devastação humana e ecológica provocada pela configuração mais recente do capitalismo e do imperialismo" (2000, P. 13)". Butler apresenta em sua distopia o grau mais alto de desespero de uma natureza que gradualmente está se degradando enquanto a população se vê na miséria extrema.

Além disso, o resultado do conjunto das ações do capital contribuiu com as diversas mudanças nos setores sociais. Moore (2016, p.141) defende que as modificações no clima, a diminuição da biodiversidade, contaminações em geral e instabilidades urbanas são processos causados pelo colapso sistêmico do capitalismo. Sob a perspectiva de Lauren alimenta-se a conexão entre crise ecológica e social. O paradigma crítico estabelecido é resultado do desequilíbrio ambiental físico que circunda todo o mundo. Enquanto a população enfrenta a escassez e a má qualidade de vida e concomitantemente vive a instabilidade das temperaturas, por exemplo, no norte do país, alguns estados vivem sob calor extremo, enquanto ao sul, uma geada congelou a região (BUTLER, 2018, p. 70),

Somado a isso, os tornados e epidemias matam uma grande parte da população de rua. Perante essas situações, identifica-se que a espécie humana tenta exceder-se a força da natureza, mas o produto final devolvido são os fenômenos ecológicos como resultado os ciclos indesejados climáticos:

Há uma tempestade fora de temporada atingindo o Golfo do México. Ela se espalhou, matando pessoas da Flórida ao Texas e descendo em direção ao México. Até agora, sabe-se que mais de 700 morreram. Um furacão. E quantas pessoas ele atingiu? Quantas vão morrer de fome posteriormente devido às plantações destruídas? É a natureza. [...] A maioria dos mortos é a população de rua que não tem para onde ir e que só sabe dos alertas quando já é tarde demais para se proteger. Onde está a segurança para eles afinal? (BUTLER, 2018, p. 26)

Diante da precariedade desse contexto, eles tentam sobreviver cotidianamente nesse espaço ecologicamente destruído. Para muitos, essencialmente os pobres, viver é um ato de resistência diário, pois as autoridades e governantes não se responsabilizam pela população.

2.2 As instituições

Muitos associaram o terror popular ao totalitarismo (CLAEYS,2017, p. 12), um regime governamental que organize a sociedade de forma a obter a supervisão e vigilância total da população, mas a partir dos anos 2024, nos EUA, as dificuldades são intransponíveis e irrelevantes às autoridades e instituições estatais. Além de a população em geral encarar a escassez de recursos básicos como água e alimentação, as dificuldades sociais produzem um mapeamento sobre as consequências da devastação ecológica causada pelo modo operante. Recorrer ao estado não é uma alternativa, uma vez que os indivíduos não têm garantia de nada já que o governo não se responsabiliza pela regulação dos direitos e interesses sociais.

Uma grande preocupação governamental é o envio de população para outros planetas. Os cientistas desenvolveram tecnologias para realizar o envio de uma astronauta a Marte, porém o problema foi garantir a sobrevivência dela no planeta vermelho. Além das implicações de colonização de outro planeta - sem evidências de que seria possível habitar o lugar -, há um cenário crítico na Terra onde a maioria da população luta para a sobrevivência básica enquanto a ambição do governo é financiar programas espaciais. Enquanto na Terra “tantas pessoas não têm dinheiro para água, comida ou um teto” (BUTLER, 2018,p. 28), há muito dinheiro sendo investido na manutenção de programas com objetivo de expedições para Marte.

As autoridades e governos como conhecemos ainda existem, entretanto, a grande maioria das instituições que regularmente são acompanhadas pelo estado, foram privatizadas, ou seja, o governo em si não faz além de cobrar taxas (BUTLER, 2018, p. 22) e comandar o exército que pouco atua nas ruas (BUTLER, 2018, p. 407), por isso, a própria população precisa criar estratégias de segurança dentro de suas casas.

Sem a criação e aplicação de políticas ambientais que abranjam toda a população, os grupos marginalizados socialmente tentam arcar com complexidades e complicações ambientais. O Apartheid Ambiental, como defende Angus (2020), impulsiona os grupos mais vulneráveis a estar na linha de frente das mudanças globais ecológicas. É uma crise ampla, que de fato afeta a vida de todos, mas a generalização da crise precisa ser analisada, principalmente quando se observa a realidade dos mais pobres, porque, como cita Pires e Guimarães (2016, p. 03) "O

pensamento ecológico conservador difundiu a crença de que os danos ambientais são compartilhados universalmente, em virtude dos efeitos globais gerados pela não preservação dos recursos naturais". Os pobres e sem teto são principalmente os que sofrem com a falta de justiça social:

A maioria dos mortos são os pobres de rua que não têm para onde ir e que não ouvem os avisos até que seja tarde demais para que seus pés os levem para a segurança. Onde está a segurança para eles, afinal? É pecado contra Deus ser pobre? Somos quase pobres nós mesmos. Há cada vez menos empregos entre nós, mais de nós nascendo, mais crianças crescendo sem nada para esperar. De uma forma ou de outra, todos seremos pobres algum dia. Os adultos dizem que as coisas vão melhorar, mas nunca melhoraram. (BUTLER, 2018, p. 26)

As ruas, para as pessoas em extrema pobreza, são o único meio de tentar conseguir algo, então a violência generalizada tornou-se uma ferramenta de sobrevivência. Saqueadores aumentaram em grande escala dentro e fora dos bairros murados, alguns andam armados e furtam durante o dia, e outros aguardam a noite para invadir as casas. Para garantir a segurança contra ladrões, a posse de armas dentro das casas é necessária para a manutenção de bens. O pai de Lauren durante as reuniões da comunidade ressalta a importância de carregar e manter armas a disposição:

A polícia - meu pai disse a eles - pode conseguir vingá-los, mas não pode protegê-los. As coisas estão piorando. E quanto a seus filhos... Bem, é verdade, existe esse risco. Mas vocês podem deixar as armas fora do alcance deles enquanto forem muito pequenos e treiná-los conforme forem crescendo. Acredito que terão mais chance de crescer se vocês puderem protegê-los [...] Enquanto eu puder, eu me colocarei entre minha família e qualquer invasor. [...] Agora há pelo menos duas armas em cada família" (BUTLER, 2018, p. 53).

A conexão entre desastre ambiental e injustiça social fornece um olhar focado na representação de um possível resultado das nossas ansiedades sociais. Nesse espaço, apresenta-se o resultado da mudança drástica na organização social e da ressignificação dos valores sociais. Os seres humanos estão destruindo suas próprias vidas, aniquilando o ambiente e ampliando ainda mais a injustiça social. A conexão entre desastre ambiental e injustiça social fornece um olhar focado na representação de um possível resultado de injustiça dentro da vida ordinária dos que Moylan chama de "pessoas comuns":

Crucial para a visão da distopia em todas as suas manifestações é essa capacidade de registrar o impacto de um sistema social invisível e não examinado na vida cotidiana das pessoas comuns. De novo e de novo, o distópico que se abre no meio de um "outro lugar" social que parece ser muito pior do que qualquer outro no mundo "real". (MOYLAN, 2000, p. xiii, minha tradução³⁴)

Nesse sentido, esse espaço significativamente pior relata a representação de instituições que existem na realidade do leitor, mas é apresentada na obra como significativamente pior. Assim, a polícia e outros órgãos que são responsáveis pela garantia de segurança pública não auxiliam a população sem cobrar taxas altas, fazendo com que, como dito anteriormente, a população precise organizar-se internamente. Em casos de incêndio - seja por atos de violência ou como consequência de algum desastre natural - os bombeiros não atendem as solicitações de ajuda sem remuneração. Quando por acidente Amy Dunn incendeia a garagem de casa, quem precisa dar conta de apagar o fogo são os próprios moradores de Robledo:

O plano de incêndio funcionou como deveria. Os homens e mulheres adultos apagaram o fogo com mangueiras de quintal, pás, toalhas molhadas e cobertores. Aqueles sem mangueiras abafavam o fogo rasteiro com batidas e terra [...] Havia muitos de nós, e mantínhamos os olhos abertos. As pessoas muito velhas cuidavam das crianças pequenas e as mantinham longe e fora de perigo. [...] É claro que ninguém chamou os bombeiros. Ninguém pagaria os custos dos bombeiros para salvar uma garagem. A maioria das famílias não podia arcar com uma conta grande, de qualquer modo. A água gasta para apagar o fogo já seria difícil o suficiente de pagar. (BUTLER, 2018, p. 44)

E os índices de incêndio não diminuíram com a popularização da *droga de fogo* criada na costa Leste, que rapidamente se espalhou pelo oeste, chegando ao sul da Califórnia. Com a falta de segurança pública, a venda, compra, produção e utilização de drogas aumentaram e se alastraram rapidamente. Mais especificamente a Piro - abreviatura de "Piromania" - "faz com que observar as labaredas de um incêndio seja melhor, mais intenso e de um barato mais duradouro do que o sexo. [...] Uma droga caseira - inventada em casa por alguém que estava tentando conseguir uma das mais caras da rua" (BUTLER, 2018, p. 178).

³⁴ Citação original: "Crucial to dystopia's vision in all its manifestations is this ability to register the impact of an unseen and unexamined social system on the everyday lives of everyday people. Again and again, the dystopian that opens in the midst of a social 'elsewhere' that appears to be Far worse than any in the "real" world." (MOYLAN, 2000, p. xiii)

Moylan (2000, p. 224) explica que isso acontece porque as políticas sociais, econômicas e ambientais sofrem uma reestruturação devido aos ideais capitalistas. Essa nova forma de organização se apresenta aqui no romance como uma crise que é determinada pela convergência entre um executivo fraco, “diminuição do poder militar” (BUTLER, 2018, p. 407) e deterioração de serviços públicos:

Sem as redes de segurança de regulamentação, apoio e serviço para proteger contra os piores efeitos da obsessão inerente do capital com o lucro às custas do bem-estar humano e ambiental, a insistência do final do século XX em ganhos de capital rápidos que deslocou o investimento a indústria e o trabalho a favor das finanças e do futuro completaram a destruição da matriz social com sua sempre incômoda combinação de uma esfera pública cada vez menor e um setor de consumo em expansão. Consequentemente, a produção e a reprodução que sustentavam o crescimento e mantinham a população dentro de uma faixa controlada de interpelação aceitável entraram em colapso. (MOYLAN, 2000, p. 224, minha tradução³⁵)

Os setores citados por Moylan, aqui na obra, se aplicam como as instituições governamentais que antes se responsabilizavam pela educação, saúde e segurança em geral da população mais carente, principalmente. Além do colapso na segurança, a saúde foi um dos setores que mais apresentou e atingiu a população que agora é de rua.

A cólera está se espalhando no sudeste do Mississippi e de Louisiana - falei. - Fiquei sabendo pelo rádio ontem. Há muitas pessoas pobres... analfabetas, desempregadas, desabrigadas, sem saneamento decente ou água limpa. Eles têm muita água lá, mas grande parte está poluída. (BUTLER, 2018, P. 70)

Diante da grande demanda de planejamentos para diminuir o alastramento de doenças, a incapacidade governamental de conseguir fornecer à população medicamentos ou vacinas e o aumento das temperaturas, cada vez mais foram se registrando doenças contagiosas que se alastraram rapidamente pelo globo: “O aquecimento tem tornado doenças tropicais, como a malária e a dengue, parte normais da vida na quente e úmida Costa do Golfo e dos estados costeiros ao Sul do Atlântico. Mas as pessoas estão começando a se adaptar” (BUTLER, 2019, P.

³⁵ Citação original: “Without the safety nets of regulation, support, and service to protect against the worst effects of capital's inherent obsession with profit at the expense of human and environmental well-being, the late-twentieth-century insistence on quick capital gains that shifted investment away from industry and labor in favor of finance and futures completed the destruction of the social matrix with its always uneasy combination of a shrinking public sphere and an expanding consumer sector. Consequently, the production and reproduction that sustained growth and kept the population within a controlled band of acceptable interpellation collapsed.” (MOYLAN, 2000, p. 224)

115). A praga, ou POX, é também uma das doenças que se espalhou rapidamente até tomar proporções pandêmicas. Ela iniciou em 2015 e se estendeu até os anos de 2030, ou seja, quase duas décadas de descontrole sanitário:

[...] foi causada pela coincidência accidental de crises climáticas, econômicas e sociológicas. Seria mais honesto dizer que a praga foi causada por nossa própria recusa em lidar com problemas óbvios nessas áreas. Causamos problemas; em seguida, nos sentamos e observamos se tornarem crises. (BUTLER, 2019, p. 19)

Sem acesso à intervenção contra o uso de drogas e sem responsabilidades de saúde pública, grande parte da população está vulnerável à morte. Aqueles que já estão dependentes da Piro têm um fim trágico, normalmente relacionado a incêndios. Por outro lado, ainda existe outra parte da população que adoece e/ou morre por diversos fatores, mas essencialmente pela falta de acesso à saúde. A má qualidade da água e a ausência de saneamento básico aumentaram os índices de doenças causadas por bactérias. Sobretudo, é a população sem um suporte de auxílio e com setores de esferas públicas privatizados mais afetadas pelas doenças.

Com a falta aparente da administração governamental é comum empresas e/ou companhias assumirem o gerenciamento de bairros. O Olivar, localizado em Los Angeles, é um bairro de certa forma mais próspero do que o bairro de Lauren, pois as pessoas que lá vivem são mais educadas e inteligentes e o local em si é mais estruturado, já que as pessoas são mais afortunadas. Esse bairro, que se localiza próximo à Robledo, passa a ser governado pela Kagimoto Frampton and Company (KSF), uma empresa cujo objetivo é a exploração e dominação dos setores de recursos naturais. Sem nenhum tipo de normatização por parte do Estado, a KSF inicia a extração incontrolável para fins lucrativos.

Apesar do solo seco e da escassez de água na região, a empresa assume e reajusta a organização de Olivar, tudo isso sob aceitação dos representantes do bairro e após conflitos políticos. Embora a empresa seja nova, esse tipo de negociação, onde bairros-cidade transformam-se no que Moylan (2000, p. 226) chama de “novos espaços corporativista transnacionais”, não é novo, é uma estratégia que renasce para liquidar com o pouco restante de recursos na região. Mesmo com os calores extremos da região, o alto nível de sal nos mares e ocasionais terremotos (BUTLER, 2018, p. 148),

A KSF expandirá muito sua planta de dessalinização. A planta será a primeira de muitos. A empresa promete dominar a agricultura e a venda de água e de energia solar e eólica em grande parte do sudeste - onde, por uma mixaria, já tinha comprado terrenos grandes de terra fértil e sem irrigação. [...] Eles pretendem tomar posse de grandes indústrias agrícolas, de água e de energia em uma área da qual a maior parte das pessoas desistiu. (BUTLER, 2018, p. 149)

Acima de tudo, as privatizações e a nova configuração de Olivar é uma tentativa de gerir os setores de maneira eficaz e, como cita Moylan (2000, p. 226 - 227), “acompanhar as rotas do Capital”. Esse bairro não é sequer parecido com o de Robledo, ao contrário, é um local essencialmente mais rico, de altos impostos e população de elite. Entretanto, o território é oscilante: “partes dele às vezes caem no mar [...] pela água salgada. O nível do mar não para de subir com o clima quente e terremotos acontecem ocasionalmente. A praia plana e tomada de areia [...] é só uma lembrança” (BUTLER 2018, p. 148). Visando isso, foi que a KSF entrou com seu “apoio” e “assistência”.

A KSF entra na administração com promessas a longo prazo para Olivar com falácias à população sobre o aumento de empresas, melhorias no setor de segurança e desenvolvimento da saúde. Claro que para se manter e manter o combinado, somente com a população de Oliver trabalhando em diversos setores a empresa não conseguiria se manter, primeiro porque (A) a grande parte das pessoas que moram nesse local são inteligentes e capazes de cuidarem de suas propriedades e não se submeteriam a quaisquer tipos de serviços e salários, então serviços braçais e que exigisse muito esforço ficariam vagos e (B) porque sem pessoas para explorar, uma empresa não cresce, ou seja, precisam de pessoas mais pobres e ignorantes que aceitem viver sob péssimas condições de serviço em troca de um pouco mais de qualidade de vida:

Qualquer pessoa contratada pela KSF teria dificuldade para sobreviver com o salário oferecido. Não demoraria muito e acredito que os novos contratados estariam devendo para a empresa. É um truque antigo de cidades operárias - deixar as pessoas com dívidas, prendê-las e explorá-las. Escravidão ligada à dívida (BUTLER, 2018, p. 151)

Enquanto em *Talentos*, o ex senador texano Andrew Streele Jarret se elege em 2 de novembro de 2032 sob um discurso liberal cristão. Ele assume essa sociedade destruída sob a premissa de “fazer a América grande novamente”

(BUTLER, 2019, p. 32) através da valorização dos fundamentos cristãos. A teologia pregada por Jarret é de que o produto atual dos EUA só se deu pela negação dos preceitos cristãos, logo, para retornar ao progresso americano desejado é preciso, conseqüentemente, seguir as experiências religiosas abdicando os pecados e vivendo pelo que eles entendem das escrituras bíblicas:

"Somos o povo de Deus, ou somos lixo! Somos o povo de Deus, ou não somos nada! Somos o povo de Deus! O povo de Deus!

"Oh meu Deus, meu Deus, por que te abandonamos?

"Por que nos permitimos ser seduzidos e traídos por esses aliados de Satanás, esses pagãos fornecedores de doutrinas falsas e não cristãs? Essas pessoas... esses pagãos não estão apenas errados. Eles são perigosos. Eles são tão destrutivos quanto como balas, contagiosos como pragas, venenosos como cobras para a sociedade que infestam. Eles nos matam, irmãos e irmãs cristãos americanos. Eles nos matam! Eles despertam a justa ira de Deus contra nós por nossa generosidade equivocada para com eles. Eles são os destruidores naturais de nosso país. Eles são amantes de Satanás, sedutores de nossos filhos, estupradores de nossas mulheres, traficantes de drogas, usurários, ladrões e assassinos!

"E diante de tudo isso, o que somos para eles? Devemos viver com eles? Devemos deixá-los continuar a arrastar nosso país para o inferno? Pensem! O que fazemos com ervas daninhas, vírus, vermes parasitas, cânceres? O que devemos fazer para proteger a nós mesmos e aos nossos filhos? O que podemos fazer para recuperar nossa nação roubada?"(BUTLER, 2019,p. 123).

Como Lauren fala (p. 33), o novo presidente tem como objetivo a aniquilação do estado laico, pois ele entende que a segurança de todos só se garante na completude dos rituais religiosos sob uma sociedade homogeneamente cristã totalitária e criada sobre a interpretação dele e de seus seguidores das escrituras. Em sua posse, seu discurso reforça sua ideologia de patriotismo, lei e honra e sua necessidade de produzir uma América com "soldados americanos cristãos fortes, que se unam, a reconstruam e a defendam" (BUTLER, 2019, p. 197).

Com a força de seu discurso, Jarret reúne seguidores, esses que se organizam como uma gangue para assegurar a perpetuação das ideologias fascistas de seu líder. Vestem-se com túnicas pretas, usam cruzeiros no peito e bíblias em baixo dos braços, eles se autodenominam Cruzados. Andam pelas ruas em multidões com o objetivo de queimar quaisquer atos religiosos que não sejam cristãos. Lauren os descreve:

Parece ser o tipo de coisa que os eleitores dele fariam: ressuscitar algo terrível do passado. A Ku Klux Klan usava cruzes (e as queimava também?). Os nazistas usavam a suástica, que é uma espécie de cruz [...]. Então, agora temos outro grupo que usa cruzes e assassina pessoas. [...] Jarret insiste que é uma volta à época antiga, mais "simples". O agora não serve para ele. A tolerância religiosa não serve para ele. (BUTLER, 2019, p. 33)

Todas essas características lembram um representante do estado bem conhecido por nós brasileiros, não?! As semelhanças dos discursos e das ações de Jarret fazem ligação direta com o ex-presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, que usava como escudo um discurso deveras parecido com o de Jarrett. Um líder inadequado que sabia que podia contar com a insegurança do povo, a necessidade e o medo para eleger-se. As semelhanças se apresentam pela propaganda em massa combinada com reversão de ideais cristãos e combinados de desinformações. Além disso, promessas para restaurar a ordem, retornar a um padrão antigo para estabelecer um novo tipo de paradigma social, além do fato de encontrar um inimigo para o Estado que precisa ser dominado e destruído. Sem contar, uma legião de pessoas que não só creem no discurso propagado pelo político, como seguem um estilo de vida mascarado de patriotismo como desculpa para atos destrutivos. Lembra Jarret, não?!

Na última segunda-feira de setembro de 2023, os seguidores de Jarret invadem o território de Bolota destruindo e roubando o patrimônio até aquele momento estabelecido pelos membros da comunidade (244). Em pouco tempo, renderam os moradores, os prenderam, os escravizaram e modificaram todo o local para atingir um novo tipo de propósito:

Foi fácil assim. Eles tomaram Bolota, que agora se chama Campo Cristão. Nós, os cativos, não conseguimos fazer nada além de nos remexer, piscar ou gemer por mais de uma hora. Foi tempo suficiente para colocarem uma coleira na maioria de nós. (BUTLER, 2019, p. 250)

As coleiras controlavam os movimentos dos presos dentro da localização. Através delas, os Cruzados podiam administrar quaisquer tipos de fuga, pois ela dava choque nas pessoas que tentavam sair dos alojamentos sem acompanhamento de um guarda. Além disso, espiar pelas janelas e portas não era possível, pois a coleira emite sons e entrava em pequenos curtos quando qualquer pessoa tentasse chegar perto das saídas.

Esses locais viraram Campos Cristãos onde as pessoas eram reeducadas para a religião cristã. Nesses locais, o objetivo principal era converter todos aqueles que eram considerados pagãos: “Una-se a nós e prospere, caso contrário, o que acontecer com você por resultado de sua teimosia pecado é problema seu.” (BUTLER, 2019, p. 34). Os Cruzados roubavam, matavam, incendiaram e escravizaram todos aqueles que iam contra os princípios cristãos estabelecidos por Jarrett:

Não sei se as atitudes desses tais Cruzados têm alguma legalidade. É difícil acreditar que possam ter - que se possa roubar a terra e a liberdade das pessoas que obedecem à lei, lutaram para ter o que têm e não mexeram com ninguém. Não acredito que até mesmo Jarret tenha mexido tanto na constituição a ponto de se tornar essas coisas legais. Pelo menos, ainda não. Então, como é possível que um grupo de vigilantes tenha a coragem de montar um campo de “reeducação” e administrá-lo com pessoas encoleiradas de forma ilegal?

Em um país sem política ambiental, crise nos diversos setores e uma população majoritariamente pobre e vulnerável a todas as consequências nefastas da nova era geológica, um presidente de extrema direita e com discursos fascistas e supremacistas se elegeu. Mas com a independência do Alasca e com o desenvolvimento do Texas em busca de separar-se dos EUA também, o regime de Jarret começa a decair:

Mas o tipo de religião de Jarret e o próprio Jarret estão ficando cada vez menos populares atualmente. Ambos, ao que parece, são ruins para os negócios, ruins para a Constituição dos Estados Unidos e ruins para uma grande porcentagem da população. Eles sempre foram (BUTLER, 2019, P. 433)

Apresento três principais motivos pelos quais teorizo essa eleição. Primeiro, o sistema eleitoral. No romance, a maneira como as eleições ocorrem não é esclarecida, mas parte-se do pressuposto que o sistema é próximo, se não igual ao que conhecemos atualmente. Em comparação com os colégios eleitorais, a população tem pouco poder de voto e os discursos políticos apresentados no romance são sempre voltados à população mais abastada.

Segundo que Jarrett se elege em uma época em que a população está desacreditada e passando por diversas necessidades - sejam elas alimentícias, de moradia ou de assistência social e política. O governo anterior desperdiçava verba pública com expedições que enviavam pessoas a Marte com o objetivo de popular o

outro planeta, enquanto as pessoas na Terra agonizavam e morriam de fome e sede pelas ruas. Como um grande salvador da pátria e soluções divinas, surge um candidato que promete devolver à nação a estabilidade não só econômica, mas também espiritual, então aqueles que foram exercer seu direito cidadão, optaram pelo candidato.

É familiar e a história carrega tragédias por conta de salvadores da nação. E a história se repete nessa situação e se repetirá incessantemente e só através do conhecimento legítimo do povo sobre sua história para evitar a recorrência que causem danos à população. Porém, as escolas não mais existem nessa realidade. Dentro dos bairros murados e mais organizados, as pessoas que lá habitavam organizaram “escolas caseiras para ensinar o básico para sobrevivência” (BUTLER, 2018, p. 53), ou seja, ensinamentos para o prático da vida.

O terceiro motivo pelo qual esse cenário se estabelece é o fator histórico. Mirzoeff (2016, p. 1) defende que:

No enquadramento temporal do Antropoceno (qualquer que seja), tal sistema só pode significar dominação branca (euro-Americano) sob populações africanas, asiáticas e nativas que foram colonizadas e escravizadas.

Logo, nesse contexto, trata-se de mais uma história onde prevalece a supremacia branca. A injustiça ambiental recai principalmente sobre as populações historicamente prejudicadas na hierarquia social, ou seja, aquelas que por menos condições financeiras habitam nas margens do centro social:

Dado o amplo leque de agudas desigualdades sociais, a exposição desigual aos riscos químicos fica aparentemente obscurecida e dissimulada pela extrema pobreza e pelas péssimas condições gerais de vida a ela associadas. Assim, ironicamente, as gigantescas injustiças sociais encobrem e naturalizam a exposição desigual à população e o ônus desigual dos custos de desenvolvimento (HERCULANO, 2008, p. 05)

É nesse quadro social da exposição extrema às tragédias naturais que se encontra a família Olamina. Robledo onde moram, predominantemente habitado por negros, latinos e asiáticos se esforçavam diariamente - antes da invasão - para se adaptar a realidade dos danos ambientais tentando inaugurar um novo estilo de vida baseado na agricultura e agropecuária caseira, apesar da falta de recursos hídricos pelos os altos preços.

Sob essas realidades governamentais percebe-se a concentração paradigmática do colapso em que vive a sociedade americana. O que se retira desse sistema social dos EUA a partir de 2024 é que os problemas sociais não são dissociáveis aos danos ambientais e que principalmente a nova e complexa ordem estabelecida foi provocada pelos efeitos sob os ambientes bióticos e físicos. Nesse sentido, com a falta de alimento, segurança e saúde, a população mais pobre se vê com duas alternativas: ou submeter-se a qualquer tipo de vida que o local fornecer e adaptar-se, ou viver migrando em busca de um lugar que lhe ofereça o mínimo para sobreviver.

2.3. Diáspora

Atingida por um conjunto de fatores ecológicos, políticos e econômicos, Lauren se vê na necessidade de se deslocar pelo país forçadamente. No primeiro romance, se vê na necessidade de fugir de Robledo após uma invasão de sem tetos e drogados. Após a perda de seus pai e madrasta, mais a aparente morte dos irmãos e amigos, ela planeja sua diáspora para novas terras que prometem mais estabilidade. Já em *Talentos*, após sua fuga de um dos Campos Cristãos, Lauren novamente parte em uma jornada, mas dessa vez em busca de sua filha Larkin e da concretização dos planos de Semente da Terra.

Como argumenta Gomes (2022, p. 30) e Federmayer (2017, p. 06) o deslocamento da população de uma região para outra acontece principalmente como resultado das emergências climáticas resultantes do Antropoceno. Baseada no mapeamento histórico e no processo contemporâneo global ecológico de Los Angeles, argumento que é o potencial múltiplo do capitalocênico que induz o movimento de pessoas para fora de suas residências, mas não uma saída somente em busca daquilo que é necessário, não é somente uma migração, mas uma fuga, ou seja, uma saída forçada e necessária para sua sobrevivência, uma diáspora.

A migração diz respeito ao deslocamento/modificação regional e ela acontece por diversas razões. Dentro desse contexto discutido, não se pode deixar de citar as muitas pessoas que precisam se deslocar de suas residências aqui mesmo no norte do Brasil devido aos desmoronamentos e enchentes. Muitas vidas foram perdidas, além de casas e sonhos que foram levados como resultado das catástrofes ambientais. É importante ressaltar que a maioria das pessoas afetadas por esses

fenômenos são pessoas pobres que, em sua maioria, ficam desabrigadas por não ter condições de mudar-se para outros lugares. A Organização Internacional de Migração vai definir esse tipo de movimento como Migração Climática:

O movimento de uma pessoa ou grupos de pessoas que, predominantemente por motivos de alteração repentina ou progressiva do ambiente devido às alterações climáticas, sejam obrigadas a abandonar o seu local de residência habitual, ou optem por fazê-lo, temporária ou permanentemente, dentro de um Estado ou através de uma fronteira internacional. (GLOSSARY ON MIGRATION, 2019, p. 31, minha tradução)

Enquanto Stuart Hall (2003, p. 11) vai defender que os deslocamentos acontecem em sua maioria como consequência da hierarquia social, estruturas de poder e sobre tensões político-culturais. Para o autor, a diáspora se localiza “em uma ‘guerra de poderes’ [...] a absorção dessas pressões pelas relações hegemônicas de poder faz com que a pressão resulta não em transformação, mas em deslocamento” (HALL, 2013, p. 12).

Dentro deste panorama, o que distingue as definições é a centralidade do indivíduo e como seu posicionamento social e as consequências recaem sobre ele. Por isso, uno os dois conceitos e proponho a ideia de uma Diáspora Climática, um fenômeno que abrange não somente os aspectos ambientais, mas também sociais e que acontece primeiramente, por resultado aos fatores antrópicos - desmatamentos, construções irregulares, exploração de recursos em excessos, etc.; e secundamente, em detrimento da falta de políticas sócio-ambientais dedicadas a grupos mais pobres que não tem condições para criarem estratégias alternativas quando acontecem fatores climáticos que tornam seus locais de moradia inabitáveis.

Em *Semeador*, a diáspora está presente nos grupos em massa que saem às ruas de Los Angeles em fuga, pois suas residências não são mais habitáveis. Com a escassez da água, falta de alimento e de segurança, a única solução viável é sair em busca de algum lugar que se possa viver minimamente bem, mas a rua não é um lugar calmo e/ou seguro. Com as insuficiências de recursos, as pessoas precisam furtar, roubar e, em último caso, matar para obter qualquer mínimo de água, roupa, alimento ou armas. Viver sem um teto para morar, é estar vulnerável a um campo de guerra e vence o mais preparado. E essa crise climática não é sentida

da mesma maneira dentro da sociedade norte-americana. As pessoas que são mais prejudicadas são os mais pobres, em grande maioria negros e latinos:

[...] as pessoas da via expressa formavam uma massa heterogênea - negras, brancas, asiáticas e latinas - cujas famílias estão se mudando com bebês nas costas ou em cima dos carrinhos lotados, carroças ou cestos de bicicleta, às vezes, junto com uma pessoa velha ou com deficiência. (BUTLER, 2018, p. 218)

Escassez da água (BUTLER, 2018, p. 20), terremotos (2018, p. 148), aumento do nível do mar e excesso de salificação (2018, p. 149), doenças que alcançam níveis globais (2018, p. 47) (2019, p. 19), desgoverno, infertilidade da terra (2018, p. 150) são apenas alguns dos problemas que causam a necessidade de uma diáspora. Todas essas mudanças são impulsionadas pela relação entre o homem, a natureza e a tecnologia para a reprodução do Capital (LEFF, 2013, p. 3), porque o excesso de exploração, a manutenção das estruturas de poder e a acumulação são o que mantém o sistema capitalista em vigor.

Esse tipo de deslocamento forçado é um dos maiores exemplos de violência ambiental mantidas pelo capital, porque ele precisa tanto de pessoas migrantes, quanto de pessoas que venham a se tornar migrantes para sustentar o estilo de vida dos mais ricos. Primeiro, porque para alguém precisar se deslocar de uma residência física precisa de motivos maiores. Moradores de bairros murados, por exemplo, com o preço da água e escassez dos alimentos, é mais atrativo migrar em busca de um lugar onde os recursos sejam mais baratos, do que se manter no mesmo lugar de morrer de fome. Mas enquanto essas pessoas sobrevivem com o pouco que têm, outros vivem em abundância. E para que alguns poucos vivam com fartura, esses muitos precisam sobreviver com a pobreza e/ou miséria:

Para os moradores de rua, incapazes de pagar planos de saúde, mesmo um ferimento pequeno pode ser fatal. Sou um morador de rua agora. Não tão pobre como alguns, mas sem casa, sozinha, cheia de livros e ignorante sobre a realidade. A menos que eu encontre alguém do bairro, não posso confiar em ninguém. Ninguém para me dar apoio. (BUTLER, 2018, p. 192)

E em segundo lugar, porque se esse grande grupo pobre migra³⁶ em busca do básico do para sobreviver, também é porque o sistema precisa deles. Migrantes são necessários também para a perpetuação desse modelo, pois são essas pessoas que se sujeitam a quaisquer condições de vida, como por exemplo a exploração da mão de obra barata ou então escravidão por dívida, como acontece nos bairros corporativistas e ou propriedades privadas:

Os salários eram pagos, mas em moeda da empresa, não em dinheiro de verdade. O aluguel era cobrado dos barracos dos funcionários. Os trabalhadores tinham que pagar pelos alimentos, pelas roupas [...], por tudo de que precisavam [...] Os salários, que surpresa!, nunca bastavam para pagar as contas [...]. as pessoas não podiam deixar um empregador a quem devessem dinheiro. Eram obrigadas a trabalhar para pagar a dívida quase como escravas ou detentas. (BUTLER, 2018, p. 358).

Para melhor exemplificar como o Capitaloceno explica esse fenômeno acontecido na obra, retornamos a Moore (2013, p. 15) defende que o objetivo do Capitaloceno é a ecologia de mundo do capital, ou seja, a acumulação, poder e produção. Em primeiro lugar, “acumulação” seja através do furto ou da violência; em segundo lugar, “poder”, hierarquia social, e por último a “produção” que não age sob a natureza, mas se forma a partir dela. Em outras palavras, a combinação de exploração e expropriação estabelecidas pelo capitalismo fundam um cenário de desintegração e falha nos sistemas ecológicos. É exatamente a devastação, induzida pela nova era que cria o arquétipo de sociedade Americana apresentada nas Parábolas. O deslocamento ou diáspora climática acontece em razão da busca daquilo que lhes foi retirado.

Em *Semeador*, Lauren é obrigada a sair de seu bairro logo após a invasão de bandidos. O ataque, na verdade, é um protesto feito pelos moradores de rua, que acontece para fazer um apelo político devido ao descaso com a população:

Tudo estava um caos. Pessoas correndo, gritando, atirando. O portão tinha sido destruído. Nossos agressores tinham passado por ele com um caminhão antigo. Devem ter roubado só para derrubar o portão. Acho que eles eram viciados em piro - pessoas carecas com as cabeças, os rostos e as mãos pintados. [...] Eles atiraram, atiraram e atiraram.” (BUTLER, 2018, p. 188-189)

³⁶ Apesar de defendermos a Diáspora como termo mais adequado à situação de Lauren, ainda usaremos Migração para se referir ao movimento de deslocamento.

Após os incêndios, saques, mortes e estupros aos moradores de Robledo, Lauren se vê sem sua família e precisa sair por Los Angeles em busca de estabilidade. Zahra Moss e Harry Balter juntam-se à Olamina (BUTLER, 2018, p. 202) e juntos migram para o norte dos EUA. A estrutura que Lauren concebe para uma boa jornada é permanecer em comunidade e preservar a capacidade de adaptação e transformação que compreende abordagens reais ao cenário que eles encontram nas ruas. Olamina entende que andar pelas ruas sozinha não é possível, mas que andar em um grupo fraco também não garante uma jornada segura. Além disso, ela compreende a clara desvantagem de um grupo de duas mulheres, uma negra e uma latina e somente um homem. Nesse sentido, é importante ressaltar que “a identidade negra é atravessada por outras identidades, inclusive de gênero” (HALL, 2003, p. 12), e nesse cenário, ser mulher e negra pelas ruas é uma desvantagem. Por isso, Lauren opta por andar com roupas masculinas:

Eu estava pensando em viajar vestida de homem - disse a ele.

Ele parecia estar controlando um sorriso.

- Vai ser mais seguro para você. Pelo menos, tem altura suficiente para enganar as pessoas. [...]
- Casais de etnias diferentes enfrentam um inferno, sejam heteros ou gays. Harry vai incomodar os negros e você vai incomodar os brancos. Boa sorte! (BUTLER, 2018, p. 211).

As ruas são terras sem lei nas quais as pessoas que por ela vagam enfrentam um colapso não só natural, mas nas estruturas de saúde, economia e de segurança e por isso, armas são tão necessárias como água e abrigo. Lauren tem o treinamento para utilização de armas, que foi feito desde sua adolescência. Elas podem ser utilizadas para auto proteção ou proteção da comunidade, mas com o fácil acesso, as armas são amplamente utilizadas também para crimes. Ninguém nas ruas é inofensivo e inclusive crianças roubam e às vezes precisam matar para conseguirem sobreviver (BUTLER, 2018, p. 223). Além disso, é fácil encontrar “corpos em decomposição, pessoas ao lado de seus familiares mortos aguardando morrer também. Constantemente pessoas doentes e/ou sob efeito de drogas alucinando. Roubar roupas de pessoas mortas e alimentos também” (BUTLER, 2018, p. 267).

E mesmo se estabelecendo uma comunidade auto suficiente e criada para se adaptar às dificuldades que o mundo de fora impõe, com a posse de Jerret e a

proliferação dos Cruzados, Bolota é destruída. Como cita Hall (2003, p. 30), a maneira de o sistema se manter é “marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial”. Dado que o Capitaloceno se reconhece pela exploração, aqui, novamente, vemos a marca de uma configuração que só existe a partir da concepção da exploração e escravidão. Lauren e muitos de seus companheiros sofrem essas consequências quando Bolota é transformada em um Campo de Reeducação, onde muitos são torturados, estuprados, mortos e/ou dados por desaparecidos.

Em *Talentos*, a narrativa não se trata somente da exploração da natureza não-humana, mas também de como a própria espécie humana - mais especificamente homens, brancos, ricos e localizados na mais alta hierarquia social - são os que regulam e produzem as condições de vida em geral. Aqui cabe lembrar a ecologia “Oikeios” (MOORE, 2013a, P.02) que defende a ideia de que a humanidade também faz parte da concepção de natureza. Ao mesmo tempo que o ser humano forma a relação inter espécie, é ele quem determina suas condições.

Partindo dessa realidade, temos Jarret seus seguidores como o topo da hierarquia e no mais alto nível da estrutura de poder social e os responsáveis pela nova organização do meio onde vivem, dividindo os EUA entre cristãos e inimigos e escravizando aqueles que não coadunam com seus princípios. Não só os recursos naturais se transformam em produtos nessa realidade, mas como cita Mirzoeff (2016, p. 04) a pessoa escravizada transforma-se em objeto não-humano. Dentro dos Campos de Reeducação a massa que lá habita é tratada com descaso: coleiras eletrônicas, gritos de desprezo, exclusão de identidade e privação da liberdade é o novo estado atual.

Porém, após uma tempestade, as coleiras param de funcionar (BUTLER, 2019, P. 335). Lauren reúne um grupo de pessoas para destruir o local e após a demolição ela retorna às ruas em busca de sua filha Larkin. Apesar de prezar pelo coletivo acima da individualidade, ela reconhece a necessidade de desmanchar Bolota e preserva a Semente da Terra somente em pequenos grupos:

Sobrevivemos juntos à escravidão, mas eu não achava que poderíamos sobreviver juntos à liberdade. Desfiz a comunidade Semente da Terra e mandei parte dela para muitos lugares. Acho que era a coisa certa a se fazer, mas mal consigo pensar nisso. Assim que eu escrever isso, pode ser que eu comece a fechar a ferida. Não sei. Só sei que estou com um buraco enorme dentro de mim. Mandeí embora as pessoas mais importantes para mim. Elas eram tudo o que havia me restado, e sei que talvez nunca mais as veja. (BUTLER, 2019, P. 349)

Ao traçar seu objetivo de sair em diáspora, Lauren entende que a manutenção de alguns de seus princípios devem se retransformar. Considerando, em princípio, o aspecto político da diáspora, Hall defende que “O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um 'Outro' e de uma oposição rígida entre dentro e fora.” (p. 35). Ao sair pra rua, enquanto uma mulher negra, pobre, sem nenhum tipo de recurso e uma mulher fortemente religiosa, Lauren é esse outro. A fronteira se estabelece entre ela e o status quo Jarretiano que exclui propositalmente todo e qualquer indivíduo que seja semelhante à ela. Ampliando seu entendimento de mundo e sua capacidade de resiliência, Lauren entende suas limitações quanto a manutenção da identidade religiosa. O movimento de migração dela vai surgir essencialmente para reencontrar a filha, ao contrário do primeiro romance cujo objetivo principal era encontrar um local seguro para estabelecer um território para Bolota.

Os movimentos de Lauren interessados seja em um espaço para estabelecer uma comunidade ou se deslocar em busca da existência de Larkin são entendidos como uma iniciativa política de migrar em busca do desenvolvimento, seja pessoal ou coletivo. E o que se conclui de seus deslocamentos é que são resultado de uma nova era que faz com que a diáspora seja uma estratégia única de sobrevivência.

3. “Tudo o que você muda, muda você”: cultivando sementes em terras inférteis

3.1 Entre dores e desprazeres: a hiperempatia enquanto uma perspectiva renovadora

No mundo de *A Parábola do Semeador* poucas pessoas carregam consigo a empatia, ou seja, a capacidade de pensar no outro e no lugar que este ocupa no mundo. Lauren, porém, desenvolveu uma condição rara que afeta as experiências mentais e físicas dos indivíduos, a hiperempatia. Por ser uma compartilhadora, ela partilha tanto das dores quanto dos prazeres das outras pessoas. Nesse cenário distópico, essa condição é vista por todos mais como uma doença ou uma deformidade do que uma habilidade positiva ou um dom, pois é uma realidade onde predominam o sofrimento coletivo e desprazeres. Entretanto, Lauren usa de sua condição para ressignificar seu olhar para o mundo e criar estratégias para sobreviver com essa situação.

O Partilhamento ou hiperempatia é uma síndrome sensorial perceptiva que faz com que seu portador compartilhe de dores e prazeres emocionais e físicos de outras pessoas. Pode ser considerada uma síndrome pela configuração específica de sintomas e não afetar necessariamente de maneira negativa o estado natural do corpo. Apesar disso, no contexto social em que essa sociedade se encontra - onde predominam as condições de vidas insuportáveis, a Hiperempatia é considerada uma doença pelos indivíduos em geral, pois fragiliza facilmente seus portadores.

Pela parte de sua família e sua criação, Lauren não entende bem o que acontece com seu corpo e como ela pode partilhar dores. Desde pequena durante brigas com os irmãos, ela sempre saía mais machucada; quando presencia alguém sendo agredido, Lauren sente as dores das pessoas, imediatamente sangra e precisa ser retirada do local; apesar dos bairros serem murados, ainda existem pessoas de rua, em situação de fome e miséria, por isso, Lauren em contato com essas pessoas, imediatamente começa a sofrer. A família não acreditava de fato na síndrome, mas ainda assim, apresentava algum zelo em relação a isso:

Meu pai olhava para trás na minha direção de vez em quando. Ele diz “Você consegue superar isso. Não tem que se envolver.” Ele sempre fingiu, ou talvez acreditou, que minha síndrome da hiperempatia fosse algo que eu pudesse deixar de lado. Afinal, o partilhamento não é real. Não é uma mágica, nem uma percepção extrassensorial que me permite compartilhar da dor ou do prazer de outras pessoas. (BUTLER, 2018, p. 21)

Apesar de sentida, Lauren defende que a síndrome é totalmente ilusória. Partilhadores sentem fisicamente ou emocionalmente tudo aquilo que pessoas ao seu redor demonstram sentir. Lauren assume que sua condição é orgânica e meramente fonte de sua imaginação, porque pessoas manipuladoras e com uma boa linguagem corporal são capazes facilmente de produzirem torturas em pessoas hiperempáticas.

A síndrome da hiperempatia é um distúrbio ilusório, afinal. Não há telepatia, magia, nenhum despertar espiritual profundo. Há apenas a ilusão induzida neuroquimicamente na qual sinto a dor e o prazer que vejo outras pessoas sentindo. O prazer é raro, a dor é grande, e ilusória ou não, dói demais. (BUTLER, 2019, p. 24)

A partir desse contexto, o que se pode entender da hiperempatia é que ela é a irmã exagerada da empatia. Ambas provêm da mesma origem cujo objetivo é desenvolver a conexão com o espaço que o outro ocupa no mundo, mas elas se distanciam na dimensão do limite e do controle. Ou seja, uma aptidão ou uma possibilidade de tentar compreender o outro no âmbito da experiência. A hiperempatia é uma síndrome, incontrolável, orgânica e principalmente lida com a percepção:

É ilusório. Até mesmo eu admito isso. Meu irmão Keith costumava fingir estar machucado só para me enganar e dividir sua suposta dor. Certa vez, ele usou tinta vermelha como sangue falso para me fazer sangrar. Eu tinha onze anos na época, e o sangue ainda saía pela minha pele quando eu via outra pessoa sangrar. (BUTLER, 2018, p. 21)

Defendo que ao contrário do que se entende, a empatia não é colocar-se no lugar do outro, primeiramente, porque é psico e fisicamente impossível integrar-se completamente dos sentimentos, experiências e das realidades já vividas das outras pessoas. E secundamente, porque a empatia é a capacidade de se colocar à disposição de entender o lugar do outro no mundo, e, a partir daí, a percepção é trabalhada para compreender a consciência do outro. Doravante, as relações tornam-se mais significantes, trabalha-se a interconectividade quando se pára de olhar só para si mesmo e começa a ter um olhar atento ao outro. O limite da empatia é ultrapassado quando o indivíduo tenta viver na pele do outro, ou seja,

tentar por algum motivo apropriar-se e viver sob a perspectiva do que o outro diz sentir.

Ao passo que a hiper empatia ultrapassa a compreensão mental alcançando a dimensão física. Um compartilhador é como um sensor do sentir físico e emocional do outro, o que o transforma automaticamente em uma pessoa mais vulnerável, pois no mundo violento em que Lauren vive, ela é afetada por toda a dor que existe à sua volta. Pode ser considerado um ponto fraco estar sensível ao sofrimento do outro e ser mais suscetível à torturas psicológicas e físicas, pois é involuntário e incontrolável sentir o que o outro sente.

Acho que o fato de ser uma compartilhadora me torna mais sensível à linguagem corporal. Na maior parte do tempo, isso é uma desvantagem; me força a sentir coisas que não quero sentir. Psicóticos e bons atores podem me causar muito problema. Mas, naquele momento, minha sensibilidade foi uma ajuda. (BUTLER, 2019, p. 140)

Antes de tudo, a hiperempatia aparece como uma falha inserida em um contexto de dor para transbordar mais sofrimento em um espaço onde as pessoas já vivem sob consequências drásticas de uma era capitalocênica projetada para a fatalidade. Ela surge como resultado de uma ideologia meritocrática que promove uma lógica competitiva entre os estudantes e trabalhadores, os quais só se destacavam pelo valor e resultado individual. Para isso, jovens passaram a utilizar uma droga desenvolvida para pessoas com Alzheimer que funcionava com um estimulante do raciocínio e da memória, o Paracetco:

Parava a deterioração da função intelectual e permitia à pessoa fazer uso do que lhe restava de memória e de capacidade de raciocínio. Também melhorava muito o desempenho de pessoas comuns, jovens e saudáveis. Elas liam muito depressa, assimilavam mais e eram mais rápidas e certeiras ao fazer conexões e cálculos e ao tirar conclusões. Assim, o Paracetco se tornou tão popular quanto o café entre os estudantes, e se eles pretendiam competir em uma das profissões com melhor remuneração, ele era tão necessário quanto entender de informática (BUTLER, 2019, p. 25)

A hiperempatia é o resultado de uma estrutura social onde as subjetividades são interpeladas pela exploração. A síndrome que Lauren carrega contigo surge como o resultado da manifestação do espaço distópico que apresenta um conjunto de violências provenientes do sistema, que é caracterizado pela “malevolência,

medo, colapso social e político e desordem” (CLAEYS, 2022, p. 61, minha tradução³⁷), há poucas oportunidades de empregos e muitas pessoas necessitando trabalhar para não passarem fome, então a droga não se torna um recurso, ela vira uma necessidade para os jovens quanto à adequação ao ciclo padronizado de produtividade exigido pelo sistema. A mãe de Lauren é uma das jovens que se vicia no Paracetco e mesmo durante a gestação da filha, ela não consegue se desvencilhar do produto químico. O uso excessivo da droga durante a gestação tem como resultado a hiperempatia nas crianças, e é por esse vício que a mãe de Lauren e muito outros jovens morrem enquanto nascem milhões de hiperempáticos:

O vício de minha mãe nessa droga pode ter ajudado a matá-la. Não sei ao certo. Meu pai também não sabia. Mas sei, com certeza, que o vício dela deixou uma marca inconfundível em mim: minha síndrome de hiperempatia. Graças à natureza viciante do Paracetco (alguns milhares de pessoas morreram tentando abandonar a droga), já existiram dezenas de milhões de pessoas como eu. (BUTLER, 2019, p. 26)

A manifestação da distopia através do sistema social faz com que a vivência de partilhadores seja “significativamente pior” (SARGENT, 1994, p. 09), do que para as outras pessoas. A maior parte da população que vive nas ruas enfrenta repressão, violência estatal, áreas naturais devastadas e vivem sob um estado de natureza de todos contra todos, e partilhadores além de também estarem no mesmo barco, ainda partilham dos sentimentos e dores físicas dos outros.

Lauren além de precisar vivenciar sua dura realidade complexa atravessada pelas violências, observando todos ao seu redor viver no limite do que significa a humanidade - tudo isso dentro de sua adolescência - precisa lidar com uma síndrome que interfere diretamente na sua existência. Desde muito cedo, Lauren entende que para sobreviver em seu mundo é preciso, em primeiro lugar, aprender a se defender. Tanto pessoas quanto animais estão sob situação de morte, tentando obter alimento e segurança de qualquer maneira. Para isso, logo aos 15 anos, jovens aprendem a manejar armas para proteção de suas comunidades em suas aulas de tiro. Para Lauren esse tipo de estratégia de defesa é a mais dolorosa, pois atingir seja pessoas ou animais machuca-a na mesma intensidade:

³⁷ Citação original: “[...]portray post-apocalyptic scenarios where the cause of universal catastrophe is not explicitly named. Here dystopia is a state or condition characterized by malevolence, fear, social and political breakdown, and disorder (CLAEYS, 2022, 61)

A maioria de nós pratica em casa com armas de pressão em alvos caseiros e em esquilos e aves. Já fiz tudo isso. Minha mira é boa, mas não gosto de praticar com animais. Foi meu pai quem insistiu que eu aprendesse a atirar neles. Ele dizia que alvos móveis seriam bons para minha mira. Eu acho que havia outras intenções. Acho que queria ver se eu conseguiria - se atirar em uma ave ou em um esquilo acionaria minha hiper empatia.

Mesmo que visto como uma deformidade, a hiperempatia permite que Lauren se ressignifique e produza o que Moylan chamaria de o que ela chamaria de “vislumbres de esperança” (2007, p. 67), o autor argumenta que a esperança dá frutos para as construções utópicas e ela se manifesta através das vozes e gritos de pessoas marginalizadas. Nesse sentido, a condição de Lauren é entendida como uma ação vanguardista para a criação de uma consciência social e ecológica comum. Sua hiperempatia é que permite com que ela possa observar seu mundo com outros olhos, cuidar dos outros, entender a realidade em que ela vive pensando na mudança e no progresso individual e social, com o objetivo de diminuir as dores e desprazeres de todos. Tanto que seu meio social vê a hiperempatia como uma fraqueza ou uma doença, mas Lauren aprende a ressignificar seu olhar e entender que:

Se a síndrome da hiper empatia fosse algo mais comum, as pessoas não fariam essas coisas. Elas poderiam matar, se fosse preciso, e aguentariam a dor disso ou seriam destruídas por ela. Mas se todas pudessem sentir a dor um do outro, quem torturaria? Quem causaria qualquer dor desnecessária a alguém? (BUTLER, 2018, p. 144)

Ao experienciar a hiperempatia, Lauren aceita a conexão inexorável entre ela e outra pessoa, mesmo que desconhecida. Não é somente envolver-se e importar-se com o outro, mas ter a percepção, entendimento e aprender a compartilhar continuamente a interação com a sociedade e com o ambiente. Isso mostra que a hiperempatia é profundamente consolidada na universalidade e no cuidado com o outro.

Embora Lauren sinta as dores e desprazeres ao encontrar pessoas em situações de sofrimento, ela não compreende ao certo se sua condição existe de fato ou é só uma crise ilusória orgânica como resposta às situações que se depara. Em uma situação de perigo extremo, quando o filho de Natividade Travis está por ser morto por um cachorro, Lauren precisa matar o animal mesmo que ela mesma possa sofrer as consequências disso (BUTLER, 2018, p. 209). Ainda assim, aos poucos ela vai desenvolvendo a capacidade de controlar e reformular suas

fraquezas em algo que beneficie a ela, as pessoas em volta e a casa comum, a Terra.

O fato de Lauren ser uma compartilhadora determina sua trajetória na construção de sua comunidade. É através de sua hiper empatia que sua preocupação com social se eleva e toda sua capacidade de entender o local que o outro ocupa e significa é o que inspira a protagonista a entender suas verdades e produzir algo sólido e transformador (BUTLER, 2019, p. 67). Ela percebe que as pessoas podem se modificar, aceitar o Deus da mudança, pensar e compartilhar com o outro e criar uma teia de colaboração:

Nunca antes pensei em meu problema como algo que poderia fazer bem, mas do jeito que as coisas estão, acho que ajudaria. Eu queria poder dar isso às pessoas. Não podendo, gostaria de encontrar outras pessoas que sofrem da mesma coisa, E viver entre elas. Uma consciência ecológica é melhor do que nenhuma consciência. (BUTLER, 2018, p. 144)

A empatia é a chave para desenvolver a humanidade³⁸ para que todos sobrevivam nesse mundo capitalocênico. Através da rejeição da ideia do individualismo e da preservação do coletivo que um novo tipo de relação humana simbólica é criada.

3.2 “Vislumbres de esperança”: O ponto de encontro entre utopia e religião

Sob a futura sociedade de repressão e exploração apresentada nas parábolas, uma contra-narrativa surge como maneira de rever o horizonte político e cultural. Uma massa da população é ignorada pelas autoridades e instituições que deveriam garantir sua existência minimamente digna, enquanto uma pequena parte que possui condições financeiras tenta sobreviver no caos ecológico e social que se estabeleceu na primeira década dos anos 2000. Sob essa ótica, Olamina ao observar sua realidade social com seu olhar atravessado por diversas condições, percebe e aceita verdades emergentes que culminam em uma poderosa arma de resistência. Uma menina que desde cedo precisa aprender a se organizar e sobreviver em um mundo racista e explorador, além de precisar estar sempre atenta

³⁸ Humanidade aqui carrega o sentido ambíguo propositalmente. Tanto no sentido de compaixão, de ajudar o próximo, quanto ao todo da espécie humana.

à pobreza, ineficiência política e uma vida de medo - pois ainda carrega uma síndrome de hipersensibilidade.

Em sua família, a religião era o instrumento de acalento e principalmente de manutenção dos valores éticos de sua comunidade. A organização social dentro de Robledo acontecia dentro da casa dos Oya Olamina, cuja principal preocupação era a manutenção do bem estar e conforto de sua família e cuidado com o outro e com a terra³⁹. Cory, a madrasta de Lauren fundou uma pequena escola dentro de casa para auxiliar na educação infantil, já que sair para fora dos muros era perigoso demais. O pai de Lauren era um Pastor Batista e a igreja, local santo da comunidade onde aconteciam os cultos e reuniam boa parte das pessoas, também se localizava na casa de Lauren. Então, religião, Deus, fé e espiritualidade sempre fizeram parte da realidade existencial de Lauren. Entretanto, o Deus de seu pai não alcançava suas necessidades interiores. A idealização da entidade pregada por seu pai tão pouco representava as verdades e convicções de Lauren:

Há pelo menos três anos, o Deus de meu pai deixou de ser o meu Deus. A igreja dele deixou de ser a minha igreja. E ainda assim, hoje, por ser uma covarde, eu me permito ser iniciada naquela igreja. Deixo meu pai me batizar em todos os três nomes daquele Deus que não é mais o meu. Meu Deus tem outro nome. (BUTLER, 2018, p. 12)

Intuitiva e astuta, Lauren, desde a infância obtinha um senso coletivo e uma consciência social fortes o suficiente para produzir uma reflexão sobre a presença de um Deus. Ela ajudou sua madrasta na consolidação da escola caseira produzindo materiais, organizando os estudantes e auxiliando no que fosse necessário. Desde nova participava das caças aos animais, ajudava o pai nas questões de organização da comunidade, além de estar atenta às falsas promessas políticas dos governantes. Aos 15 anos, criou um kit de sobrevivência, porque tinha noção que os muros que os protegiam, poderiam a qualquer momento serem destruídos eliminando a falsa segurança que as barreiras prometiam. Sob toda essa perspectiva, a essência de um Deus bondoso e esperançoso é falsa e ineficiente. Um Deus que está ciente dos pobres e sem tetos e se mantém na inércia é uma entidade aquém das angústias que um povo necessitado precisa:

³⁹ Terra aqui é sinônimo de fertilidade, plantação, visto que a família obtinha hortas dentro do pátio para auto sustento (BUTLER, 2018, p. 21).

Tenho pensado muito em Deus ultimamente. Tenho prestado atenção no que as outras pessoas acreditam - se acreditam, e nesse caso, no tipo de Deus em que acreditam. [...] Muitas pessoas parecem acreditar em um Deus-paizão, em um Deus-tira-durão ou em um Deus-rei-supremo. Elas acreditam em uma espécie superpessoa. [...] Talvez Deus seja uma espécie de criança grande com seus brinquedos. Se for, que diferença faz se 700 pessoas forem mortas por um furacão - ou sete crianças vão à igreja e são mergulhadas em um grande tanque de água cara? Mas e se tudo isso estiver errado? E se Deus for outra coisa totalmente diferente? (BUTLER, 2018, p. 25-27)

Nessa perspectiva, ao observar as crises que sua comunidade enfrenta, ela transcende uma nova maneira de se conectar com sua espiritualidade, uma nova possibilidade que ela encontra em Deus. O retrato propagado do significado de um Deus que assegura um céu distante e de difícil acesso e alcance, que não propõe a resiliência e a capacidade de refletir sobre uma perspectiva manutenção de sobrevivência digna em um mundo que ignora a existência de pobres, negros, latinos e asiáticos - grupo de pessoas que moram em Robledo. Ao entender essa condição de vida, surge a Semente da Terra, uma nova religião que é absorvida por Lauren como “uma rede de verdades que ela simplesmente reconheceu” (BUTLER, 2019, p. 67). Desde os 12 anos, Lauren reflete sobre a existência da entidade descrita como Deus, mas nunca aceitou as propostas apresentadas desse conceito. Em seus cadernos apresenta reflexões sobre as percepções e reconhecimentos sobre o funcionamento da dinâmica da vida.

A primeira verdade aceita por Olamina é que deuses são criações inteiramente humanas para servir a alguns propósitos. Algumas religiões surgem da emoção e tendem a fugir da razão para a subsistência, ou como um conforto ou alternativa. Para Semente da Terra, Deus não é um pai cheio de amor, que nos assiste⁴⁰ o tempo todo.

Na verdade, seu deus é um processo ou uma combinação de processos, não uma entidade. Não tem consciência dela, nem de nada. Não tem consciência alguma. Ela diz “Deus é mudança”, e realmente acredita nisso. Algumas faces de seu Deus é a evolução biológica, a teoria do caos, a teoria da relatividade, o princípio da incerteza e, claro, a segunda lei da termodinâmica. “Deus é mudança, e no fim, Deus prevalece” (BUTLER, 2019, p. 68)

O desenvolvimento do que Lauren entende por Deus está conectado com o desenvolvimento da própria protagonista. A proposta maior da Semente da Terra é

⁴⁰ Ambos significados: ver/observar e auxiliar.

aprender a lidar com as transformações e as instabilidades constantes que é exatamente o que ela vive diariamente. Seu preceito é que Deus está ligado diretamente ao reconhecimento de que nada é permanente e que Deus precisa ser moldado:

“Toda vida bem-sucedida é
Adaptável,
Plural,
Obstinada,
Interconectada e
Fecunda.
Compreenda isso.
Use isso.
Molde Deus.”

- Semente da Terra: Livro dos Vivos (BUTLER, 2018, p. 156)

Sob a premissa de que Deus é a constante mudança, a crença orienta e move à ação. Não existe um ser por trás de tudo, ou uma entidade divina pela qual se pode culpar os erros e dificuldades enfrentadas, pois aceitar a Semente da Terra é aprender a assumir total responsabilidade sobre seus atos e assumir a responsabilidade também pelo cuidado individual, social e ecológico. O Deus verdadeiro de Lauren é pautado na reflexão, domínio, esforço e dedicação, já que Ele não é um ser intocável, inalcançável e onipotente - como o Deus cristão de seu pai -, ao contrário, a grande proposta é desconstruir a ideia de um Pai bondoso que tudo pode, para uma abordagem de crença que retira a santidade divina e produz um Deus moldável e maleável que auxilia a ver na transformação uma nova possibilidade, e não um fim. A religião é uma guia para a ação e para o trabalho, visto que a natureza das coisas é a mudança:

Não adoramos a Deus.
O reconhecemos e acompanhamos.
Aprendemos com Deus.
Com premeditação e trabalho,
O moldamos.
Ao fim, nos curvamos perante Deus.
Persistimos e adaptamos,
Pois somos Semente da Terra
E Deus é mudança

- Semente da Terra: os livros dos vivos. (BUTLER, 2018, p. 12)

O nome “Semente da Terra” surge eventualmente do encontro de Lauren com a natureza quando ela reflete sobre o que constitui a base da possibilidade e da mudança. Um símbolo como a semente remete proteção, sobrevivência e

resistência, e a partir de seu desenvolvimento nasce e se perpetuam os frutos. Toda essa simbologia vai ao encontro das propostas da religião, que busca não só habitar novas terras, criar raízes e espalhar frutos:

O sistema de crença Deus é Mudança que me parece certo será chamado de Semente da Terra. [...] Nome mais propósito é igual a fogo, para mim. Bem, hoje eu encontrei o nome, encontrei enquanto estava tirando as ervas daninhas do quintal de trás e pensando como as plantas espalham suas sementes, por meio do vento, dos animais, da água, longe de suas plantas-mães. Elas não têm a habilidade de percorrer grandes distâncias por vontade própria, mas ainda assim, elas viajam. [...] Semente da Terra. Eu sou Semente da Terra. Qualquer pessoa pode ser. Um dia, acho que seremos muitos. E acho que teremos que espalhar nossas sementes cada vez mais longe deste lugar moribundo. (BUTLER, 2018, p. 100-101)

O sistema de crenças é um suporte físico e espiritual que reflete sobre a produção de estruturas de proteção contra os efeitos obsessivos do Capital - que desrespeita e causa danos na vida animal, humana e natural⁴¹. Butler explica, por exemplo, que uma das maiores consequências do Capitalismo marcadas na narrativa é o aquecimento global (AG): “A ecologia, especialmente o aquecimento global causado pelo uso desmedido de combustíveis fósseis, é quase um personagem da Parábola do Semeador.” (SEARS, 2015, p. 28). Compartilho da afirmação da autora e agravo a afirmação defendendo que o aquecimento global é um dos grandes protagonistas, e um personagem assassino. Por causa do AG, por exemplo, é que Lauren busca pensar e refletir sobre como nos portamos em relação a Terra mãe. Visto que a Semente da Terra emerge sob essa realidade caótica da exploração, então essa religião além de focar em um propósito vital sob a dimensão espiritual, propõe também uma intervenção através da consciência e perpetuação de uma vida orgânica. Além disso, os ideais expansionistas que geram as guerras, as explorações em massa e desigualdade social, são outros fatores sociais considerados pela Semente da Terra:

⁴¹ Com “natural”, me refiro a tudo aquilo que se refere à natureza, sejam fenômenos naturais, flora, biomas, etc.

Era disso que a Semente da Terra se tratava [...] Eu queria que nós entendêssemos o que poderíamos fazer. Queria nos dar um foco, um objetivo, algo grande o bastante, complexo o bastante, difícil o bastante, e no fim, radical o bastante para fazer com que nos tornemos mais do que já fomos. Estamos sempre caindo nos mesmos buracos, sabe? Digo, aprendemos mais e mais sobre o universo físico, mais sobre nosso corpo, mais sobre a tecnologia, mas, de algum modo, ao longo da história, seguimos construindo impérios de um tipo ou de outro, e então os destruindo de um jeito ou de outro. Seguimos travando guerras que justificamos com e com as quais nos envolvemos, mas no fim, elas só matam quantidades enormes de pessoas, mutilam outras, empobrecem outras mais, espalham doenças e fome e armam o palco para a próxima guerra. E quando analisamos tudo isso na história, simplesmente damos de ombros e dizemos: “Bom, as coisas sempre foram assim mesmo” (BUTLER, 2019, p. 467)

Os ideais religiosos de Lauren se aproximam da definição de religião de Fredric Jameson na qual ele argumenta que as religiões surgem em conflito com as utopias (BOER, 2008, p. 286), no sentido de que ambas se encontram na produção de um horizonte baseado em uma crítica ou com o objetivo de trabalhar problemas sociais por trás de um discurso:

Uma leitura dessa afirmação é que religião realmente significa outra coisa, que é uma linguagem ou código para outras questões e batalhas, sejam elas culturais, políticas, sociais e etc. Adicione a este comentário outro de seus argumentos, a saber, que a religião é precursora de algo mais complexo (BOER, 2008, p. 286, minha tradução⁴²)

Defendo que se aproxima, pois a Semente da Terra vai ao encontro de ideais utópicos que pensam em uma nova forma de vida melhorada, ela é, como Moylan defende, um tipo de “vislumbre de esperança”, uma ideologia utópica desenvolvida para produzir um espaço. O objetivo da religião de Lauren são utópicos-religiosos, pois observam a conjuntura presente e a partir daí projetam estratégias para trabalhar o espiritual e a consciência da organicidade dos seres humanos, animais e da Terra. Para isso, para entender a Semente da Terra não se pode contrastar os conceitos utopia-religião e nem entendê-los como um só, mas proponho aqui compreendê-los como conceitos que se estabelecem uma ligação.

Para melhor entendimento, segue-se a lógica de Jameson quando defende que “a religião é uma forma figurativa onde as questões utópicas são trabalhadas”

⁴² Citação original: “One reading of this statement is that religion really means something else, that it is a language or code for other issues and battles, whether cultural, political, social, and so on. Add to this comment another of his arguments, namely that religion is a forerunner for something more complex” (BOER, 2008, p. 286)

(BOER, 2008, p. 287, minha tradução⁴³), mas nesse caso não é uma estratégia figurativa e sim uma construção literal. Assim como a religião se conecta com a conjuntura presente da narrativa, elas “funcionam como uma crítica às características de uma determinada sociedade” (VIEIRA, 2022, p. 25). Pensando nisso, a Semente da Terra é entendida como uma religião que vislumbra a utopia, ou seja, emerge como uma crítica social e promove um discurso utópico e transformador.

Sob essa perspectiva de transformação, entramos com o conceito de Distopias Críticas. É uma teoria já trabalhada por Sargent (1994, p. 9), porém Moylan retoma o conceito desenvolvendo-o através de uma análise política. Nos romances, elas

Inscrevem um espaço para uma nova forma de oposição política, baseada fundamentalmente na diferença e na multiplicidade, mas agora organizada de forma sábia e sagaz em uma política de aliança totalmente democrática que pode responder com uma voz coletiva ampla, embora diversa, e não apenas criticar o sistema atual. mas também começam a encontrar maneiras de transformá-lo que vão além das limitações tanto da micropolítica radical quanto das "soluções" centristas comprometidas (MOYLAN, 2000, p. 190, minha tradução⁴⁴)

A teologia das verdades aceitas por Lauren são pautadas na sobrevivência, em primeiro lugar, e em uma visão ativa de um movimento contramão do sistema atual em que ela vive, no qual prevalece a opressão, desigualdade, violência, descaso, etc. Desde os quinze anos, ela tem o instinto da mudança e da sobrevivência quando produz seu kit de emergência cujo principal objetivo é “aprender tudo o que puder do que talvez ajude a sobreviver lá fora” (BUTLER, 2018, p. 76). Essas ideias que Lauren vai desenvolvendo são evoluídas gradualmente até que ela entenda e organize um conjunto de ideias que se transformam em uma comunidade que busca preservar a diversidade (BUTLER, 2018, p. 243), o trabalho, cuidado e a educação (idem, 2018, p. 324), como também

⁴³ Citação original: “religion is a figurative form whereby Utopian issues are fought out.” (BOER, 2008 ,P. 87)

⁴⁴ Citação original: As an anticipatory machine in that new context, the critical dystopias resist both hegemonic and oppositional orthodoxies (in their radical and reformist variants) even as they refunction a larger, more totalizing critique of- the political economy itself. They consequently inscribe a space for a new form of political opposition, one fundamentally based in difference and multiplicity but now wisely and cannily organized in a fully democratic alliance politics that can talk back in a larger though diverse collective voice and not only critique the present system but also begin to find ways to transform it that go beyond the limitations of both the radical micropolitics and the compromised centrist ""solutions" of the 1990s. (MOYLAN, 2000, p. 190)

a aceitação de uma religião que não tem como foco maior a adoração de Deus e das escrituras, mas a aprendizagem, adaptação e a oração (idem, 2019, p. 107-108).

Apesar da Semente da Terra não ser uma religião que convida seus membros a se conectar com uma entidade divina provedora de tudo, o Deus é aceito e moldado através da conexão entre a pessoa orante com a capacidade de refletir, aceitar e adaptar-se à mudança. Ao contrário do que comumente se compreende por oração na religião base de seu pai (preces a Deus), ela não conecta um ser a outro, mas consigo mesmo e a sua realidade. Durante um dos cultos, Lauren explica a Dan - menino que perde seus pais e se junta as pessoas na comunidade - como funciona as orações na religião:

- [...] Aprenda o que Deus faz. Aprenda a moldar isso às suas necessidades. Aprenda isso ou, pelo menos, aprenda a adaptar-se a isso para que você não seja esmagado. Isso é útil.
- Então, você está dizendo que orar não funciona.
- Ah não. Orar funciona sim. Orar é a única maneira muito eficaz de falar com *você mesmo*; de se convencer das coisas, de concentrar a atenção no que você quer fazer. Pode te dar uma sensação de controle e ajudar você a ir além do que pensava ser seu limite. (BUTLER, 2019, p. 108, grifos da autora)

Orar é oferecer uma prece a outro ser, em algumas religiões. Mas em Semente da Terra a ligação que os indivíduos fazem é consigo mesmo já que não existe um ser por trás de tudo que pode salvar ou punir. A auto responsabilidade e resiliência são o que se procura durante uma oração que nada mais é do que olhar para si e por em palavras os pensamentos e sentimentos para que através dessa conversa se possa encontrar uma resposta:

A Deus não se pode resistir nem parar, mas ele pode ser moldado e concentrado. Isso quer dizer que não devemos orar a Deus. As orações só ajudam a pessoa que está orando, e só fortalecem e direcionam a determinação dessa pessoa. Se forem usadas dessa forma, podem nos ajudar em nosso único relacionamento de verdade com Deus. Elas nos auxiliam a moldar a Deus, e a aceitar e a trabalhar com as formas que Ele impõe a nós. Deus é poder, e no fim, Deus prevalece. Mas podemos virar o jogo a nosso favor se compreendermos que Deus existe para ser moldado, e que assim o será, com ou sem nosso planejamento, com ou sem a nossa intervenção. (BUTLER, 2019, p. 38)

A religião se recusa a seguir alguns aspectos, preceitos e valores de outras religiões que Lauren tem como referência, sejam elas a religião batista de seu pai, o cristianismo fanático de Jerret, ou filosofias de vida como Budismo (BUTLER, 2019, p. 95). O que Lauren prega é que tudo está suscetível a mudanças e/ou ainda assim nada pode mudar, mas Deus está presente e acontece exatamente nessa configuração:

Mas a Semente da Terra não é um sistema de crenças fatalista. Deus pode ser direcionado, focado, acelerado, refreado, moldado. Todas as coisas mudam, mas cada uma precisa não mudar em todo aspecto. Deus é inexorável, mas, ainda assim maleável. Estranho. Nem um pouco religioso. Até mesmo o Destino da Semente da Terra parece pouco a ver com religião. (BUTLER, 2019, p. 68)

O destino da Semente da Terra é alcançar os céus, mas não em sentido figurativo, o objetivo é sair da Terra para colonizar outros espaços. Sair da Terra é um símbolo de renovação e fuga desse lugar apocalíptico e tomado pela ganância humana de explorar até a morte. A esperança imaginária do futuro é alcançar as estrelas (BUTLER, 2018, P. 69) para nelas um novo espaço se instaurar com uma política educativa proporcionada pelos ensinamentos da Semente da Terra. Chegar ao céu não é promessa de alcançar um paraíso eterno, mas encontrar um lugar para recomeçar sob uma nova perspectiva:

Em Semente da Terra não existe promessas de vida após a morte. O céu de Semente da Terra é literal, físico - outros mundos circundando outras estrelas. Ela promete a imortalidade à sua gente apenas por meio de seus filhos, seu trabalho e suas lembranças. (BUTLER, 2019, p. 70)

Especula-se inclusive que a sequência de *Talentos* seria *A Parábola do Malandro*, um livro cujo objetivo era acompanhar os membros que foram enviados para outro planeta para tentar sobreviver no local. Ao final do segundo livro, quando os tripulantes são enviados, Lauren já não estaria mais viva e infelizmente não conseguiria ver o destino que tanto sonhou para sua religião. No artigo *Eden, Just Not Ours Yet: On Parable of the Trickster and Utopia*, Gerry Canavan (2019, p. 3-4) fala sobre o romance que daria fechamento à trilogia e apresenta alguns escritos da autora; no romance as pessoas estariam apresentando diversas dificuldades em sobreviver em uma atmosfera totalmente nova e sentindo falta das pessoas que deixaram na terra.

Ainda assim, o projeto de vida político educacional utópico de Olamina ganha vida e é posto em prática aqui na Terra. Os escritos de Lauren e sua pregação ganham forças durante a jornada pelas ruas de Los Angeles em busca de um novo lugar após invasão de Robledo, as pessoas que se juntam a Lauren e seus amigos durante a caminhada vão aos poucos recebendo as palavras e adequando-se às disciplinas e valores da religião. Mas o que faltaria para atingir seus objetivos era alguma terra, um espaço para ocuparem e viverem de maneira mais segura. Esse problema se resolve com a chegada de Bankole, futuramente marido de Lauren, que possui um terreno longo e de terras ainda férteis e oferece a Olamina para estabelecer uma comunidade⁴⁵. Bolota antes de tudo é um espaço criado para reunir pessoas que possuem um interesse maior, mas que estão lá para se apoiar, viver a verdade da Semente da Terra e se acolher.

3.3 Consumo de Bolota e a Utopia da Utopia

Desde jovem, Lauren possui a capacidade de compreender o mundo em sua volta e interpretar dessa situação o fato de que para se auto modificar e produzir mudança é preciso abraçar-se da realidade para a partir disso produzir estratégias para sobreviver sob o caos. O Capitaloceno é uma era redutiva e exploratória onde predomina a injustiça ambiental, que como vimos nos capítulos anteriores, recaíram com mais intensidade sob uma população específica, que precisou ir para as ruas em busca de comida, água e um pouco mais de estabilidade. Essa população não coincidentemente tem cor e gênero, os migrantes em sua maioria formam uma “massa heterogênea” (BUTLER, 2018, p. 218). Ao entender e aceitar os preceitos da Semente da Terra, Lauren estabelece uma pequena comunidade auto sustentável como estratégia para não só dar conta de viver sob esse espaço distópico, como fornecer uma forma de vida inovadora e próspera àqueles que aceitem as verdades da Semente da Terra.

⁴⁵ Taylor Franklin Bankole é uma das personalidades descritas mais sábias do romance. O significado de seu nome vem do ocidente africano, origem yorubá e carrega o significado de construção, casa/lar. Interessante notar que o personagem nos dois romances apresenta a dimensão de mudança interior, desenvolvimento e construção em Lauren, é ele que auxilia ela nas questões do lugar onde pertence e luto para estar. No primeiro, porque é ele que fornece o espaço para criar Bolota, lugar este em que Lauren se constrói enquanto líder e pertencente a um grupo no qual ela vira uma profeta. E em segundo lugar, ele e Lauren concebem Larkin, que, no segundo romance, é o objetivo de Lauren ter ao seu lado e se forma enquanto mãe. Novamente, repito, auxilia, porque ele não faz com que ela mude, ele é um dos caminhos pelo qual ela trilha para alcançar os objetivos.

Bolota surge de um compilado de necessidades que gradualmente vão aparecendo durante o período diaspórico de Lauren. Em um primeiro momento, o objetivo de Lauren, ao sair em direção ao norte, é encontrar um local com melhores condições de vida para se estabelecer, tendo em vista que seu bairro Robledo fora destruído. Durante a peregrinação, Lauren, Zahra Moss e Harry Balter se unem as pessoas que caminham pelas ruas e Olamina logo nota que a multidão forma:

uma massa heterogênea - negras e brancas, asiáticas e latinas - cujas famílias inteiras estão em movimento com bebês nas costas ou em cima de cargas em carrinhos, vagões ou cestas de bicicletas, às vezes junto com uma pessoa idosa ou deficiente. Outros velhos, doentes ou deficientes mancavam como podiam com a ajuda de bengalas ou companheiros mais aptos. Muitos estavam armados com canivetes com bainhas, rifles e, é claro, revólveres visíveis no coldre. Os policiais que passavam ocasionalmente não se importavam.

As crianças choravam, brincavam, agachavam-se, faziam tudo menos comer. Quase ninguém comia enquanto caminhava. Eu vi algumas pessoas bebendo em cantis. Davam goles rápidos e furtivos, como se estivessem fazendo algo vergonhoso ou perigoso.(BUTLER, 2018, p. 218)

Logo, Lauren percebe que andar em grupos maiores é mais vantajoso do que caminhar com pequenas porções de pessoas, visto que nas ruas, as pessoas têm medo de se alimentar, porque ostentar comida e água é um chamado ao roubo, violência e até assassinato e por isso, todos andam armados por questões de sobrevivência e segurança, já que a polícia não fornece qualquer tipo de auxílio. Andar em grandes grupos promove maior estabilidade e segurança aos membros, mas também exigia confiança e lealdade, o que era difícil de estabelecer. Ainda assim, Lauren conhece os Douglas que de início permanecem desconfiados com a receptividade do pequeno grupo, mas ao longo do tempo perceberam que era vantajoso ficar por perto (BUTLER, 2018, p. 257). A família era composta por três membros, um homem de pele preta, uma mulher espanhola e um bebê com menos de um ano; eles unem-se ao trio para tentar conseguir certa solidez e preservação de suas vidas.

Os nomes dos membros da família mista são Travis Charles Douglas, Gloria Natividad Douglas e Dominic Douglas, de seis meses, também chamado de Domingo. Eles cederam e se uniram a nós hoje à noite depois de armarmos acampamento. Nós nos afastamos da estrada para montar acampamento em outra praia, e eles nos seguiram. Assim que nos acomodamos, eles se aproximaram de nós, hesitantes e desconfiados. (BUTLER, 2018, p. 208)

Após um terremoto forte devastar parte da localização em que o grupo se encontrava, um homem negro, com as roupas rasgadas e com aparência estranha se aproxima de Lauren. Um homem inteligente, próximo aos 60 anos, e com formação. Bankole é um médico que oferece além de sua inteligência e logicidade ao grupo, também ajuda os feridos e colabora com a saúde de todos (BUTLER, 2018, p. 228) . O pequeno grupo logo se estende com a chegada também de duas irmãs foragidas de seu pai, que as colocava em situação de prostituição e escravidão. Allison e Jillian Gilchrist, 24 e 25 anos, pobres e sem qualquer tipo de alimento, fogem de uma vida de prostituição, unem-se ao grupo também durante a caminhada (BUTLER, 2018, p. 235). Outras pessoas iam se unindo ao grupo e conforme adentravam também colaboravam com o que podiam, fosse armas, alimentos, roupas.

O grupo segue em caminhada até encontrar Justin Rohr, um menino cuja mãe veio a falecer em Riverside, Califórnia, três anos antes de encontrarem-no. Allie, que tinha sido mãe, mas perdeu seu filho, adotou Justin e cuidava-o dia e noite, protegendo-o (BUTLER, 2018, p. 254). Ele, na verdade, que a escolheu como figura materna, ela não aceitava bem essa ideia, mas por fim uniram-se: Ela resistiu a ele no início. Ela o ignorou ou o empurrou. Mas quando não estava sendo levado, ele escolhia andar com ela ou pedir para ser carregado por ela. No final do dia, ela cedeu. Os dois haviam se escolhido. Aos poucos o grupo ia se unindo e desenvolvendo o instinto familiar e comunitário. Conforme os indivíduos iam entrando no grupo, Lauren ia introduzindo neles os valores e conceitos da Semente da Terra. Por ser um grupo diversificado e unidos por um propósito o objetivo maior de Olamina era fornecer a todos uma identidade e norteá-los quanto à questão da manutenção da comum unidade:

Aceite a diversidade
Una...
Ou seja dividido,
roubado,
dominado,
morto
Por aqueles que o veem como presa.
Aceite a diversidade
Ou seja destruído.
Semente da Terra: Livro dos Vivos (BUTLER, 2018, p. 242)

Semente da Terra não é sempre bem aceita aos membros do grupo, pois muitas dúvidas, questionamentos e diálogos precisaram ser realizados com cada pessoa que se unia durante a jornada. Porém, quando saqueadores invadem o acampamento no qual eles estavam alocados, Jill Gilchrist é assassinada ; além de estarem abalados pela perda de uma companheira, os peregrinos precisam voltar às ruas novamente, pois seu acampamento é destruído. Com sua teologia, Lauren vai aos poucos introduzindo em seus companheiros os valores e identidades de Deus para tanto confortar os que ficaram vivos e em luto pela amiga, quanto para instigá-los a crescerem espiritualmente e fisicamente, aprendendo a acostumarem-se com as instabilidades da vida que eles têm.

Quando se lê e busca-se apropriar da Semente da Terra e o que ela propõe, pode parecer de certa forma uma religião fatalista e determinista, mas na verdade, o que a religião propõe é o entendimento que nada é fixo e imutável. O que está acontecendo agora, pode a qualquer momento mudar e desestruturar os planos de qualquer possível estabilidade:

Como vento,
Como água,
Como fogo,
Como vida,
Deus
É criativo e destrutivo,
Exigente e generoso,
Escultor e argila.
Deus é Potencial Infinito;
Deus é mudança.

- Semente da Terra: o Livro dos Vivos (BUTLER, 2018, p. 335)

Nessa realidade inexorável que eles vivem, o sistema regente é como um projeto antiutópico que a todo momento extermina, escraviza e deslegitima todo e qualquer cidadão desafortunado. Além disso, como resultado das explorações, a natureza continua a mandar seus recados de que está esgotada, através dos constantes terremotos (BUTLER, 2018, p. 23), solo seco e infértil (idem, 2018, p. 87), árvores secas, quando não mortas (idem, 2019, p. 23), temperaturas excessivas e faltas de chuva (idem, 2018, p. 10).

Pelo conhecimento dos peregrinos, na região norte os fenômenos ecológicos aparentemente não acontecem com tanta frequência e por isso sua meta é sair da Califórnia. Bankole oferece a Lauren sua terra “nos montes na costa perto do Cabo Mendocino” (BUTLER, 2018, p. 338):

Tenho 121 hectares- disse ele - Comprei a propriedade anos atrás como investimento. Haveria uma vasta construção de residências lá e os especuladores como eu ganhariam muito dinheiro vendendo a terra aos desenvolvedores. O projeto fracassou por algum motivo, e eu fiquei com terras que podia vender e ter prejuízo, ou manter. Eu mantive. A maior parte dela é boa para cultivo. Tem umas árvores e uns tocos gigantes. Minha irmã e o marido dela construíram uma casa e alguns anexos. (idem, 2018, p. 339)

Porém, Lauren não podia abandonar seu grupo por Bankole. Ela sabia que viveria em certa segurança e com abundância nas terras do namorado, mas antes de pensar em si, ela privilegia a manutenção de sua comunidade e do bem-estar de todos. A Semente da Terra para Lauren não era somente um conjunto de verdades, como ela mesmo diz, mas um propósito de vida que transcende suas necessidades individuais: “levo a Semente da Terra muito a sério. Não poderia levar mais a sério do que levo” (BUTLER, 2018, p. 341). E por isso, ela pede ajuda a Bankole para a construção de uma comunidade consolidada.

- Você poderia me ajudar - falei.
 - Ajuda com o quê? Tem alguma ideia a respeito do que fazer?
 - Começar a primeira Comunidade Semente da Terra.
- Ele suspirou.
- Você poderia me ajudar - repeti - Este mundo está ruindo. Você poderia me ajudar a começar algo com propósito e construtivo.
 - Vai consertar o mundo é? - perguntou ele, divertindo-se. [...]
 - Tudo bem se você não acredita, mas não ria. Você sabe o que significa ter algo em que acreditar? Não ria. (BUTLER, 2018, p. 342)

O primeiro obstáculo de Lauren é fazer com que Bankole entenda a importância estabelecer-se em um local pastoral onde não apenas os dois estejam seguros e cuidando um do outro, mas o próprio grupo fazendo isso como uma corrente de pessoas diversas e dispostas. Porém ele entende que o objetivo de Lauren é fazer uma grande revolução para mudar o mundo, mas ela lhe explica: “Consertar o mundo não é o propósito da Semente da Terra. [...] Este mundo seria um lugar melhor se as pessoas vivessem de acordo com a Semente da Terra” (BUTLER, 2018, p. 342). Após discussões, Bankole cede suas terras para Lauren estabelecer um espaço transformador.

Modificar completamente a estrutura complexa que já existe não diz respeito aos objetivos da Semente da Terra. Ainda assim, as observações sobre as

realidades do mundo são essenciais para a produção da pequena comunidade, para a partir disso, criar estratégias para esse grande grupo diverso. É perceptível que a pobreza, escravidão e mortes recaem majoritariamente em negros e latinos; e são essas as pessoas que compõem o grupo que Lauren formou.

Então, antes quando falávamos que o espaço distópico se destinava a uma parte específica da população, nessa narrativa destacam-se exatamente as pessoas de cor. Se analisarmos, por exemplo Bankole, notamos que ele não é a exceção da regra, mas a exceção que confirma a regra. Ele é um dos poucos negros de sua idade que possui formação e mesmo com toda a sua inteligência, não conseguiu um emprego digno e precisou ir para as ruas também. Ele obteve vários desafios para conseguir ascender socialmente e conseguir se inserir em outra realidade, exatamente por ser uma exceção.

A Comunidade Semente da Terra é para Lauren uma maneira de transgredir o espaço capitalocênio instaurado através da produção de um espaço que entenda que o mundo não tem como mudar, mas que é possível criar estratégias para sobreviver. Moylan vai dizer que dentro de uma narrativa, isso pode ser chamado de produção de uma distopia crítica:

Embora a posição distópica crítica continue os avanços qualitativamente progressivos da política de identidade, ela também leva a imaginação política para o reino mais amplo de uma política de aliança democraticamente unificada [...]; também revive e privilegia análises totalizantes que consideram todo o sistema político-econômico e a política transferencial que são capazes de romper esse sistema e forjar uma alternativa radical em seu lugar. (MOYLAN, 2000, p. 190, minha tradução⁴⁶)

Para que seus planos dêem certo, a comunidade alternativa de Lauren precisa implementar uma abordagem autossustentável para respeitar o ciclo produtivo natural da terra. A proposta da comunidade é estabelecer um espaço de parceria com a natureza, para desenvolver o “oikeios” sem a utilização do solo para exploração, mas para autoconsumo, desenvolvendo um lugar auto-sustentável. A existência da Natureza reúne todos os elementos e fenômenos ambientais e que possui “capacidade performativa, criadora de cultura e política” (ARÓZ, 2016, P. 06).

⁴⁶ Citação original: “Although the critical dystopian position continues the qualitatively progressive advances of identity politics, it also takes the political imagination into the larger realm of a democratically unified alliance politics; [...] t also revives and privileges totalizing analyses that consider the entire political-economic system and the transformative politics tl-tat are capable of both rupturing that system and forging a radical alternative in its place” (MOYLAN, 2000, p. 190)

Para que esse sistema se desenvolva, os membros da comunidade precisam de colaboração interna, divisão interna de trabalho, além de dedicação entre eles e cuidado. Com isso em mente, Lauren estabelece algumas regras para o bom convívio da Comunidade:

- Mas me diga, O que as pessoas têm que fazer para serem bons membros da Comunidade Semente da Terra?
- O básico - respondi - é aprender a moldar Deus com premeditação, cuidado e trabalho; educar e beneficiar sua comunidade e a elas mesmas; e contribuir com a realização do Destino. (BUTLER, 2018, p. 324)

Além disso, Lauren estabeleceu um nome para a comunidade, em alternativa a Semente da Terra, e também propósitos. Em conjunto com o grupo, eles nomeiam o lugar de Bolota (BUTLER, 2018, p. 408), um nome significativo e que remete Lauren à sua casa (idem, p. 77), além do fato que a personagem sempre carregava a semente para todos os lugares, pois além de ser facilmente cultivada, também servia para a feitura de diversos alimentos. A semente em si representa tudo aquilo que Lauren faz pela sua comunidade; fornecer um espaço confortável no qual os membros possam sentir-se em casa, um local para plantar e colher frutos (sejam eles literais ou figurativos⁴⁷), que abrace as diversidades e haja uma corrente colaborativa.

O projeto de Lauren se aproxima do que Sargent explica ser uma “prática utópica”, que são comunidades criadas por um propósito maior:

A prática utópica inclui o que agora é mais frequentemente chamado de comunidades intencionais, ou comunas, mas que já foram chamadas por muitas outras coisas, incluindo comunidades utópicas, experimentos utópicos e utopias práticas. [...] uma comunidade intencional é um grupo de cinco ou mais adultos e seus filhos, se houver, que vêm de mais de uma família nuclear e que escolheram viver juntos para aprimorar seus valores compartilhados ou para algum outro propósito mutuamente acordado. (SARGENT, 2010, p. 31, minha tradução⁴⁸)

⁴⁷ Literal no sentido de plantar sementes para colher os frutos que lhe fornecerão para subsistência, como alimentação. Enquanto no sentido figurativo, abarca a idéia sobre as escolhas feitas no presente e os impactos no futuro.

⁴⁸ Citação original: “Utopian practice includes what are now most often called intentional communities, or communes, but were once called by many other things, including utopian communities, utopian experiments, and practical utopias. [...] an intentional community is a group of five or more adults and their children, if any, who come from more than one nuclear family and who have chosen to live together to enhance their shared values or for some other mutually agreed upon purpose.” (SARGENT, 2010, p. 31)

Em definição, poderíamos chamar o assentamento Bolota de uma tentativa de aplicação de um projeto utópico baseado no Marxismo Ecológico como alternativa a essa realidade distópica. O que viemos discutindo até aqui é o potencial destrutivo do *modus operandi* do Capitalismo e quais os impactos no meio ecológico e social. Karl Marx, em 1844, já alertava sobre as consequências dos desequilíbrios ambientais para a qualidade da vida humana e da natureza (2004, p. 112), considerando que o homem e a natureza não são dimensões distintas e fragmentadas, mas que sim coexistem e interagem a todo momento. Lauren tem essa visão de que é impossível viver sem uma coexistência saudável entre o homem e o que lhe cerca. Marx nos ajuda aqui para refletir sobre o conceito de natureza, como acontece a interação dela com o ser humano e como as relações humanas e extra-humanas ficam à mercê das necessidades econômicas dos capitalistas:

A natureza é o corpo inorgânico do homem, isto é, a natureza na medida em que não é ela mesma o corpo humano [...] o homem vive da natureza; isso significa que a natureza é seu corpo com o qual ele deve permanecer em um processo contínuo, para não perecer. O fato de que a vida física e espiritual do homem depende da natureza não significa outra coisa senão que a natureza está relacionada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza. (MARX, 2004, p. 112, minha tradução)

Dentro dessa nova terra, formando a comunidade, Lauren implementa um modelo de vida alternativo às ruas, e para que isso aconteça ela propõe aos membros da comunidade uma série de práticas pautadas no apoio mútuo e na colaboração; incorporação dos conhecimentos possuídos pelos membros, para que, através da educação, as sabedorias sejam compartilhadas; evolução espiritual, através das reflexões dos escritos em O Livro dos Vivos; em suma, "libertá-los do passado podre e talvez incentivá-los a se salvar e construir um futuro que faça sentido" (BUTLER, 2019, p. 79):

A semente da Terra tem a ver com preparar-se para satisfazer o Destino. Tem a ver com aprender a viver em parceria uns com os outros em comunidades pequenas, e ao mesmo tempo, criar uma parceria sustentável com nosso ambiente. Tem a ver com tratar a educação e a adaptabilidade com os essenciais absolutos que são. (BUTLER, 2019, p. 468)

Para entendermos o funcionamento de Bolota, partiremos da existência da Natureza que reúne todos os elementos e fenômenos ambientais e que possui

“capacidade performativa, criadora de cultura e política” (ARÓZ, 2016, P. 06). Utilizaremos o Marxismo Ecológico, uma corrente teórica que emerge das discussões e reflexões de Marx, que nos ajudará aqui a refletir sobre o conceito de natureza, como acontece a interação dela com o ser humano e como as relações humanas e extra-humanas ficam à mercê das necessidades econômicas dos capitalistas. Em “Manuscritos Filosóficos de 1844”, Marx faz uma definição sobre existência humana ser intrínseca à natureza:

A natureza é o corpo inorgânico do homem, isto é, a natureza na medida em que não é ela mesma o corpo humano [...] o homem vive da natureza; isso significa que a natureza é seu corpo com o qual ele deve permanecer em um processo contínuo, para não perecer. O fato de que a vida física e espiritual do homem depende da natureza não significa outra coisa senão que a natureza está relacionada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza. (MARX, 2004, p. 112, minha tradução)

Os primeiros passos para ecologia-mundo que compreenda as múltiplas configurações naturais surgem desse ideal de pertencimento humano com a “matriz dentro da qual as atividades humanas se desenrolam e o campo no qual agentes da história operam” (MOORE, 2016, p.170). Partindo dessa perspectiva, o ser humano poderia ter um relacionamento saudável com sua base, entretanto o desenvolvimento da produtividade capitalista está pautada no domínio da natureza e de sua exploração para a reprodução do capital:

Ao produzir, o homem pode apenas proceder como a própria natureza, isto é, pode apenas alterar a forma das matérias. Mais ainda: nesse próprio trabalho de formação ele é constantemente amparado pelas forças da natureza. Portanto, o trabalho não é a única fonte dos valores de uso que ele produz, a única fonte da riqueza material. O trabalho é o pai da riqueza material, como diz William Petty, e a terra é a mãe. (MARX, 2011, p. 167)

Partindo desse ideal, o caminho para a liberdade - pensando sob um viés ecológico e social - é a manutenção da relação saudável do “Oikeios” (MOORE, 2016, p. 165). Bolota não busca uma evolução econômica, em um primeiro momento, mas a estabilização e fornecimento de sobrevivência, para isso precisaram cultivar a “área vazia” e selvagem [...] toda coberta por mato seco e tocos de árvore” (BUTLER, 2019, P. 389).

As terras localizadas no condado de Humboldt tornam-se o lar de Semente da Terra. Apesar de ser uma terra que não transparece esperança, todos concordam que o local é o mais seguro levando em consideração o mundo em que

estavam enfrentando e também suas condições sociais. O grupo consente com o fato de que permanecer nas ruas além de encontrarem a violência bruta, podem a qualquer momento serem roubados, mortos ou escravizados. Eles optam por se estabelecer no local, plantam carvalhos que têm como frutos as Bolotas (BUTLER, 2018, p. 408), e mesmo que a área esteja seca, é um local com alto índice de fertilidade e só precisa ser cuidado, visto que nas regiões próximas há grandes sequóias e carvalhos (idem, p. 389). O foco é cuidar da Terra e plantar para conseguir alimentos, de maneira não agressiva e para subsistência, respeitando a reestruturação que o espaço precisa e regidos sob a crença que Deus está presente no novo ciclo:

Aceite as imagens
que Deus ofereceu,
Elas estão em todas as partes,
Em tudo.
Deus é mudança,
Semente para a árvore,
árvore para a floresta;
Chuva para o rio,
rio para o mar;
Larvas para abelhas.
abelhas para a colmeia.
De uma, muitas.
de muitas, uma;
Para sempre unidas, crescendo, se dissolvendo...
Sempre Mudando.
O universo
é o autorretrato de Deus.

- Semente da Terra: O livro dos vivos (BUTLER, 2018, p. 391)

Quando se fala de natureza e ecologia reconhece-se também a presença do ser humano e as ações dele correlativas ao espaço que ele ocupa, “Oikeios” diz respeito à “relação criativa, histórica e dialética entre, e também, sempre dentro das naturezas humanas e extra humanas” (MOORE, 2016, P. 169). Então uma relação saudável “Oikeios” compreende não só a forma como o homem convive e modifica o espaço que vive, como também as formas sociais em que as pessoas se organizam. Por essa razão, ao estabelecer Bolota, a aceitação da diversidade (BUTLER, 2018, P. 242), rejeição ao autoritarismo (idem, 2019, p. 200) e a organização e separação de trabalho foram as prioridades da comunidade. Os integrantes colaboravam com as plantações e colheitas, e principalmente cuidavam da busca e obtenção do conhecimento que é um dos valores pilares comunitário

Todo membro da Semente da Terra aprendeu a ler e a escrever, e a maioria sabia pelo menos dois idiomas - normalmente espanhol e inglês, uma vez que eram os mais úteis. Qualquer pessoa que entrasse no grupo, criança ou adulto, tinha que começar logo a aprender o básico e adotar um ofício. Quem tinha um ofício estava sempre ensinando-o para outra pessoa. (BUTLER, 2019, p. 39)

O romance *A Parábola do Semeador* assim como o conto bíblico (BÍBLIA, Matheus 13:3-23) dialoga sobre como a condição/situação juntamente com as habilidades individuais são capazes de reproduzir uma mensagem, que em boas circunstâncias, são gerados bons resultados. O caminho que Lauren encontra em sua jornada é de muita dificuldade, mas ao encontrar bons solos (sejam eles pessoas boas, locais habitáveis), ela tem como desfecho sua comunidade onde tanto ela consegue semear como produzir mais frutos. Enquanto em *A Parábola dos Talentos* todo o fruto semeado e cuidado é posto à prova. Assim como na própria *Parábola dos Talentos* bíblica (BÍBLIA, Matheus 25:14-10) para se observar se terão ou não bons resultados.

No romance, apesar de Bolota obter sucesso quanto a seus objetivos, o paradigma social das ruas segue o mesmo espaço catastrófico. Os membros de Bolota, ainda que recolhidos dentro da comunidade, conseguem coletar informações sobre a situação exterior ao meio deles: “Temos que fazer um esforço especial para receber notícias de fora.” (BUTLER, 2019, p. 115) E me refiro a notícias verídicas e não rumores [...]”. O que eles descobrem são as constantes guerras travadas entre países, não identificam ao certo porquê os embates acontecem, mas normalmente se localizam entre as fronteiras; as constantes mudanças climáticas, que agora aparentam estar mais agressivas e como consequência o nível do mar sobe a cada dia, fazendo com que pessoas que vivem nos litorais precisem fugir dos locais; a inserção de uma alta tecnologia presente em coleiras, que agora possuem diversas funções sensoriais - boas ou ruins.

Outra notícia chegada em Bolota foi a eleição de Jeret, cristão fundamentalista, que vence Edward Jay Smith com o discurso base de refazer a América e transformá-la em progressista novamente através do cristianismo. Nas palavras de Lauren, o objetivo de Jarrett é homogeneizar a sociedade, não se importando com as destruições e privações decorrentes da atual sociedade:

A atual situação do país não serve para ele. Ele quer levar todos nós de volta a uma época mágica na qual todo mundo acreditava no mesmo Deus, o adorava da mesma maneira e compreendia que a sua segurança no universo dependia de realizar os mesmos rituais religiosos e de esmagar todo mundo que fosse diferente. Nunca houve um tempo assim neste país. Mas atualmente, quanto mais da metade das pessoas do país não sabe ler, a história é só mais um grande desconhecido para elas. (BUTLER, 2019, p. 33).

Lauren reforça que o objetivo da Comunidade Semente da Terra é liberdade, e que eles permaneçam crescendo, tornando-se fortes, produzindo conhecimento e "melhorando a comunidade" (BUTLER, 2019, P. 142), mas para que isso aconteça é preciso cuidar para que os líderes também tenham os mesmos objetivos e o perfil comportamental deve ser a primeira característica observada. E como um presságio dos acontecimentos que estariam por vir, Lauren escreve:

Escolha seus líderes
com sabedoria e premeditação.
Ser liderado por um covarde
é para ser controlado
por tudo o que o covarde teme.
Para ser conduzido por um tolo
é para ser conduzido
pelos oportunistas
que controlam o tolo.
Para ser conduzido por um ladrão
é oferecer
seus tesouros mais preciosos
para ser roubado.
Para ser liderado por um mentiroso
é perguntar
para ouvir mentiras.
Ser liderado por um tirano
é se vender
e aqueles que você ama
na escravidão. (BUTLER, 2019, p. 186)

Bolota é invadida pelos seguidores de Jerrett, esses que não só queimaram as instalações produzidas pelos membros, como também mataram, violentaram e sequestraram todas as pessoas da comunidade. Bankole é assassinado e Larkin é retirada de sua mãe para ser encaminhada para uma família cristã - com o objetivo de reeducar a criança e fazer com que cresça em um lar doutrinado pela religião padrão da sociedade norte-americana. Além do material físico, os agressores queimaram patrimônio histórico e cultural da Semente da Terra:

Bolota sempre foi repleta de histórias horríveis. Não havia um adulto entre nós que não tivesse uma. Mas tínhamos nos unido, vivido juntos, ajudado uns aos outros, sobrevivido, lutado, tínhamos feito isso. *Tínhamos feito tudo isso!* Tínhamos construído uma boa casa para nós, estávamos levando a vida honestamente. Agora pessoas com cruces vieram e colocaram coleiras de escravos em nós. (BUTLER, 2019, p. 251-252, grifos da autora)

As memórias físicas são construções e os processos desenvolvidos pelos membros são queimados como uma prática de destruição e aniquilação de um povo, de sua cultura e suas memórias. Atear fogos em livros foi uma prática realizada por parte da Igreja Católica na época da Inquisição, prática realizada também em específicos governos militares. É uma maneira também de combater a disseminação do discurso e de uma ideologia pregada com o objetivo de manter o belo e o funcional novo sistema a ser instaurado (que seria a proposta de Jerrett). Essa prática lembra a estratégia utilizada pelos bombeiros em “Fahrenheit 451” e a busca pela construção de um sistema político que moldava a maneira que as pessoas deveriam aprender ou formar opiniões e pensamentos. Tanto para os bombeiros de *Fahrenheit* quanto para os Cruzados de *Talentos*, os livros são uma ameaça a estabilidade e seguimento de um projeto:

Eles queimaram nossos livros e nossos papéis. Eles queimaram tudo o que puderam encontrar do nosso passado. É tudo lixo ímpio, dizem eles. Nos obrigaram a buscar, carregar, empilhar e empilhar tudo o que amávamos. Eles nos observavam, com as mãos nos cintos. Todos os livros em papel e em disquete. Todas as coleções que nossos filhos mais novos reuniram de minerais, sementes, folhas, gravuras... Todos os relatórios, maquetes, esculturas e pinturas que nossos filhos mais velhos fizeram. Todas as músicas que Travis e Gray escreveram. Todas as peças que Emery escreveu. Toda a parte do meu diário que eles puderam encontrar. Todos os documentos legais, incluindo certidões de casamento, recibos de impostos e a escritura de Bankole sobre a terra. Todas essas coisas, nossos professores jogaram óleo de lamparina e queimaram, depois juntaram, mexeram e queimaram novamente. (BUTLER, 2019, p. 214)

Por um momento, dentro da pequena comunidade utópica de Bolota se estabelece um espaço próximo ao perfeito, em um contexto social comunitário com uma qualidade de vida sustentável, ou como próprio Bankole diz “uma comunidade saudável e jovem, mas que o mundo ao redor não é saudável” (BUTLER, 2018, p. 131); mas logo a distopia retorna e junto com ela destaca o aspecto da perspectiva. Para os membros de Bolota, o fogo representa a destruição de todas as suas produções históricas já que, para que aquele espaço pudesse ser criado e estivesse funcionando em ordem, eles precisavam de uma organização. Entretanto, para os

Cruzados e para Jerrett o sistema e as propostas de Semente da Terra ameaçava os preceitos de suas ideologias e atrapalha o desenvolvimento de um projeto utópico para transformar “ a América grande novamente” (BUTLER, 2019, p. 32). Não existe uma Utopia que agrade a todos.

A comunidade localizada em Humboldt é totalmente destruída e transformada em um “Campo Cristão” (idem, p. 250) onde os membros de Bolota são alocados. Com coleiras eletrônicas em seus pescoços, eles não conseguem fugir ou rebelar-se contra os seus professores, pois facilmente são expostos a torturas. Aqui a tecnologia avançada das coleiras entra como um instrumento de controle social e Claeys (2022, P. 67, minha tradução⁴⁹) já argumentava “que a tecnologia pode ser usada para a consolidação do poder governamental autoritário”.

Fiquei sabendo que as coleiras são sofisticadas demais. As antigas - que geralmente acabavam sendo usadas como cintos - só causavam dor. Elas davam choque e às vezes davam choque ou matavam pessoas. As novas coleiras não matam, e podem ser usadas por meses ou anos, e usadas com frequência para infringir castigos. São programadas para resistir à remoção ou a destruição, provocando dores fortes o bastante para causar perda da consciência. Soube também que algumas coleiras podem inclusive oferecer recompensas simples e deliciosas de prazer por bom comportamento, causando mudanças na química cerebral e estimulando quem as usa a produzir endorfinas. (BUTLER, 2019, p. 215-216).

Mas Bolota transcende a estrutura física, porque os valores e princípios que orientam a vida dos membros da comunidade permanecem em cada membro. Quando as coleiras finalmente param de funcionar após uma tempestade, Lauren vai em busca de sua filha e sugere que o grupo se separe: “[...] sobrevivemos juntos a escravidão, mas eu não achava que poderíamos sobreviver juntos a liberdade. Desfiz a comunidade Semente da Terra e mandei parte deles para muitos lugares. Acho que era a coisa certa a se fazer.” (BUTLER, 2019, p. 349). Alguns anos a frente, Lauren consegue rearticular um novo projeto de Comunidade Semente da Terra para atingir o propósito de colonizar outros planetas:

⁴⁹ Citação original: “[...] that technology can be used for the consolidation of the power of authoritarian governments.” (CLAEYS, 2022, p. 67)

Mas podemos fazer algo que nenhuma outra espécie animal jamais teve a opção de fazer. Podemos escolher: podemos continuar construindo e destruindo até destruímos a nós mesmos ou destruímos a capacidade de nosso mundo de nos sustentar. Ou podemos fazer algo mais de nós mesmos. Podemos crescer. Podemos deixar o ninho. Podemos cumprir o Destino, construir lares para nós mesmos entre as estrelas e nos tornar uma combinação do que queremos nos tornar e tudo o que nossos novos ambientes nos desafiam a nos tornar. Nossos novos mundos vão nos refazer à medida que os refazemos. E algumas das novas pessoas que surgirem de tudo isso desenvolverão novas maneiras de lidar com isso. Eles terão que fazer isso. Isso quebrará o velho ciclo, mesmo que seja apenas para iniciar um novo, diferente.

Aqui novamente retorna o projeto utópico da construção de um bom lugar inexistente pensado para melhorar a vida humana. O céu de Semente da Terra é a construção de um paraíso pragmático, mais modesto mas que expressa o desejo radical de uma qualidade de vida coletiva melhor. Para melhor compreensão da dos propósitos de Lauren, uso dois conceitos de Sargent (1994, p. 9): o objetivo de Olamina é construir um sonho social - “utopianismo” - que venha a se transformar numa sociedade perfeita (que ainda não está no plano real), detalhada e também localizada no tempo e também no espaço - *utopia*.

O movimento crescente de Semente da Terra financia e explora as produções tecnológicas para enviar pessoas para fora da Terra e também segue com o objetivo de produção de conhecimentos aqui:

Apesar dos esforços da América Cristã e de outras denominações, sempre houve cultos por aí. É verdade que a Semente da Terra era um culto incomum, que financiava a exploração científica e a investigação e a criatividade tecnológica. Criou escolas primárias e, por fim, faculdades, e ofereceu bolsas integrais para alunos pobres, mas talentosos. Os alunos que aceitaram tiveram que concordar em passar sete anos ensinando, praticando medicina ou usando suas habilidades para melhorar a vida nas muitas comunidades Semente da Terra. Em última análise, a intenção era ajudar as comunidades a se lançarem em direção às estrelas e viverem nos mundos distantes que encontraram ao redor dessas estrelas. (BUTLER, 2019, p. 494).

Ao final do romance, os ônibus espaciais são enviados ao espaço enquanto Lauren reflete sobre sua criação e o resultado de seu projeto de vida. sob sua perspectiva alcançar o céu era promover um novo recomeço à espécie humana com o objetivo de não repetir os mesmos erros exploratórios do ambiente. Enquanto defendia também a eternidade, mas não da alma ou do espírito, era a imortalidade da espécie através de novas gerações que iriam crescer e perpetuar a vida. Aos 81 anos, ela e Harry acompanham a partida dos primeiros humanos que levam consigo

um conjunto de objetos, elementos para que possam se estabelecer no novo lugar. Somente as cinzas de Olamina irão ao espaço na esperança e no desejo que o recomeço seja só de sonhos e utopias.

4. Considerações Finais

“A civilização é para os grupos o que a inteligência é para os indivíduos. A civilização oferece meio de combinar informação, experiência e criatividade de muitos para conseguir uma constante adaptabilidade do grupo”

Octavia Butler, 2019

Neste trabalho, propôs-se analisar e refletir sobre os impactos do Capitaloceno nas diversas dimensões que compõem a sociedade Norte Americana a partir dos anos 2024 dentro da duologia “Semente da Terra”. Em suas obras, Butler dirige explicitamente a ideia de que as falhas dos sistemas atuais levam a espaços distópicos. Ela foca essencialmente nos efeitos capitalocênicos e sua responsabilidade na destruição da harmonia ecológica e social. Nos últimos anos, recorrentemente, observamos nas mídias sociais o apelo ao cuidado com o ambiente, consequências dos aumentos das temperaturas, resultados dos fenômenos naturais agressivos que gradualmente aumentam a cada ano. O conceito do Capitaloceno é utilizado nesta dissertação como uma necessidade de provocar discussões em torno das crises ambientais pensando como o Capitalismo e seu *modus operandi* reformulam o funcionamento natural ecológico e impactam diretamente a dinâmica das naturezas humanas e extra humanas nos romances.

Como Moore(2016, p. 81) defende, a cultura por trás do Capitaloceno não pode ser direcionada a todo e qualquer ser humano, há um agente sistemático ativo responsável por essa reorganização da natureza. E por consequência, há um receptor passivo das consequências ecológicas. Em *A Parábola do Semeador*, as crescentes das guerras e o aumento das explorações naturais têm como resultado a intensificação do aquecimento global em seu ápice, transformando a Terra em um lugar quase inabitável. Com a exaustão dos recursos naturais, uma parcela dos norte-americanos enfrentam diariamente uma crise geral no sistema de vida e no sistema Terrestre. A outra parte da população, que ainda possui condição financeira, consegue manter uma vida sustentável, mas a grande maioria da população enfrenta um espaço distópico o qual Claeys caracteriza pelo colapso social, político e também ecológico (2022, . 61).

Como cita o autor Peter G. Stillman, Octavia Butler, como escritora distópica "percebe tendências perigosas na sociedade contemporânea e as intensifica em seus futuros imaginados para prevenir os perigos latentes no presente e encorajar os leitores a pensar e agir para prevenir possíveis futuros distópicos." (2003, p. 15,

minha tradução⁵⁰). As distopias apresentam a característica de profetizar e precipitar situações conectadas com o presente refletindo as angústias coletivas deslocando a narrativa para o futuro. Butler reflete em suas distopias nas causas das crises sociais e ecológicas através da dinâmica sistêmica de Los Angeles. Sua narrativa produz um espaço alternativo representado pela articulação do convívio adoecido com a ecologia “Oikeios” permitindo que seus leitores.

Em contraponto a essa realidade, nossos estudos levam à conclusão de que A Semente da Terra, nesta realidade, torna-se uma ferramenta eficaz para transformar a consciência de seus membros, alertá-los sobre a situação e incentivar a modificação através da sustentabilidade e da comum unidade entre todos. Não é somente um sistema de crenças, mas uma busca de reformulação nas relações de hierarquia social prezando pela igualdade entre membros e acolhimento das diversidades.. A força da religião e da comunidade se encontra essencialmente em seus membros que seguem um estilo de vida seguindo o princípio que não importa se você é uma pedra, humano ou um inseto (BUTLER, 2018, p. 56) aos olhos de Semente da Terra todos são iguais.

O objetivo totalizante da Semente da Terra é alcançar outros universos, ou seja, sair da Terra para colonizar outros espaços utilizando as configurações estabelecidas na comunidade. A ida para um novo espaço tem como expectativa apostar em novas possibilidades, desfazendo o ciclo repetitivo do Capitalismo de exploração em excesso. A proposta é seguir um modelo de vida próximo ao Marxismo Ecológico, ou seja a convivência saudável com a natureza através do trabalho para conseguir produzir recursos:

Ao produzir, o homem pode apenas proceder como a própria natureza, isto é, pode apenas alterar a forma das matérias. Mais ainda: nesse próprio trabalho de formação ele é constantemente amparado pelas forças da natureza. Portanto, o trabalho não é a única fonte dos valores de uso que ele produz, a única fonte da riqueza material. O trabalho é o pai da riqueza material, como diz William Petty, e a terra é a mãe. (MARX, 2011, p. 167)

O que Marx defende é a ideia de que a interação entre o homem, trabalho e natureza é necessária para obtenção de material, mas o que destrói essa relação

⁵⁰ Citação original: “Octavia Butler perceives dangerous tendencies in contemporary society and intensifies them in her imagined futures in order to forewarn of the perils latent in the present and to encourage readers to think and act to prevent possible dystopian futures.” (STILLMAN, 2003, p. 15)

saudável é a inserção da extração em excesso com o objetivo de acumulação (MARX, 2011, p. 166). Então, a proposta maior da implementação de Bolota nas estrelas é a reversão do exagero da extração para acumulação e propõe a preservação da extração somente para o necessário.

Apesar de um futuro alternativo imaginário pensado e escrito em 1996, as distopias de Butler apresentam um papel social alarmante sobre a conexão da narrativa com os momentos em que vivemos. A duologia aparece como sinais de que, por mais que sejam realidades construídas, refletem tanto os problemas sociais da época escrita, quanto reflete os problemas de nossa conjuntura atual.

Se pensarmos os valores que dominam a sociedade Norte Americana de *Semeador* e *Talentos*, notamos o aumento das hierarquias sociais onde predominam a injustiça, desconfiança e separatismos. Uma sociedade distópica onde poucos vivem de maneira consideravelmente estável e se fecham sob bairros murados para exatamente demarcar suas propriedades e privar entradas e saídas livres. De acordo com Lauren, viver fora de bairros murados é "loucura" (BUTLER, 2018, p. 25), já que a ideia de cidade, sociedade e viver no coletivo é erradicada. Além disso, as instituições públicas foram desfeitas para serem totalmente privatizadas. em resumo há uma desintegração do que entendemos por cidades.

Em 2009, Nelson Baltruis e Maria Camila Loffredo D'Ottaviano em seu artigo "Ricos e pobres, cada qual em seu lugar: a desigualdade socioespacial na metrópole paulistana" registram as diferenças habitacionais entre ricos e pobres. No artigo, os autores discutem a dualidade na produção espacial criada entre os bairros produzidos por ricos e o espaço reservado a pessoas mais pobres:

Uma parte da população mais rica se isola da cidade real e constrói seus espaços de moradia em condomínios e loteamentos fechados, renegando a função pública da cidade, fragmentando o espaço urbano e contribuindo para a consolidação da não-cidade. No entanto, o que se observa é que esses espaços atraem novas favelas, que irão abrigar os trabalhadores e serviços dessas fortalezas, criando o fenômeno dual que pode ser descrito como Alphaville-Alfavela. (BALTRUIS; D'OTTAVIANO, 2009, np)

Os mais afortunados se movimentam para um espaço produzido propositalmente em locais melhores localizados, onde instituem condomínios de alto luxo, com áreas próprias para lazer e principalmente locais destinados à convivência

coletiva totalmente reduzida ao padrão do local, e na maioria das vezes, com instituições próprias para que não haja necessidade de sair para fora dos muros.

Aos mais pobres, são destinados os espaços à margem localizados em lugares - muitas vezes - irregulares, clandestinos ou em morros.

Quando entendemos a distopia como esse espaço de opressão e privação, e ainda, quando defendemos que representam as angústias sociais, enxergar as conexões que a literatura faz com o que já vivemos é pensar que, não é em níveis futuros que viveremos as distopias, mas que elas já se apresentam no nosso cenário sócio, político e ecológico. O corpo terrestre também faz parte. Claeys (2017, p. 190-191) pensa a distopia como uma sociedade que mostra a exploração, escravidão e privação de um grupo específico, e além do sistema separatista entre ricos e pobres, o romance relata como se estabelecem novos mecanismos de exploração e desigualdade social.

Uma das maiores estratégias de exploração apresentadas no romance são as novas faces da escravidão, onde muitas pessoas encontram-se trabalhando sem nenhum tipo de remuneração, sem saneamento básico e quase sempre sob tortura. Não é possível mencionar as reformuladas estratégias de exploração sem citar as “fast fashion” e as formas de trabalho em propriedades privadas. Em 2021, a Organização Internacional do Trabalho (OIT)⁵¹ registrou que mais de 50 milhões de pessoas são vítimas das novas formas de escravidão, mais especificamente mulheres e crianças são desproporcionalmente vulneráveis e apresentam maior número de casos. Assim como no romance, as formas de escravidão têm crescido, se desenvolvido e evoluído cada vez mais, e junto delas a progressão dos sistemas de produção e como consequência desse fator, novas formas de exploração do trabalho humano e da natureza.

E como resposta ao excesso das explorações de recursos, a natureza com o aumento progressivo das temperaturas que já causa crises na fauna e flora afetando diretamente os meios sociais. Para ilustrar as dificuldades vividas, Butler, nos mostra que o aquecimento global não só transformou o ambiente, mas afetou as dimensões sociais e principalmente as pessoas mais pobres. Nos últimos anos, nas mídias, aparecem cada vez mais notícias sobre desastres naturais e as consequências desses para a vida humana. Como exemplo, temos a pandemia de

⁵¹Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_855426/lang--pt/index.htm.

COVID-19 que se alastrou rapidamente pelo globo afetando mais de 270 milhões de pessoas⁵², as fortes queimadas nos EUA e na EUROPA que aumentaram com as ondas de calor no Hemisfério Norte, e sem precisar ir longe, localizamo-nos no Brasil com os desmoronamentos de terra nas regiões norte do país. Todos esses acontecimentos deram força nas discussões ambientais de que as crises são resultado de um agente único, o Capitaloceno.

Como a vida na Terra não tem perspectiva de melhora, ir para as estrelas é o mais alto ponto a ser atingido por Lauren, mas não só por ela. Alcançar o espaço é um sonho antigo da humanidade, explorar como funcionam outros planetas e se seria possível sobreviver sob o clima. Tem-se ouvido muito sobre as expedições para Marte, que antes faziam parte somente do universo da ficção científica, mas cada vez mais tem se tornado um sonho para se realizar. No caso de Lauren, a ida para outro planeta é uma fuga da realidade da Terra, que poderia ou não se tornar uma boa decisão.

A presente dissertação pode ser denominada como um alarme ou um discurso de intervenção para mostrar que a realidade na qual Olamina vive não está distante do que presenciamos no nosso cotidiano. Octavia Butler nos apresenta uma versão defeituosa da humanidade que se encontra em uma situação irreparável, mas que apesar de tudo, tenta encontrar estratégias para sobreviver fora das estruturas insustentáveis do capitalismo. A fuga para as estrelas é a utopia da utopia, já que o seu sonho social é a consolidação de Bolota e a utopia da utopia seria manutenção da configuração da comunidade pastoral no outro planeta. Neste trabalho, não se tem o objetivo de atingir uma conclusão total, mas assim como o final do segundo romance, deixar aberto para possibilidades de interpretações, principalmente relacionado às consequências das alterações nos ciclos biológicos, químicos e físicos e o impacto na vida social.

⁵² Dados retirados de <https://dadoscoronavirus.dasa.com.br/>. Acessado por último em 17 de julho de 2022

Referências Bibliográficas:

ANGUS, Ian. O apartheid ambiental é a norma no Antropoceno - Entrevista com Ian Angus. **Revista IHU on-line**, São Leopoldo, 17 mai. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599026-o-apartheid-ambiental-e-a-norma-no-antropoceno-entrevista-com-ianangus>>. Acesso em 17/12/2021.

AR6: CLIMATE CHANGE. *The Physical Science Basis*. 06 ago. 2021 Disponível em <<https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-i/>> Acesso em: 19 de dezembro de 2021.

ARAÓZ, H. M. Sobre la Naturaleza realmente existente, la entidad ‘América’ y los orígenes del Capitaloceno. Dilemas y desafíos de especie. **Revista Actuel Marx Intervenciones** n. 20, 2016.

BALTRUSIS, N.; D'OTAVIANO, M.C.L. **Ricos e pobres, cada qual em seu lugar: a desigualdade socio-espacial na metrópole paulistana**. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-49792009000100008>> último acesso em janeiro de 2023.

BARCELOS, E. ANTROPOCENO OU CAPITALOCENO: Da simples disputa semântica à interpretação histórica da crise ecológica global. **Revista Iberoamericana de Economía Ecológica**,m Vol. 31, No. 1: 1-17, 2019.

BERALDI, F. **Depois do Futuro**. São Paulo: Ubu, 1ª edição, 2019.

BÍBLIA, N. T. Matheus. In BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia Católica**: Edição Pastoral. Tradução de José Prado. São Paulo: Paulus , 1990.

BOER. R. Religion and Utopia in Fredric Jameson. **Utopian Studies**, Vol. 19, No. 2 (2008), pp. 285-312. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/20719903>> último acesso em 29 de dezembro de 2022.

BRADBURY, R. **Fahrenheit 451**. Biblioteca Azul: São Paulo. 2ª Edição. 2020.

BUTLER, O. **A Parábola do Semeador**. Morro Branco: São Paulo, 2ed, 2018.

BUTLER, O. **A Parábola dos Talentos**. Morro Branco: São Paulo, 2ed, 2019.

Canavan, Gerry, Eden, Just Not Ours Yet: On Parable of the Trickster and Utopia. **English Faculty Research and Publications**. 2019. Disponível em: <https://epublications.marquette.edu/english_fac/533?utm_source=epublications.ma

rquette.edu%2Fenglish_fac%2F533&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCover
> Último acesso em janeiro de 2023.

CARDOSO, A. C. Distopia. **(Novas) Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. p. 109-139

CARVALHO, L. F. M. **O tempo da ruptura do mundo: Antropoceno e Capital**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 2015. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/16098/1/O%20Tempo%20da%20Ruptura%20do%20Mundo_Luhuna%20Carvalho.pdf> último acesso em 02 de maio de 2021.

CLAEYS, G. **The Cambridge Companion to Utopian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Dystopia. **The Palgrave Handbook of Utopian and Dystopian Literatures** Palgrave Macmillan, 2022, p. 53- 79

COELHO, J.T. **O que é utopia**. 2ed. São Paulo: 1981.

COSTA, Claudia L. O Antropoceno como conceito. **Literatura e Arte no Antropoceno: Conceitos e representações**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. p. 107-119

CLAEYS, G. **Dystopia: A Natural History**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

COLTRO, F.; BORINELLI, B. Antropoceno e Capitaloceno: novas perspectivas, velhos combates. In: **Debates Disciplinares XI**. Editora Unisul, 2020, p. 157-175. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14994/5/cap_07.pdf> último acesso em 05 de novembro de 2021.

CRUTZEN, P. J.; STOERMER, E. F. Global change newsletter. **The Anthropocene**, v. 41, p. 17-18, 2000.

CRUTZEN, P. J. Geology of mankind. **Nature**, V. 415, p. 23, 2002.

DA SILVA, D. **Toward a Global Idea of Race**. Borderline: London, 2007, v 27, nº 2, 2007.

FEDERMAYER, Éva. Migrants and Disaster Subcultures in the Late Anthropocene: An Ecocritical Reading of Octavia Butler's Parable Novels. **Hungarian Journal of English and American Studies**, Vol. 23 No. 2, 2017. Disponível em: <<https://ojs.lib.unideb.hu/hjeas/article/view/7320>> Acessado por último em janeiro de 2023.

GLOSSARY ON MIGRATION. **International Organization for Migration**. 2019. Acesso em: 19 de novembro de 2022.

GOMES, Anderson. Aspectos da migração climática em A Parábola do Semeador e The New Wilderness. **ANTARES**, v. 13, n. 29, jan./abr. 2021.

PIRES, T. R. O.; GUIMARÃES, V. **Injustiça ambiental e racismo ambiental: a marca da estratificação sócio-racial nas zonas de sacrifício do estado do Rio de Janeiro**. Projeto de Pesquisa.. 2014-2016, Rio de Janeiro.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Editora UFMG, 2003, Belo Horizonte.

HARAWAY, D. Staying with the Trouble Anthropocene, Capitalocene, Chthulucene. In: MOORE, J. (Ed.) **Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crises of Capitalism**. Oakland: Kairos, 2016, p. 34-76.

HARTLEY, D. Anthropocene, Capitalocene, and the Problem of Culture. In: MOORE, J. (Ed.) **Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crises of Capitalism**. Oakland: Kairos, 2016, p. 154-165.

MOORE, J. De Objeto a Oikeios: Geração do Meio Ambiente na Ecologia Mundial Capitalista. In: **Ensaio em Ciências Ambientais Crises, riscos e racionalidades**. Rio De Janeiro: Garamond Ltda, 2016, p. 167-184.

HERCULANO, Selene. O CLAMOR POR JUSTIÇA AMBIENTAL E CONTRA O RACISMO AMBIENTAL. **Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente** - v.3, n.1, Artigo 2, jan./ abril 2008.

LEFF, E. Ecología y capital. Racionalidad ambiental, democracia participativa y desarrollo sustentable. **Ecomarxism, Political Ecology**. 2013. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/31701755_Ecologia_y_capital_racionalidad_ambiental_democracia_participativa_y_desarrollo_sustentable_E_Leff> Acessado em 19 de novembro de 2022.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Tradução de Donald Nicholson-Smith. Oxford: Blackwell, 1991.

LEWIS, S. L.; MASLIN, M. A.; Anthropocene: Earth system, geological, philosophical and political paradigm shifts. **The Anthropocene Review**, v. 2, n. 2, 2015.

MARX, K. **Critique of the Gotha Programme**. Moscow: Progress Publishers, Volume Three. 1970. Disponível em: <<https://rowlandpasaribu.files.wordpress.com/2013/09/karl-marx-critique-of-the-gotha-programme.pdf>> Acessado por último em janeiro de 2023.

_____. **O capital**. São Paulo: Boitempo Editorial. Tradução Rubens Enderle, 2011.

_____. **Manuscritos económicos-filosóficos de 1844**. Buenos Aires: Colihue, 2004.

MCBRIEN, J. Accumulating Extinction Planetary Catastrophism in the Necrocene. In: MILL, John Stuart. **The Collected Works of John Stuart Mill, Volume XXVIII - Public and Parliamentary Speeches Part I November 1850 - November 1868**. Ed. John M. Robson and Bruce L. Kinzer. London: Routledge, 1988.

MIRZOEFF, Nicholas. **Não é o Antropoceno, é a cena da supremacia branca ou a linha divisória geológica da cor**. Baula, 2016. Disponível em: <<http://www.baula.org/pt/a-ler/nao-e-o-antropoceno-e-acena-da-supremacia-branca-ou-a-linha-divisoria-geologica-da-cor>> . Acesso em: 27 de abril de 2021.

MOHR, D. M.. "Transgressive Utopian Dystopias: The Postmodern Reappearance of Utopia in the Disguise of Dystopia". **Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik**, vol. 55, no. 1, 2007, pp. 5-24. Disponível em <<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/zaa-2007-0103/html>>

MOORE, J. W. El auge de la ecología-mundo capitalista (I): las fronteras mercantiles en el auge y decadencia de la apropiación máxima. **Revista Laberinto** n°38: 2013a, 9-26.

MOORE, J. **From Object to Oikeios Environment-Making in the Capitalist World-Ecology**. Artigo não publicado. Disponível em <<https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.691.5540&rep=rep1&type=pdf>> Último acesso em 08 de novembro de 2021.

MOORE, J. W. **Capitalism in the web of life: Ecology and the accumulation of capital**. Verso Books, 2015.

MOORE, J. Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism. In: MOORE, J. (Ed.) **Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crises of Capitalism**. Oakland: Kairos, 2016, p. 1-11.

MOORE, J. The Rise of Cheap Nature. In: MOORE, J. (Ed.) **Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crises of Capitalism**. Oakland: Kairos, 2016, p. 78-115.

MOORE, J. (Ed.) **Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crises of Capitalism**. Oakland: Kairos, 2016, p. 116-137.

MOORE, J. The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis. **The Journal of Peasant Studies**: v. 44, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/03066150.2016.1235036>> último acesso 05 de novembro de 2021.

MORE, T. **Utopia**. Atlântico Press: versão digital, 2013.

MOREIRA, R. **A Geografia do espaço- mundo: Conflitos e superações no espaço do capital**. Consequência Editora, Rio de Janeiro, 2016.

MOYLAN, T. **Scraps of the Untained Sky**. Oxford Wesview Press, 2000.

MURARI, L. A crise ecológica não é um filme de ficção científica. **Literatura e Arte no Antropoceno: Conceitos e representações**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. p. 109-139.

OLIVEIRA, A.M.S. Relação homem/natureza no modo de produção capitalista. **Pegada: revista de Geografia do Trabalho**, v. 03, Numero Especial, 2002.

OURIQUES, H. A questão ecológica no capitalismo: uma crítica marxista. **Motrivivência**. N. 22, p. 19-38, 2004.

SARGENT, L.T. The Three Faces of Utopianism Revisited. **Utopian Studies**, Vol. 5, No. 1, p. 1-37, 1994.

SARGENT, L. T. **UTOPIANISM: A VERY SHORT INTRODUCTION**. New York: Oxford University Press, 2010.

Sears, R. Butler: To Take Root Among the Stars. **Plaza: Dialogues in Language and Literature**. V. 5, N 2. 2015, p. 22-31.

STILLMAN, P. G. Dystopian Critiques, Utopian Possibilities, and Human Purposes in Octavia Butler's Parables. **Utopian Studies**, Vol. 14, No. 1, 2003. p. 15-35. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20718544>> acesso em 04 de janeiro de 2023.

TORRES. S. Distopia no Antropoceno, ou re(a)presentando o interregno. **Gragoatá**, Niterói, v.26, n. 55, p. 558-587, Mai.-Ago. 2021.

TÜZÜN, H. O. An Ecofeminist Reading of Octavia Butler's Parable of The Sower and Parable of Talents. In: VAKOCH, D. **Dystopias and Utopias on Earth and Beyond**. Routledge, 2021, p. 11-24.

VIEIRA, P. Utopia. **The Palgrave Handbook of Utopian and Dystopian Literatures** Palgrave Macmillan, 2022, p. 25-38.

WEGNER, Philip E. **Imaginary Communities: Utopia, the Nation, and the Spatial Histories of Modernity**. University of California Press: London, 2002.

WITEZE, G. A utopia como gênero de fronteira entre história e literatura. In: IV SRH Simpósio Regional de História: Fronteira e Região . **Anais do IV SHR**. 2012, p. 1-8. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/srhjussara/article/view/475>> último acesso em 16 de dezembro de 2021.

WILLIAMS, E. **Capitalismo e escravidão**. D.W. Brogan: Rio de Janeiro, Ed. americana, 1975.

YUSOFF, K. **A billion black Anthropocenes or None**. The University of Minnesota Press, 2018.

ZALASIEWICZ, J. et al. Are we now living in the Anthropocene? **Gsa Today**, v. 18, n. 2, p. 4, 2008.